

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM TEORIA DA LITERATURA

CARLOS EDUARDO BIONE

A ESCRITA CRÔNICA DE HILDA HILST

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Letras da Universidade Federal
de Pernambuco-UFPE para
obtenção do título de Mestre em
Teoria da Literatura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Zuleide Duarte

Recife
2007

CARLOS EDUARDO BIONE

A ESCRITA CRÔNICA DE HILDA HILST

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Letras da Universidade Federal
de Pernambuco-UFPE para
obtenção do título de Mestre em
Teoria da Literatura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Zuleide Duarte (UFPE)

Recife
2007

Bione, Carlos Eduardo
A escrita crônica de Hilda Hilst / Carlos Eduardo
Bione. – Recife : O Autor, 2007.
215 folhas : il., fig.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de
Pernambuco. CAC. Teoria da Literatura, 2007.

Inclui bibliografia, anexos e apêndice.

1. Literatura brasileira. 2. Hilda Hilst – Crítica e
interpretação. 3. Crônicas. 4. Jornalismo literário. 5.
Estudos culturais. 6. Gêneros literários - crítica I.
Título.

869.0(81)
869

CDU (2.ed.)
CDD (22.ed.)

UFPE
CAC2007-9

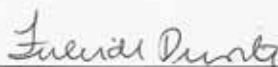
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM TEORIA DA LITERATURA

CARLOS EDUARDO BIONE

A ESCRITA CRÔNICA DE HILDA HILST

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Letras da Universidade Federal
de Pernambuco-UFPE para
obtenção do título de Mestre em
Teoria da Literatura.

Banca examinadora:



Prof.^a Dr.^a Francisca Zuleide Duarte de Souza
(Letras-UFPE)



Prof. Dr. Paulo Carneiro da Cunha Filho
(Comunicação Social-UFPE)



Prof. Dr. Lourival Holanda
(Letras-UFPE)

Recife
2007

AGRADECIMENTOS

À **Prof^a. Dr^a. Zuleide Duarte**, meu sempre renovado agradecimento pela irredutível confiança, pela atenção em todas as horas – sobretudo, nas mais difíceis –, por ter aberto as portas da sua casa e biblioteca, pela segura orientação e, por fim, pelo exemplo de humanidade.

Ao escritor, tutor da obra hilstiana, presidente e sócio-fundador da *Instituição Hilda Hilst Casa do Sol Viva* e amigo **J. L. Mora Fuentes** pela disponibilidade, atenção e gentileza para esclarecer questões decisivas para nossa pesquisa sobre o processo de criação da escritora Hilda Hilst.

À **Prof^a. Dr^a. Cristiane Grando (IFICH-Unicamp)** pelo diálogo e, em especial, pelo incentivo na hora exata.

Ao **Prof. Dr. Deneval Siqueira (UFES)** pela atenção e sugestões.

Aos Professores **Dr. Lourival Holanda (UFPE)** e **Dr. Paulo Cunha (UFPE)** pela leitura atenciosa deste trabalho.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Teoria da Literatura **Alfredo Cordiviola, Anco Márcio Tenório, Ermelinda Ferreira, Luzilá Gonçalves, Roland Walter**, pelas aulas que me instigaram a persistir nos caminhos da Literatura.

À equipe responsável pelo *Fundo Hilda Hilst* do Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE/IEL/Unicamp, **Cristiano Diniz** e **estagiários**, pela gentil atenção e por todos os esforços para viabilizar nossa pesquisa naquela instituição.

Algumas pessoas foram muito importantes para o trajeto desta pesquisa, sem elas, com certeza, o caminho teria sido bem mais difícil:

Cristina Bione (minha mãe) e **D. Ana Bione** (minha avó), pela paciência; **Diogo Fornelos**, pelo incentivo; **Duvennie Pessoa**, pelos “diálogos filosóficos”; **Brenda Carlos** e **Rogério Mendes**, amigos do mestrado, fiéis companheiros nas horas sérias e, principalmente, nas nem tão sérias; **Kassandra Muniz**, pela ajuda e simpática acolhida na Residência do Estudante/Unicamp; **Esdras Júnior**, pela gentil hospitalidade em São Paulo; **funcionárias da Biblioteca Florestan Fernandes-USP**, pela sensibilização e enorme ajuda; os funcionários da secretaria do PPGL-UFPE, **Diva** e **Jozaias**, pela disponibilidade; **Maria José Bione** (*in memoriam*), **Denise Menezes** e **Flávia Peres**, pela torcida carinhosa.

Por fim, agradeço ao **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq**, pelo subsídio concedido a este trabalho.

Para Felipe Ramirez

*Há sentimentos que nos tomam e permanecem dentro de nós
como verdadeiras ruínas que atravessam os tempos.*

RESUMO

Hilda Hilst (Jaú, 1930 - Campinas, 2004) é hoje uma das mais importantes representantes da literatura brasileira contemporânea. Transitando por todos os gêneros: poesia, teatro, ficção, crônica, Hilda Hilst construiu, ao longo dos quase cinquenta anos dedicados exclusivamente à produção literária, um amplo painel da sociedade e da subjetividade brasileiras contemporâneas. Neste trabalho, nos aproximamos mais detidamente das crônicas hilstianas. Publicadas no período de 1992 a 1995, no *Correio Popular*, jornal que circula na cidade de Campinas. Algumas dessas crônicas foram posteriormente reunidas na coletânea *Cascos & Carícias*, em 1998. Produção ainda não contemplada pelos estudos literários, as crônicas hilstianas se constituem num espaço fronteiro e híbrido em que a autora conjuga a densidade estilística e temática de sua obra anterior com a “leveza” que caracterizaria o gênero dito “inocente, sem grandes pretensões”, como apontam alguns poucos teóricos que se dedicaram ao estudo desse gênero *tipicamente brasileiro*, a crônica.

Palavras-chave: Hilda Hilst; crônica; jornalismo literário.

ABSTRACT

Hilda Hilst (Jau, 1930 – Campinas, 2004) is one of the most important representatives of Brazilian contemporary literature. Going over all genres: poetry, fiction, chronicle, play, Hilda Hilst had put up a wide panorama of Brazilian contemporary society and subjectivity throughout almost fifty years exclusively dedicated to literary production. In this paper, we look into the *hilstianian* chronicles. They were published from 1992 to 1995, in *Correio Popular*, a newspaper circulating in Campinas, São Paulo. Some of those were later published in the collection *Cascos e Carícias* in 1998. The *hilstianian* chronicles, not yet given the proper attention in literary studies, take shape in a borderline and hybrid space in which the author conjugates the stylistic density and theme of her previous work with the “tenderness” that characterizes the genre once said to be “naive, unpretentious”, by some of the few critics who studied this *typically Brazilian* genre – the chronicle.

Key-words: Hilda Hilst; chronicle; literary journalism.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
1. Itinerários Hilstianos: Vida, Obra & Recepção Crítica.....	21
1. 1 A Poeta.....	26
1. 2 A Dramaturga.....	33
1. 3 O Fluxo: a linguagem como <i>umasómúltiplamatéria</i>	36
2. Da Arte de Guardar o Tempo: Percursos da Crônica no Brasil do Século XIX ao XX.....	54
2.1 Nos Primórdios da Imprensa Brasileira.....	55
2.2 Surgimento do <i>Fenilleteon</i> na Imprensa Brasileira.....	59
2.3 O Divisor de Águas.....	64
2.3.1 A Contribuição da Crônica Machadiana.....	66
2.4 O Alvorecer do Século XX.....	72
2.4.1 Dos Anos 50 aos 80: Os Anos Dourados da Crônica e a Militância nas Redações.....	75
2.5 A Crônica, Um <i>Puxa-Puxa</i> Literário(?).....	81
3. A Escrita Crônica de Hilda Hilst.....	87
3.1 Bagunçando o Coreto.....	88
3.2 A Santa e a Rameira.....	105
3.3 <i>Ridendo Castigat Mores</i> : O Riso Hilstiano.....	119
3.4 A Construção de um Projeto Literário.....	125
3.5 Vencendo <i>Chronos</i> : a Publicação de <i>Cascos & Carícias</i>	132
Considerações Finais.....	137
Bibliografia.....	140
Anexo I (Crônicas catalogadas pelo CEDAE).....	149
Anexo II (Crônicas publicadas no <i>Correio Popular</i>).....	157
Anexo III (Manuscritos e datiloscritos das crônicas).....	195
Anexo IV (Cartas de leitores publicadas no <i>Correio Popular</i>).....	202
Apêndice.....	208

“Às vezes, me perguntam o porquê de eu ter
optado pelo riso depois de ter escrito as minhas
ficções, meu teatro, minha poesia, com grandes
e constantes pinceladas de austeridade.
Optei pela minha própria salvação.
E disse-o num poema:
[...] porque mora na morte
Aquele que procura Deus na austeridade.”

Hilda Hilst

“O humor foi sempre uma fonte de consolo e uma defesa
contra o desconhecido e o inexplicável”

Keith Cameron

“O riso irônico desmascara o falso sublime, os exageros ridículos
e o pesadelo das vãs mitologias”

Vladimir Jankélévitch

INTRODUÇÃO

Nossa proposta de pesquisa centra-se no estudo da produção cronística da escritora paulista Hilda Hilst, que vai do ano de 1992 a 1995. Temos como **objetivo** destacar e analisar os elementos estéticos, temáticos e estruturais que conferem qualidade artística a esses textos. A partir da análise, buscaremos refletir em que medida essas crônicas revelam o projeto estético de Hilda Hilst, cujas características imprimem-lhe expressividade no contexto da literatura brasileira contemporânea. A **hipótese** que norteará nossa análise é a de que, ao contrário do que a teoria dos gêneros literários define como sendo o perfil da crônica: um texto leve, inocente, “descompromissado” (CANDIDO: 1992, 15), a crônica hilstiana não abre mão de uma dicção forte, contundente, corroborando a coerente construção de um projeto literário.

O projeto inicial desta pesquisa tinha como objetivo desenvolver um estudo sobre a produção cronística da escritora Hilda Hilst coletada no livro *Cascos & Carícias*. Porém, ao começarmos o estudo analítico desse material, percebemos a existência de alguns hiatos na ordem cronológica dos textos que integram a coletânea, fato que nos causou estranhamento, pois à época do lançamento do livro a crítica especializada o divulgou como uma **reunião completa** do período em que a autora havia contribuído para o jornal no qual as crônicas tiveram sua primeira aparição.

Com a intenção de investigarmos o real motivo desses espaçamentos entre uma crônica e outra, já que a publicação original se dava semanalmente, resolvemos consultar o órgão que detém o acervo da escritora.

Assim, no período de maio de 2006, realizamos parte de nossa pesquisa junto ao Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE, órgão que integra o Instituto de Estudos da Linguagem – IEL da Unicamp e que conserva o *Fundo Hilda Hilst*.

Para nossa surpresa, o número de crônicas reunidas na coletânea *Cascos & Carícias*, que é de sessenta textos no total, não representa sequer metade da produção cronística da autora. Até o momento da nossa consulta ao CEDAE, esses textos somavam um montante, entre manuscritos e datiloscritos, de cento e trinta e sete (137) crônicas, sendo boa parte publicada em jornal e algumas inéditas. Na época de nossa pesquisa, como o acervo de Hilda Hilst ainda estava sendo catalogado por uma equipe de quatro pesquisadores, coordenada pelo bibliotecário Cristiano Diniz e mais três estudantes, o número de 137 crônicas era uma parcial até aquele momento. Segundo Cristiano Diniz, responsável pelo *Fundo Hilda Hilst*, seria muito provável que até o final dos trabalhos o número ultrapassasse 150 crônicas.

Diante desse novo horizonte, nosso projeto inicial teve que ser modificado, pois não poderíamos simplesmente ignorar o todo do qual a pequena coletânea fazia parte. Agora, com esse novo material em mãos, a abordagem inicial que havíamos proposto desenvolver para o *corpus* ficaria mais coerente, uma vez que o conjunto das crônicas passou a ser incorporado à pesquisa.

Mudado o foco, da folha para a árvore, nossos objetivos também se alargaram. Diante da qualidade estética desses textos e, principalmente, da coerência com o restante da obra hilstiana, fomos levados – *academia oblige* – a pensar, em âmbito mais amplo da teoria literária, a própria caracterização genológica da crônica para, em seguida, nos aproximarmos das crônicas de Hilda Hilst.

Iniciada no ano de 1992, a partir do convite do editor-chefe do *Correio Popular* de Campinas, a produção cronística de Hilda Hilst surgiu em um momento em que a autora já havia escrito grande parte de sua obra, ou seja, em um momento de pleno amadurecimento artístico. Escritora consagrada pela crítica, nesse período Hilda Hilst se preparava para a obra que ela considerava sua despedida literária, o romance *Estar Sendo. Ter Sido*.

Durante três anos, a autora de obras polêmicas como *O Caderno Rosa de Lori Lamby* e *A Obscena Senhora D* enfrentou a sociedade campinense com suas crônicas ácidas, despudoradas. Com seu estilo inquietante deixou as pudicas senhoras campinenses de cabelo em pé. Transformou a redação do pacato *Correio Popular*, da noite para o dia, num campo de batalha e a secção de *Cartas ao Editor* numa verdadeira tribuna livre onde se confrontavam os defensores da moral e dos bons costumes campinenses e os leitores ávidos por uma voz destoante em meio à hipocrisia que assolava o país.

Pudores à parte, na arte, o fascínio e o incômodo andam de mãos dadas, buscando sempre tirar-nos da inércia e causar-nos impacto transformador. O texto literário é, por excelência, o lugar de experimentação de novas formas de dizer, de apreender o inefável, de se aproximar do incognoscível. Nas palavras de Roland Barthes, o trabalho de “inexprimir o exprimível”. Pura qualidade a ser visualizada, não apenas pensada. No texto literário, “a palavra assume uma forma genérica, torna-se uma categoria. Cada palavra é assim um objeto inesperado, uma caixa de Pandora de onde saem voando todas as virtualidades da linguagem” (Barthes: 2000), ou seja, com o trato poético a simples palavra torna-se palavra prenhe, da qual brotam várias possibilidades significativas. Ela, a palavra, deixa de pagar tributo à

referencialidade de um mundo imediato, pois não está mais a serviço da tradução do real, mas da construção de uma possibilidade do real.

Entre a pretensa objetividade da linguagem referencial das redações jornalísticas – *locus* primevo da crônica – e o labirinto mental da livre subjetividade criativa literária, nesse entre-lugar está o cronista. Confundindo-se por vezes com outros discursos dentro da redação de um jornal, o cronista diferencia-se, porém, do articulista, do colunista e do comentarista. Como elucida o Professor – e também cronista – Affonso Romano de Sant’Anna (2000: 203), aqueles três profissionais

se especializaram em temas determinados: política, economia, futebol, informática, etc. Ao lê-los o leitor quer dados, informação e orientação. Estão tratando de temas da pauta do dia, que podem ser outros amanhã. Eles têm uma obrigação: ser atuais. Colunista, articulista e comentarista podem, eventualmente, abrir-se à subjetividade literária, mas isso é um pequeno desvio que eles logo corrigem.

O cronista, porém, não está alheio aos acontecimentos que enchem as páginas dos diários de notícias. Pelo contrário, é exatamente lá que ele busca matéria para sua escritura. Todavia, há uma substancial diferença na forma como um dado assunto será tratado na pena de um cronista. Diferentemente do comentarista ou colunista, ele labora sua linguagem literariamente, imprimindo-lhe forma e estilo específicos. É-lhe permitido falar em primeira pessoa, assumir um “eu” que rompe com a formalidade, e até mesmo frieza, dos diários de notícias. Entre oscilações de bolsas e obituários, como uma flor pálida amarela que rompe o asfalto, sobrevive o cronista entre as páginas dos grandes Diários. Nas palavras de Carlos Heitor Cony,

o cronista, em meio ao emaranhado de informações, dados e serviços, reduz-se a um pequeno espaço e ali “sem” um assunto, “sem” uma informação, o cronista só tem a oferecer “seu estilo mais sofisticado que só será apreciado por determinados leitores e não pela massa consumidora do jornal ou revista”.

Presa, por definição, ao tempo – *chronus*/crônica – e devido ao meio em que via de regra é veiculada, a crônica padece com o fantasma da transitoriedade. Para quem a escreve, um exercício duplo é imposto: o primeiro de ordem temporal: o desafio da folha em branco que há de ser preenchida antes do encerramento de cada edição, e o segundo de ordem estilística: no mínimo espaço que lhe é destinado, lapidar ao máximo seu texto para quem sabe sobreviver ao seu tempo e assim vingar-se de seu *Chronus*.

Nesse sentido a crônica hilstiana parece ter-se libertado da onipresença daquela divindade. Reunida posteriormente em livro, a cronística de Hilst mostrou qualidade estética e superou seu momento primeiro de aparição. Em consonância com seu projeto literário, a autora não abriu mão de seu estilo debochado e irônico ao tratar de assuntos “amenos” em suas crônicas. Tal postura talvez tenha sido motivada pelas circunstâncias em que Hilda veio a contribuir com o jornal. Ao ser convidada para assinar crônicas no Caderno de Cultura do *Correio Popular*, Hilda Hilst não era uma escritora iniciante, pelo contrário já havia se consagrado grande escritora.

Conhecida por uma prosa ímpar nas letras brasileiras, Hilst também ousou em sua incursão pela crônica. Gênero híbrido e fronteiro por excelência, a crônica foi para a escritora, antes de tudo, uma aprendizagem e um processo de afinação de sintonia com o público. Como afirma o escritor, e amigo da autora,

Mora Fuentes, as crônicas “contribuíram profundamente para que ela ampliasse sua linguagem, conseguisse um despojamento e coragem invejáveis na linguagem. Podia realmente ‘falar’ sobre tudo” (Cf. entrevista em anexo). Além da contribuição para sua escritura proporcionada pela experiência da crônica, HH soube aproveitar o reduzido espaço que lhe era concedido no jornal e transformá-lo numa grande vitrine para sua multifacetada obra, atingindo assim um público maior que o pequeno séquito que costumeiramente lhe acompanhava nas publicações dos livros.

Em alguns depoimentos a autora afirmou ser um exercício prazeroso, o de escrever crônicas. Divertia-se muito com os textos que escrevia e também com a repercussão conseguida entre os leitores. Sempre que podia, respondia todas as cartas enviadas à redação do *Correio Popular*, uma a uma de próprio punho. As ameaças que recebia de ser expulsa de sua chácara, não a intimidavam. Reunia forças, e na semana seguinte estava mais afiada e provocadora. Comovia-se quando encontrava numa simples dona de casa uma interlocutora para dialogar sobre os anseios presentes em seus textos. Em algumas publicações, suas crônicas eram ilustradas com gravuras do artista J. Toledo, o que fazia ampliar a dramaticidade dos textos, pois as gravuras tinham forte expressividade com influência de traços cubistas.

Em meados de 1995, o exercício prazeroso de escrever crônicas havia se tornado uma obrigação semanal e a autora, que já tinha iniciado o processo criativo de seu último romance, *Estar Sendo. Ter Sido*, viu-se obrigada a deixar a crônica para mergulhar no universo mental do protagonista Vittorio.

Mesmo dependendo dos escassos rendimentos de sua produção artística, Hilda Hilst decidiu abrir mão do contrato com o *Correio Popular* pra se dedicar exclusivamente à escritura do romance que seria sua despedida literária.

Apesar da inegável qualidade estética do conjunto da obra hilstiana, ainda não há uma fortuna crítica que abarque esse legado literário. Talvez por ser ainda recente, os estudos acadêmicos sobre Hilda Hilst não somam duas dezenas de trabalhos entre monografias, dissertações e teses.¹

Tendo em mente essa lacuna sobre a produção crítica da obra hilstiana, iniciamos nossos estudos, desde o primeiro contato com o texto de Hilda Hilst em meados de 2000, com a intenção de aprofundarmos alguns temas que foram tratados em nossa monografia apresentada na conclusão do curso de Bacharelado em Letras/Crítica Literária desta Instituição (BIONE: 2004).

Durante o processo de elaboração do projeto para esta pesquisa, levamos em consideração algumas questões que foram decisivas para a escolha das crônicas como nosso *corpus*, a saber, como uma autora tão complexa como Hilda Hilst teria se desempenhado escrevendo num gênero mais leve como a crônica? Haveria ocorrido alguma negociação formal/estilística entre a romancista e a cronista? Como teria sido a recepção dessas crônicas pelo grande público, uma vez que a obra de Hilda era, até então, consumida por um pequeno grupo de leitores? Além desses aspectos pragmáticos entre produção e recepção das crônicas hilstianas, outro fator foi substancial para impulsionar nossa escolha: o ineditismo do projeto.

¹ Segundo nos informam a bibliografia crítica sobre Hilda Hilst disponibilizada nas edições da *Obra Completa* publicada pela Editora Globo e o Banco de Teses da CAPES.

Essa faceta da autora ainda não havia sido contemplada por um estudo mais vertical, de cunho acadêmico. Daí a relevância da presente pesquisa.

Definido o *corpus*, passemos à metodologia. A discussão em torno de um método específico se caracteriza pela necessidade de estabelecer um conjunto de procedimentos coerente com o problema e o objetivo da pesquisa. Escolher um método adequado implica perceber as necessidades do objeto investigado. Optamos, assim, pela orientação de uma *metodologia da descoberta*, ou seja, um método que se desvenda ao longo do processo de pesquisa. Nessa perspectiva, esperam-se resultados mais ricos, surpreendentes e imprevisíveis ao pesquisador. Como explica Ferrara (1986:12),

trabalhando dedutivamente e indutivamente, da teoria para o objeto de pesquisa e deste para aquele resta um espaço para o acaso, para o possível, para a descoberta indeterminada. [...] A analogia, o trabalho por comparação, permite um alerta criativo capaz de surpreender, no objeto pesquisado, o imprevisto que alimenta a pesquisa e lhe permite encontrar o novo no velho ou transformar o velho em novo.

Acreditamos, pois, que o método ideal se estabelece no próprio processo de pesquisa, por meio da interação entre o arsenal teórico e o objeto. Testando e avaliando combinações, alcançamos um procedimento metodológico que favorece a criação de um produto crítico renovado, singular e que consegue abarcar as particularidades do objeto, tal como observa Ferrara (op. cit.), “método e objeto refletindo-se e, criativamente, descobrindo-se”.

Nossa pesquisa se estrutura basicamente em torno da análise da produção cronística da escritora Hilda Hilst, e a partir dessa análise serão evocadas reflexões teóricas. Procuramos estudar os “cacos” – definição da própria Hilda –, mantendo o fluxo discursivo que os caracteriza, para ao fim tentarmos juntá-los e vislumbrarmos um todo.

Desta forma, estruturamos a pesquisa em três momentos. O primeiro, **Itinerários Hilstianos: Vida, Obra & Recepção Crítica**, situa a autora e sua obra no panorama literário nacional e apresenta um levantamento crítico-bibliográfico. Nossa intenção também nesse momento do trabalho é de evidenciar uma trajetória de vida e criação literária múltiplas, porém coerentes, rumo à construção de um ousado projeto artístico, que findou por redefinir a concepção de literatura para o leitor brasileiro contemporâneo. Ao segundo momento, **Da Arte de Guardar o Tempo: Percurso da Crônica no Brasil do século XIX ao XX**, será dedicada uma revisão bibliográfica sobre o gênero crônica no Brasil. Desenvolveremos, num breve painel que recorta a produção cronística brasileira do século XIX ao XX, uma análise sobre a “aclimatação”, desenvolvimento e consolidação da crônica na pena dos escritores brasileiros. O principal objetivo desse panorama histórico-literário é o de tentar identificar os pressupostos estético-formais que passaram a constituir os postulados teóricos acerca do gênero crônica na literatura brasileira. Por fim, ao terceiro momento, **A Escrita Crônica de Hilda Hilst**, será destinado ao estudo do *corpus* da pesquisa, a produção cronística de Hilda Hilst, e a abordagem será direcionada para os temas centrais que alimentam toda a obra hilstiana, a saber, a fusão entre o sagrado e o profano, o abandono/derrelição, a miséria humana, a descrença no homem, a hipocrisia e a corrupção que regem as

relações interpessoais, o consumismo, o riso/escárnio, etc. Além desses temas, de ordem sociocultural, outro importante aspecto será estudado nas crônicas hilstianas, a tessitura de um discurso metanarrativo que questiona os limites entre os gêneros literários e reivindica para si uma originalidade inovadora. Entremeados com o processo analítico estarão os apontamentos teóricos, em especial aqueles referentes a questões genológicas da crônica literária.

Buscamos, assim, contemplar os principais aspectos da crônica hilstiana, para que se possa caminhar para as Considerações Finais, onde as qualidades da obra hilstiana, aqui analisadas em sua produção cronística, estejam em relevo e demonstrem a razão pela qual é válido reivindicar o espaço de Hilda Hilst entre os grandes nomes da Literatura Brasileira que contribuíram para a consolidação desse gênero literário, considerado por uns como autenticamente brasileiro, a Crônica.

Ressaltamos que uma obra com tamanha pluralidade de questões temáticas e procedimentos estilísticos jamais se esgotaria em uma única análise. Temos ciência, outrossim, da impossibilidade de abarcar todas as possibilidades de análise desse ilibado *corpus*. Seríamos ingênuos e arrogantes se tal empreitada vislumbrasse quaisquer totalitarismos, via de regra, redutores. Portanto, nossa pesquisa é apenas um dos vários caminhos para a leitura do *corpus* em foco, o que a caracteriza como um ponto de partida para futuras outras leituras. Resta-nos, assim, a humildade de nossa pequena contribuição para a fortuna crítica que está por se fazer e a elegância da simplicidade diante da grandiosidade da Obra Hilstiana.

1. ITINERÁRIOS HILSTIANOS: VIDA, OBRA & RECEPÇÃO CRÍTICA

Com cinquenta anos dedicados exclusivamente à escrita literária, a trajetória da mulher e escritora Hilda Hilst foi um exemplo raro de obstinação e luta diária para a construção de um ousado projeto literário. Vários foram os percursos tomados: poesia, teatro, romances, novelas, contos, crônicas... todos eles com um objetivo certo: um intenso trabalho com a linguagem a fim de elevá-la a um alto nível estético. É esse árduo percurso, feito de escolhas e recusas, que tentaremos traçar nas próximas páginas, com o objetivo de situar a autora e sua obra no contexto literário nacional contemporâneo.

Nascida aos 29 de abril de 1930, em Jaú, interior de São Paulo, Hilda de Almeida Prado Hilst foi a única filha do casal formado pelo fazendeiro de café, poeta, jornalista e ensaísta Apolonio de Almeida Prado Hilst e pela imigrante portuguesa Bedecilda Vaz Cardoso. Pouco tempo após o nascimento de Hilda, seus pais se separariam e Hilda passaria a viver com sua mãe na cidade de Santos.

Algum tempo depois, Hilda é matriculada como interna no Colégio Santa Marcelina, na capital paulista. Durante oito anos, a pequena Hilda ficou isolada do mundo naquele internato, onde recebia esporadicamente visitas de sua mãe. Essa experiência certamente deve ter ficado marcada em sua personalidade. O convívio com as religiosas desenvolveu forte influência cristã na menina, que por um tempo desejou ser santa. Não é de se estranhar, pois, a presença de conventos, irmãs, internatos e governantas em várias narrativas da escritora.

O pai, que já demonstrava os sintomas agudos de uma esquizofrenia, foi confinado aos trinta e cinco anos numa clínica psiquiátrica de

onde poucas vezes saiu. Devido ao internamento do pai, Hilda pouco contato teve com a figura paterna. A imagem do pai, que seria construída em sua memória, viria das histórias relatadas por sua mãe ou pelos textos que seu pai publicava em jornais de Jaú, cidade do interior de São Paulo onde ele residiu durante as décadas de 20 e 30, e que a menina Hilda lia com voracidade, pois eram a única aproximação possível com um pai guardado apenas na lembrança. Os textos que Apolonio Hilst escrevia eram, em sua grande maioria, poemas que abordavam freqüentemente questões como a existência e a morte,

*A perfeição é a morte.
Não será isso
a mais dolorosa certeza
da nossa Imortalidade?*²

Esses textos, em certas ocasiões, eram publicados com o pseudônimo Luís Bruma.

Aos dezesseis anos, Hilda, num dos raros encontros que teve com seu pai depois de crescida, ficou perturbada com um fato que lhe ocorrera:

Quando cheguei lá, ele pediu minha carteira de identidade, eu dei. Perguntou se alguém tinha ido me receber na entrada. Meu tio respondeu que ele tinha ido me receber. Meu pai ficou muito agressivo com as irmãs, porque elas não tinham ido me receber. Eu fiquei vermelha demais, era muito jovenzinha. Mas comigo meu pai era diferente. Mandava me servir café da manhã. Às vezes, pegava na minha mão, acho que me confundia com minha mãe, e então dizia para eu dar três noites de amor para ele. Era uma coisa terrível, constrangedora. Eu ficava morta de vergonha, sem jeito,

² HILST, Apolonio. *A perfeição é a morte*. s.d. Texto publicado em anexo da edição dos *Cadernos de Literatura Brasileira* do Instituto Moreira Salles dedicado a Hilda Hilst.

imagine. “Só três noites de amor”, ele pedia. “Só três noites de amor”, ele implorava. Eu ficava muito atrapalhada com tudo isso.³

Experiência que iria ficar marcada em sua memória para sempre, tamanho disparate aos ouvidos de uma jovem que fora educada a vida toda em um internato de freiras e que tinha a esperança de um dia vir a ser santa:

Eu achava lindo aquelas estórias que as irmãs contavam na época do internato. Tantos sacrifícios e martírios... Tinha uma que me chamava bastante atenção: era a estória de uma mulher que bebia a água dos leprosos e que depois virou santa. Eu achava lindo, mas me dava uma tremenda náusea só de imaginar a cena! E aí, eu saía da sala correndo pra vomitar no corredor e passava o dia inteiro sentindo náuseas.⁴

Desiludida com a vida dedicada à santidade, Hilda, aconselhada por sua mãe, ingressa aos dezoito anos no curso de Direito da Faculdade do Largo São Francisco, em São Paulo. Nesse período, a jovem Hilda já havia fixado residência num confortável apartamento à Alameda Santos, acompanhada de uma governanta alemã, Dona Maria, que teria inspirado a personagem Frau Lotte, a governanta alemã do livro *Cartas de um sedutor*. A partir de então, passa a ter uma vida agitada de boêmia, portando-se de maneira avançada para a sociedade paulistana.

Apesar dos comentários que envolviam seu nome, Hilda é escolhida entre os alunos da Faculdade de Direito para discursar e saudar, na tarde de lançamento de novo livro, aquela que seria sua maior amiga por toda a vida, a

³ Trecho da entrevista concedida por Hilda Hilst aos *Cadernos de Literatura Brasileira* do Instituto Moreira Salles, n 8, dez,1999. As próximas citações a esta publicação será feita usando a sigla *CLB*.

⁴ Entrevista ao Suplemento Cultural do *Diário Oficial de Pernambuco*. Ano IX. Out, 1995. p. 10-12.

escritora Lygia Fagundes Telles. A presença marcante de Hilda impressionara até a homenageada, como relata Lygia:

Eu me lembro, estava conduzindo a bela Cecília Meireles (usava um turbante negro, no estilo indiano) para a cabeceira da mesa quando me apareceu uma jovem muito loura e fina, os grandes olhos verdes com uma expressão decidida. Quase arrogante. Como acontece hoje, eram poucas as louras de verdade, e essa era uma loura verdadeira, sem maquiagem e com os longos cabelos dourados presos na nuca por uma larga fivela. Vestia-se com simplicidade. Apresentou-se: "Sou Hilda Hilst, poeta. Vim saudá-la em nome de nossa Academia do Largo de São Francisco". Abracei-a com calor. "Minha colega!", eu disse, e ela sorriu. Quando se levantou, bastante emocionada para fazer o seu improviso, ocorreu-me de repente a poética imagem da haste delicada de um ramo trememente de avenca, aquela planta um tanto rara e muito cultivada pelas freiras.⁵

A filha do fazendeiro e da imigrante portuguesa, Hilda de Almeida Prado Hilst, havia ficado para trás e todos, sem exceção, eram seduzidos pela imagem da bela jovem que, naquela tarde na sala de chá da *Loja Mappin*, homenageava a escritora Lygia Fagundes Telles. E assim surgia no meio intelectual a figura de Hilda Hilst.

Dona de uma beleza exuberante, inteligente e ousada para sua época, Hilda tinha consigo uma combinação de atributos que despertaria efusivas paixões em empresários, poetas e artistas. Em longa conversa no encerramento de

⁵ Trecho do depoimento dado por Lygia Fagundes Telles aos *CLB*.

um encontro sobre a contemporânea produção literária feminina no Brasil, Hilda falou sobre esse período conturbado de sua vida:

Foi assim: quando jovem, eu tinha uma vida muito tumultuada, turbulenta. Gostava muito das emoções. Gostava de me apaixonar muitas vezes (eu me apaixonei muitíssimas vezes). Gostava de viajar, essas coisas de que todo mundo gosta. Mas, aí, a vida foi ficando tão emotiva o tempo todo; aconteciam tantos dramas pessoais! Porque eu me apaixonava muito, mas, depois, me desapaixonava. Era uma coisa estranha. Às vezes a pessoa me via e dizia: “puxa, eu encontrei a mulher da minha vida”. E eu repetia todas essas coisas que nós dizemos todos: “Eu te amo, meu bem”. – “É para sempre?” – “É. Para sempre.” – “É até a morte?” – “É. Até a morte”. Mas, então acontecia alguma coisa química em mim. Eu ia, automaticamente, ficando tristinha. São Francisco diz que “o corpo é nosso irmão burro”; ele deseja uma coisa e, depois, deseja outra. Por causa dessa inconstância minha, as coisas iam ficando muito dramáticas: várias pessoas queriam me matar, era horrível. Não era algo que fazia para ofender a pessoa; era algo impossível mesmo de retomar.⁶

Paixões, sedução, inteligência e uma forte personalidade seriam os elementos que juntos constituiriam uma explosiva personalidade. Desse vórtice de sentimentos surgiria a jovem escritora.

⁶ O depoimento na íntegra de Hilda Hilst, assim como todo o conteúdo do encontro foi coletada na publicação COELHO, Nelly N. [et al.] *Feminino Singular*. São Paulo: GRD; Rio Claro: Arquivo Municipal, 1989. p 147. Nas próximas referências feitas a este depoimento usaremos a sigla HH in FS.

1. 1 A POETA

*Voltando (porque tua volta sinto-a num presságio)
acenderei luzes na minha porta e falaremos só o necessário.
Terás pão e vinho sobre a mesa.
Virás acabrunhado (quem sabe) como o filho que retorna.
Nesse dia, a lamparina de teu quarto deixará que fique acesa a noite inteira.
O amor sobrevive.
E seremos talvez amor e morte ao mesmo tempo.*

Hilda Hilst *Presságio*.

Em 1950, Hilda Hilst estréia sua carreira literária com o volume de poemas *Presságio*. O *début* literário de Hilda impressionou a poucos, entre eles Jorge de Lima e Cecília Meireles. Esta, ao conhecer a autora dos versos que a impressionara – *Somos iguais à morte/ Ignorados e puros/ e bem depois/ o cansaço brotando/ nas asas seremos pássaros/ brancos à procura de um Deus* –, disse-lhe, entusiasmada com a estreante: “quem disse isso, precisa dizer mais!”. E a jovem escritora leva o conselho a sério: abandona a promissora carreira de bacharel em direito – em 1954, demite-se do escritório de advocacia mais concorrido entre os bacharéis estreantes de São Paulo, o *Abelardo Souza* – e passa a se dedicar à Literatura.

No dia 3 de dezembro do mesmo ano do lançamento de *Presságio*, Sérgio Buarque de Holanda publica no jornal *Diário Carioca* uma crítica apontando alguns aspectos da lírica hilstiana. Com uma análise muito atenta à sintaxe da poeta estreante, o crítico elogia a facilidade e naturalidade na linguagem empregada pela poeta e observa um tom experimentalista na poesia hilstiana, contudo recomenda que tal tendência ao experimentalismo sirva ao proveito consciente e não ao “desgoverno da expressão e da forma” (HOLLANDA: 1998). No ano

seguinte, quando do lançamento de *Balada de Alzira*, segundo livro de Hilda Hilst, Sérgio Buarque carrega nas tintas e tece comentários pouco simpáticos aos procedimentos poéticos da autora. O crítico inicia seu texto discorrendo sobre as relações entre experimentalismo e tradição, e, em seguida, aponta como sendo procedimento falho o daqueles artistas que, ao lançarem mão de um recurso tradicional, acabam por operá-lo de maneira canhestra porque estando

separado da corrente da tradição, o poeta puramente ‘literário’ vai buscar nela, entretanto, certas formas que já não lhe são familiares ou não surgem de modo inevitável e que por isso se tornarão exteriores e decorativas. (HOLLANDA: 1998, 294-299)

O que se observa nas palavras de Sérgio Buarque é uma forte crítica ao descompasso entre o modelo poético adotado pela autora, a balada, e sua fatura. Segundo o crítico, em *Balada de Alzira*, verifica-se que a forma balada não é utilizada de forma coerente pela poeta e que, embora esteja mais bem armada de conteúdo poético, sua expressão não se realiza de maneira plena. Ao fim, apesar das duras críticas, o estudioso vaticina: “arte em crescimento e, só por isso, imatura”.

Outra recepção crítica, um pouco presa a uma impressão imediata vale ressaltar, foi a de Sérgio Milliet. Seus apontamentos iniciais sobre a poesia hilstiana não ultrapassam classificações generalizantes tais como “poesia profundamente feminina”, ou ainda “avessa às metáforas”. No entanto, um aspecto importante reconhecido pelo crítico foi a singularidade da dicção hilstiana:

Entre os poetas novos do Brasil, Hilda Hilst surge marcada pelo signo da pureza. Tão serena e decantada, tão indiferente aos efeitos técnicos de quinta-essência formal que não a reconhecemos no meio dos seus companheiros de jornada. (MILLIET: 1981, 297-98)

Como se pode notar, as observações mais verticais de Milliet sobre a autora dizem respeito ao lugar ocupado pela poeta entre os de sua geração. Um aspecto importante que deve ser levado em consideração é o fato de que outros autores como Haroldo de Campos e Décio Pignatari haverem também lançado livros no mesmo período da publicação de *Presságio*, num momento áureo da vanguarda concretista, proposta exatamente oposta ao da poeta. Portanto, não seria de se esperar um imediato reconhecimento, por parte da crítica, do “débito” que a jovem Hilda Hilst teria com seus predecessores e, menos ainda, os laços que poderia vir a ter com seus contemporâneos. Essa “ausência de filiação e parentesco” ficaria mais clara nas palavras do crítico em outro texto publicado por ocasião do aparecimento do terceiro livro da poeta, *Balada do Festival* de 1955:

Hilda Hilst sempre foi muito pessoal em sua poesia. Não se preocupou jamais em ser moderna, porque naturalmente, sem esforço, falou a língua de sua época. Não há por isso artifícios no seu verso, como não há vestígios de outras gerações. (MILLIET: 1981, 57-59)

Incerto sobre o local definido em que a poeta estaria inserida, Milliet, por outro lado, é bastante feliz ao reconhecer o caminho trilhado por Hilda Hilst: destoante com os modismos da época, a poeta construía os alicerces de uma

obra consistente e punha em xeque a noção caduca de linhagem literária responsável pela consagração de *escolas* e *movimentos* numa época em que a fragmentação e diversidade de estilos eram a pauta do dia.

Mesmo tendo alguns pontos positivos ressaltados nessas primeiras críticas, Hilda Hilst parece acatar as opiniões de Sérgio Buarque e, ao organizar uma coletânea de sua poesia no ano de 1967, resolve não incluir seus três primeiros livros. A autora, dividida entre a adesão total e a ruptura do que havia feito até então, opta pela segunda alternativa: rompe com os procedimentos apontados nas críticas de Sérgio Buarque, desenvolve uma forma de expressão bastante particular, aceita a chamada inspiração e distancia-se da facilidade e naturalidade identificadas inicialmente pela crítica de época. Neste sentido, o quarto livro, *Roteiro do Silêncio* de 1959, é exemplar dessa nova postura poética.

Em 1957, Hilda Hilst conclui o curso de Direito e, no período de junho a dezembro, como era de costume entre as jovens de família abastada, faz uma longa viagem pela Europa, passando pela Espanha, França, Itália e Grécia. Durante sua passagem pela Europa, conhece o ator americano Dean Martin, com quem tem um rápido namoro, e, se passando por jornalista no *Hotel Ritz* em Paris, invade o quarto do galã de Hollywood Marlon Brando com quem tenta, sem sucesso, ter um *affair*.

Sua produção literária continua e seu convívio com o meio intelectual paulistano se intensifica cada vez mais. Em 1960, publica *Trovas de muito amor para um amado senhor*, com prefácio do poeta português Jorge de Sena que, entre algumas elucidações sobre a poética hilstiana, percebe uma forte aproximação com a

tradição lusitana de poesia lírico-amorosa. No ano de 1961, Hilda lança sua *Ode fragmentária* e em seguida sai *Sete cantos do poeta para o anjo*.

Ao completar 33 anos, no ano de 1963, o livro responsável pela grande mudança na vida da autora chega-lhe às mãos. O presente do amigo poeta português Carlos Maria de Araújo, *Cartas a El Greco*, do escritor grego Nikos Kazantzakis. Após a leitura do livro, Hilda Hilst, tomada por uma urgência existencial, resolve abdicar da tumultuada vida social na grande metrópole e passa a se dedicar integralmente à literatura:

Eu o li [Kazantzakis] e fiquei deslumbrada. Era um homem que ficava lutando a vida toda até terminar de uma maneira maravilhosa, escrevendo um poema de trinta e três mil versos, *A Nova Odisséia*, onde lutava com a carne e com o espírito o tempo todo. Ele desejava, ao mesmo tempo, esse trânsito daqui pra lá. Era o que eu queria: o trânsito com o divino. E também o trânsito com todas as maravilhas da vida, o gozo físico, a beleza física do outro. Era um consumismo meu, absolutamente terrível, porque ofendia muito as pessoas. Eu me impressionei tanto com a caminhada desse homem admirável, que resolvi ir morar num sítio⁷. Achei que longe eu pudesse trabalhar, escrever. E foi maravilhoso. Foi justamente nesse sítio que eu, longe de todas aquelas invasões e das minhas próprias vontades e da minha gula diante da vida, pude escrever o que escrevi. Acho que é verdade que, qualquer pessoa que deseje realmente fazer um bom trabalho, tem que ficar isolada, tem que tomar um distanciamento. É mais ou menos uma vocação. Você sente que aquele é o momento e que não há muito tempo. Às vezes, as pessoas

⁷ O lugar ao qual a escritora se refere é a *Casa do Sol*, chácara construída numa antiga propriedade de sua mãe, a onze quilômetros de Campinas, no interior de São Paulo.

dizem: “eu vou quando estiver mais velhinho. Ou quando eu estiver pior. Aí eu começo”. Mas acontece que não dá tempo. Então, aos trinta e três anos, fui para esse sítio onde moro até hoje, e me entreguei a um novo trabalho. (HH in FS, p 147-8)

A influência de Nikos Kazantzakis na vida e obra de Hilda Hilst, como podemos observar, foi crucial. Além da mudança radical na mundivisão da autora, algumas concepções defendidas pelo escritor grego vão servir de alicerce para o processo criativo de Hilda. Em especial a idéia da figura divina criada por Kazantzakis vai ser tomada em várias passagens da obra hilstiana. A imagem de um Deus imanente a todas as coisas e, que para continuar neste estado de permanência, precisa da participação humana, da participação de sua criatura, é assimilada pela escritora⁸. A partir desse momento, um Deus “severo, mudo e sombrio, além da alegria e da dor, além de toda esperança”, ao mesmo tempo erótico e perene, irá acompanhar *pari passu* o processo criativo de Hilda.

Para além das teorias defendidas pelo escritor grego, parece-nos que sua própria história de vida fora um dos motivos principais pela mudança atuada em Hilda. Em prefácio à edição de *Carta a El Greco*⁹, Helen Kazantzakis

⁸ Essa concepção do divino é defendida em *Ascese, os salvadores de Deus*, publicado por Kazantzakis em 1945. Segundo o autor essa participação humana inicia-se na escolha entre os movimentos ascendente e descendente que o homem faz. Se escolher o caminho ascendente, optará pela vida e pela virtude, se escolher o descendente, aí encontrará a dissolução. Esse impulso em direção à vida é natural do homem, porém ao escolhê-lo, deverá arcar com as conseqüências e uma delas é o reconhecimento do combate ao lado de Deus para que Ele se mantenha vivo e, em última instância, mantenha-se o movimento de ascese. Distante da concepção inacessível de Deus, o autor o define como “um vento erótico que rompe os corpos para poder passar, e se lembramos que é sempre no sangue e nas lágrimas que o amor atua, aniquilando impiedosamente os indivíduos, então estaremos um pouco mais perto do seu rosto terrível. [...] Meu Deus não é onipotente. Peleja, enfrenta o perigo a todo momento, treme, tropeça, em cada ser vivo, grita. É incessantemente vencido, mas torna a erguer-se sujo de sangue e terra, e recomeça a luta” (p116 ss).

⁹ Apesar de o exemplar que nós tivemos acesso ter o título traduzido como *Testamento para EL Greco*, escolhemos usar o título *Carta a El Greco* por ser o mencionado por Hilda Hilst em vários depoimentos.

descreve a comovente luta do escritor contra o tempo para conseguir escrever tudo o que tinha a dizer:

Nikos pediu a Deus dez anos adicionais de vida, dez anos a mais para terminar sua obra – para dizer o que tinha de dizer e “esvaziar-se”. Queria que quando a morte viesse, encontrasse somente um monte de ossos. Dez anos seriam suficientes, ou assim ele imaginava. Mas Kazantzakis não era do tipo que podia “esvaziar-se” assim facilmente. [...] Nikos começou *Cartas a El Greco* no outono de 1956, após nosso retorno de Viena. [...] – Temos de terminá-la a tempo para que eu não desça ao Hades com uma perna aleijada – costumava dizer entre a ironia e o medo. [...] Não. Ele não conseguiu terminar *Carta a El Greco* a tempo. [...] Durante meus trinta e três anos de convivência ao seu lado, não posso me recordar de jamais ter-me envergonhado por uma única má ação de sua parte. Era honesto, sem malícia, inocente, infinitamente doce para com os outros, feroz só consigo mesmo. Se se retraía para a solidão, era somente porque sentia que os trabalhos dele exigidos eram penosos e seu tempo, curto. De olhos negros como breu, redondos na penumbra, as lágrimas brotando, costumava me dizer: “– Tenho vontade de fazer o que diz Bergson: ir até a esquina e, estendendo as mãos, começar a implorar aos passantes: “Esmolas, irmãos! Quinze minutos de cada uma de suas vidas. Oh, por pouco tempo, o bastante para terminar meu trabalho. Depois, que venha Caronte”. E Caronte veio – maldito seja!

Provavelmente impressionada com esse relato, Hilda foi tomada pela urgência de retirar-se da agitada vida social que tinha e, enquanto havia tempo,

dedicar-se isolada à sua obra. Coincidência ou não, Hilda Hilst morreu prestes a completar setenta e quatro anos: idade que Nikos Kazantzakis tinha quando faleceu.

Na época da repentina mudança para o sítio, alguns amigos acharam que Hilda estaria começando a apresentar os sintomas do mal que acometera seu pai e posteriormente sua mãe, a loucura. No mesmo ano em que a escritora muda-se para a Casa do Sol, 1966, seu pai morre. Hilda passa a viver com o escultor italiano Dante Casarini, reclusa em sua propriedade.

No ano de 1967, um volume intitulado *Poesia (1959-1967)*, reúne, com exceção dos três primeiros livros, a produção poética da escritora. Constam ainda nesta coletânea três outros títulos que não aparecem na bibliografia oficial de Hilda Hilst, são eles, *Trajetória poética do ser (1963-1966)*, *Pequenos funerais cantantes ao poeta Carlos Maria de Araújo* e *Exercícios para uma idéia*.

1. 2 A DRAMATURGA

Em 1968, por imposição da mãe, Hilda casa-se com Dante Casarini. Pouco tempo depois, apresentando sinais de loucura, Bedecilda Vaz Cardoso, mãe de Hilda, é internada no mesmo sanatório em que estivera Apolonio Hilst, vindo a falecer dois anos mais tarde. É nesse período conturbado para a escritora que surge a necessidade de romper com o ciclo poético de seus primeiros livros e expandir sua expressividade numa tentativa de se aproximar mais do público.

Assim, a poeta silencia-se e a dramaturga surge. Entre o período de 1967 a 1970, Hilda Hilst escreve oito peças teatrais¹⁰, todas elas com um alto teor metafórico, fato que, segundo a poeta e também dramaturga Renata Pallottini, talvez tenha contribuído para a pouca atenção que esse momento da obra hilstiana vem recebendo dos críticos. Na análise de Pallottini, o teatro de Hilda Hilst

impressiona por sua capacidade de criar uma atmosfera densa de ameaças e de expectativas. É muito difícil tratar o teatro dos poetas líricos. Teatro é, me parece, algo onde se coloca, num espaço cênico, ação dramática e conflito. Isto deve ser feito de uma forma a que o espectador se sinta tomado desde o início por uma continuidade como se fosse uma corrente que o vai conduzindo até o final. Costuma-se dizer que há no drama, no teatro, um aspecto subjetivo e um objetivo.

O aspecto subjetivo são as idéias, as emoções, os conceitos: é a carga lírica que o autor passa. O aspecto objetivo são as coisas que efetivamente acontecem, que eclodem no palco, que nos prendem à expectativa e nos dão o desejo de saber o que vai acontecer depois, criando uma espécie de suspense. O perigo que correm os poetas líricos é o de enfatizarem, demais, o lado subjetivo e descuidarem o lado objetivo do drama. [...] Isso é uma coisa de que nós, os poetas, temos que cuidar e que, às vezes, no teatro de Hilda Hilst, se torna perigosa.(PALLOTTINI: 1989, 109-110)

¹⁰ *A Possessa*, inicialmente chamada *A empresa* (1967), *O rato no muro* (1967), *O visitante* (1968), *Auto da barca de Camiri* (1968), *O novo sistema* (1968), *As aves da noite* (1968), *A morte do patriarca* (1969) e *O verdugo* (1970). As quatro primeiras peças foram reunidas e publicadas em HILST, Hilda. *Teatro reunido*. vol. I. SP: Nankin editorial, 2000. As outras peças, que seriam reunidas num segundo volume, não foram publicadas e continuam inéditas. Há, no entanto, a proposta de lançamento do teatro completo da autora integrando as *Obras Completas* pela Editora Globo.

Apesar de, em algumas passagens, ser demasiado lírico e correr o risco de prejudicar o andamento do drama, como afirma Pallottini, o teatro hilstiano não deixa a desejar em termos de qualidade. Pois, para a pesquisadora:

Este perigo é altamente compensado pelo grande valor literário das suas peças, pela extraordinária intuição da metáfora, pela simbologia, enfim pela grande qualidade de escritora que ela [Hilda] tem. É importante que haja um espaço para o tipo de teatro que Hilda Hilst faz, que é um teatro muito especial, teatro totalmente diferente do que até então se vinha fazendo. (PALLOTTINI: 1989, 110-111)

Território ainda por ser explorado, o teatro hilstiano parece acompanhar o movimento *avant-garde* do conjunto da obra. Incompreendido à época, hoje podemos ver o valor estético dessas peças. A freqüente acusação de demasiado “literário” soa estranha quando constatamos que uma peça como *Auto da barca de Camiri* trata da morte de Che Guevara. Muito longe dos devaneios líricos de que era acusada, a dramaturga apresenta nesta peça a imagem do homem, do líder carismático, Ernesto Guevara, que é abatido, sacrificado, por uma força maior.

Dessa incursão pela dramaturgia, a autora recebeu um dos mais importantes prêmios do teatro brasileiro, o Prêmio Anchieta de Teatro de 1968. A premiação veio pelo texto *O Verdugo*, que só foi aos palcos em 1971.

1.3 O FLUXO: A LINGUAGEM COMO *umasó múlti plamatória*

Após esse período intenso dedicado ao teatro, de 1967 a 1970, Hilda Hilst lança-se na prosa e, em meados de 70, publica seu primeiro livro de narrativas: *Fluxo-floema*. A experiência inaugural já sai com uma chancela: um rigoroso, e também inaugural, ensaio do crítico Anatol Rosenfeld sobre a prosa hilstiana. Em seu texto, Rosenfeld reconhece a potência criadora de Hilda, observando uma crescente evolução que enlaça os três gêneros praticados pela autora: poesia, drama e narrativa. Ao refletir sobre o porquê da incursão de Hilda por diferentes gêneros, o crítico declara:

Na linguagem nobre e austera de sua poesia Hilda Hilst não poderia dizer toda gama do ente humano, tal como o concebe, nem seria capaz de, no palco, ‘despejar-se’ com a fúria e a glória do verbo, com a ‘merdafestança’ da linguagem, sobretudo também com a esplêndida liberdade, com inocência despudorada com que invade o poço e as vísceras do homem, purificando-os com os ‘dedos lunares’ para elevar o escatológico ao escatológico [...] (ROSENFELD: 1970, 16)

É, portanto, de uma natural necessidade de crescimento em possibilidades de expressão que o percurso hilstiano se amplia, ultrapassando os diferentes gêneros. A acuidade com que Rosenfeld lê o texto hilstiano, permite ao crítico a pertinência numa série de asserções. Diferentemente dos demais críticos que, àquela época, buscavam uma visão seccionada da obra hilstiana, em especial na poesia, Rosenfeld buscou apreender um conjunto no qual emerge uma seqüência de

temas arduamente trabalhados pela escritora em qualquer dos gêneros em que se tenha exercitado. Para o crítico, a escritura de Hilda abarca temas extremos: desde a imagem da ‘crisálida’, representante da passagem entre diferentes estados e que também pode ser entendida como a Síntese, até a representação de um mundo em que os pares natural/terreno e alucinatório/fantasmagórico fundem-se para criar uma atmosfera supra-real. No conjunto da crítica de época, é o estudo de Rosenfeld que, captando o momento de maturação da escritora, estabelece os temas centrais e as relações no conjunto da obra. Quase duas décadas depois, Hilda voltaria a se referir ao texto de Rosenfeld como sendo uma das mais pertinentes leituras já feitas sobre sua obra.

Com um valor estético inquestionável, inovador na forma, desafiador na linguagem, porém, há de se lembrar o fato de Hilda Hilst, quando do aparecimento de *Fluxo-floema*, já haver se situado como poeta e dramaturga de valor reconhecido e isso com certeza contribuiu sobremaneira para sua recepção agora como narradora.

Essa nova forma de escrita, porém, não iria ofuscar a poeta e a dramaturga. Apesar de publicar vários outros títulos em poesia, a prosa de ficção parece-nos, contudo, o meio ótimo para a criação hilstiana. Em suas narrativas, Hilda Hilst desafia os limites clássicos dos gêneros literários e conjuga num mesmo nível textual diferentes gêneros.

Nesse sentido, o aparecimento do livro *Qadós*, em 1973, marcaria uma espécie de porta de entrada para o *modus scriptus* que iria consagrar Hilda Hilst como “um novo Guimarães Rosa das letras brasileiras”. Mesclando poesia, teatro e prosa, Hilda Hilst constrói aquilo que nomeamos aqui como uma espécie de

Trindade Escritural, ou seja, três gêneros literários fundidos num mesmo texto para invariavelmente contar a história de três personagens. Diferenciados apenas superficialmente, essas três personagens constituem-se em verdade como três formas de personificação de uma só consciência. Espécie de símile da Santíssima Trindade, imagem mencionada constantemente no livro, a tríade de personagens irá representar um visceral conflito entre forças opostas: as da realidade corpóreas, ou dos valores da práxis, e as do enigma existencial metafísico (COELHO: 1993).

Júbilo, memória, noviciado da paixão é lançado no ano seguinte, dando continuidade ao trabalho poético de Hilda.

A recepção crítica de *Qadós*, porém, só irá acontecer quatro anos após sua publicação em 1977. Neste ano, Hilda publica *Ficções*, volume que reúne seus primeiros textos narrativos (*Fluxo-floema* e *Qadós*) e a parte inédita *Pequenos discursos. E um grande*, espécie de exercício crítico do contexto sócio-político da época. No entanto, o que poderia parecer um conjunto de pequenas narrativas especulativas, presas a um dado momento histórico, mostra-se como um audacioso projeto literário. Ao analisar o conjunto dessas narrativas no prefácio para *Ficções*, o crítico Leo Gilson Ribeiro, afirma:

Se a escritora se mantém num plano especulativo, não deixa porém de abordar freqüentemente as injustiças sociais, a exploração que os poderosos exercem sobre os fracos, as prisões, as torturas sádicas, o estupro da liberdade, mas não se limita a essa constatação sociológica. Nem a psicologia pode esgotar seu arsenal de palavras, fornecer a quadratura do círculo que Hilda Hilst encarniçadamente quer construir nesse consciente delírio verbal que visa a explodir todas as fronteiras do dizer. A dramaticidade se mistura ao cotidiano, a

especulação pura à prática mais chã e utilitarista, a erudição científica, teológica, literária se mescla com o falar popular mais inculto e espontâneo. (RIBEIRO: 1977, XI-XII)

Além do intenso trabalho com a linguagem, o crítico aponta outro forte aspecto que acompanhará toda escrita hilstiana: um forte viés místico. Porém o que a crítica de Leo Gilson Ribeiro traz à tona já fora dito por Anatol Rosenfeld em sua apresentação à *Fluxo-floema*: a forte presença de Deus e seus desdobramentos na escritura hilstiana. Dessa figura, ou melhor, de sua função na narrativa, Ribeiro retira uma forte noção, a de *fim*.

Ela [Hilda Hilst] reúne as duas escatologias: a do *Eskebatoslogos*, a doutrina final dos tempos e a do *Skatoslogos*, a doutrina que disserta sobre as fezes, Deus imanente no nojo, no expelido, na humilhação da arrogância fátua de meros mortais, Deus palpitando na boca escancarada de vermes ou no deserto de afetividade em que os homens se trucidam, se traem, se negam e terminam com sua altissonante pantomima do Nada: a vida. (RIBEIRO: 1977, XI)

É essa noção de *fim*, tanto pelas imagens dos excrementos quanto pela derrelição a que estão entregues os personagens hilstianos, que determina a contribuição do crítico Leo Gilson Ribeiro à obra de Hilda Hilst.

Os lançamentos se sucediam e juntamente se firmava o reconhecimento crítico da obra – em 1977, *Ficções* foi escolhido como melhor livro do ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte/APCA. Porém, questões que pareciam atormentar apenas o universo diegético da autora vão mobilizar não só Hilda, mas também os que conviviam com ela: durante toda a década de 1970,

baseando-se nos experimentos do pesquisador sueco Friedrich Juergenson relatados no livro *Telefone para o além*, Hilda irá se dedicar à gravação, através de ondas radiofônicas, de vozes que, assegurou, seriam de pessoas mortas. Seria a loucura, ou como dizia Hilda: “a extrema lucidez”, que já começava a operar na consciência de uma mulher atormentada pela finitude da existência? Loucura ou lucidez avultada, verdade ou mentira, misticismo ou obscurantismo, o fato é que Hilda não foi a única a ter tais “contatos sobrenaturais”. A sóbria amiga Lygia Fagundes Telles afirmava também ter vivido tal experiência na Casa do Sol:

Tantos acontecimentos na Casa do Sol sob o vasto céu de estrelas. Discos voadores! [...] Vozes de antigos mortos sendo captadas meio confusamente no rádio ou na frase musical de algumas fitas, ouvi nitidamente alguém me chamando, me chamando... Reconheci a voz e desatei a chorar.¹¹

Depoimento verídico ou companheirismo daquela que sempre estive ao lado de Hilda? O fato é que essas experiências vão se tornar uma espécie de obsessão da escritora, trazidas para seu universo ficcional como uma tentativa de entendimento e conjunção entre o cotidiano palpável e o sobrenatural.

A década de 1980 é aberta com intensa produção: inicialmente Hilda organiza uma coletânea poética que reúne seus textos do período de 1959 a 1979, em seguida lança o volume de poesias *Da morte. Odes mínimas*, por fim a publicação de *Tu não te moves de ti*. A peça *As aves da noite* é montada em São Paulo. Nesse mesmo ano, viria o divórcio de Hilda com Dante Casarini. Apesar de divorciados, ambos continuam vivendo na Casa do Sol, que a essa altura já era

¹¹ Depoimento da escritora aos *Cadernos de literatura Brasileira* do IMS. pp.13-16.

verdadeiro refúgio de artistas e escritores, entre eles o amigo e “discípulo” Caio Fernando Abreu, o amigo Mora Fuentes, este inclusive tornou-se personagem homônimo em vários textos de Hilda.

No ano seguinte, Hilda Hilst recebe outro prêmio concedido também pela Associação Paulista de Críticos de Arte, desta vez a premiação seria pelo conjunto da obra hilstiana.

A obra que lhe renderia maior conhecimento, *A Obscena Senhora D*, é publicada em 1982. Destacando-se do todo do qual faz parte, esse breve romance traz à luz a personagem mais citada da obra hilstiana: Hillé, a obscena senhora D. Entre as raras personagens femininas que povoam a obra da escritora, essa protagonista parece-nos ter o poder de conjugar todas as forças que regem o universo ficcional de Hilda Hilst. Marcada à fogo pelo signo da derrelição – o “D” do título vem dessa condição existencial –, a personagem Hillé é um comovente retrato de uma mulher recentemente enviuvada e que, tomada por uma lucidez avultada, não consegue ver sentido na existência. Já nas primeiras linhas, Hilda consegue transpor para a ficção, com tamanha pujança, o sofrimento de uma mulher sexagenária ao se saber sozinha no mundo:

Vi-me afastada do centro de alguma coisa que não sei dar nome: nem por isso irei à sacristia, teófaga incestuosa, isso não, eu Hillé também chamada por Ehud a Senhora D, eu Nada, eu Nome de ninguém, ou à procura da luz numa cegueira silenciosa, sessenta anos à procura do sentido das coisas. (HILST: 1982)

Nesse parágrafo introdutório da novela, tem-se exposto em letra/carne-viva o cerne do problema que obceca a protagonista. A voz tensa e agônica de Hillé se faz ouvir até a última linha do emaranhado caminho percorrido pelo livro. A imagem “epifânica” da *Senhora D*, que posteriormente seria associada à escritora, representa bem o perfil geral dos personagens hilstianos: impulsionada por uma exacerbada lucidez que se alterna com uma cegueira desorientadora, a *Senhora D* rompe com a aparência segura e protetora dos atos comuns do cotidiano e põe a descoberto a *ilusão* da vida. O pequeno drama pessoal transforma-se, pelas palavras de Hillé mulher-que-pergunta-e-se-pergunta, no dilema do ser humano diante da maior interrogação que lhe persegue: o sentido da existência:

Engolia o corpo de Deus a cada mês, não como quem engole ervilhas ou roscas ou sabres, engolia o corpo de Deus como quem sabe que engole o Mais, o Todo, o Incomunicável, por não acreditar na finitude me perdia no absoluto infinito [...] mas nem por isso compreendia, olhava o porco-mundo e pensava: Aquele nada tem a ver com isso, Este aqui dentro nada tem a ver com isso, Este, o luminoso, o Nome, o Vívido, engolia fundo, salivosa lambendo e pedia: que eu possa compreender, só isso. Só isso, Senhora D? Compreender o jogo brinquedo do Menino Louco? (HILST: 1982)

Diante da inquietante reflexão acerca das relações entre homem e Deus, não é de se estranhar a repercussão e fixação d’*A Obscena Senhora D* como livro mais citado no conjunto da obra hilstiana. Publicado em 1982, dois anos após a visita ao Brasil do Pontífice da Igreja Católica, o Papa João Paulo II, o livro marcaria, como que a ferro e fogo, as letras brasileiras no que diz respeito às

representações de gênero. Para a estudiosa do tema, Nelly Novaes Coelho, dentro do panorama nacional da produção literária feminina, *A obscena Senhora D* pode ser tomado como:

Uma das mais terríveis e apaixonantes denúncias da Civilização, do Homem, da Queda e da Culpa, vivenciada por uma mulher. A pressão apocalíptica da “palavra de Deus” sobre o comportamento dos homens. O esfacelamento final da imagem de mulher submissa às verdades absolutas ditadas pela Igreja e endossadas pela Sociedade. Para além da obsessão religiosa, faz sentir uma abissal carência de Deus. Densa fusão do erotismo e do sagrado. (COELHO: 1989, 12-13)

Pela repercussão que atinge, Hilda Hilst é convidada no mesmo ano, pelo Reitor Pinotti, para participar do Programa Artista Residente da Universidade Estadual de Campinas/Unicamp. Durante alguns anos Hilda freqüentou a Universidade, participando de encontros e palestras com alunos e professores.

Dessa experiência na Unicamp, Hilda estreitaria seus interesses pela física quântica e pela matemática, tornando-se amiga de grandes físicos e matemáticos daquela instituição. Nessa época, seu interesse pelo mistério da existência se aprofunda cada vez mais. Em alguns encontros, a escritora fazia questão de dividir a mesa com professores do departamento de física, pois achava mais produtivo que o debate com os estudiosos de sua obra. A física e a matemática lhe pareciam ser o caminho para o entendimento desse mistério.

Da aproximação com as ciências exatas, proporcionada pelos treze anos (1982-1995) de participação no programa de residência na Unicamp, resultaria a escrita da novela *Com meus olhos de cão*. Publicado em 1986, juntamente com o volume de poesia *Sobre tua grande face*, a novela aponta claramente para a nova área de interesse da escritora: entre as inquiuições existenciais do protagonista, o professor universitário e matemático Amós Kéres, toda uma simbologia matemática invade a tessitura narrativa. A trajetória abissal de Amós caminha num horizonte próximo ao de Hillé, a obscena senhora, *pari passu*, lucidez e desespero guiam-nos:

Monstruosidade: vértice vinte e um. Aresta quarenta e cinco, faces vinte e seis, Muro de avencas caindo em pencas matando o rei. [...] Amós: peagadê de números/Mas faminto de letras./ Há dobras hiatos molhos/ Na memória. E sons finos nas vísceras./ Há convivas/ Taciturnos. Meu pai hirsuto/ Num canto/ Abraçado a um passarinho. [...] Assim é que sinto tentando materializar na narrativa a convulsão do meu espírito. E desbocado e cruel, manchado de tintas, essas pardas-escuras do não saber dizer, tento amputado conhecer o passo, cego conhecer a luz, ausente de braços tento te abraçar, Conhecimento. Alguém descobrirá em parte o meu trajeto se aplicar aquela Lei da Desordem [...] (HILST: 1986)

A semelhança do movimento espiritual de Amós e o de Hillé, a obscena senhora, é explicitamente referido no texto, como aponta o Professor Alcir Pécora (2006). Enquanto Hillé tem como dispositivo para sua *via crucis* a morte do companheiro, por outro lado, é nas reminiscências da infância que Amós encontra o estopim para seu transe inquisitivo. Assim, os dois anti-heróis exemplares do

universo hilstiano buscam, a partir de um momento de iluminação, uma explicação para o sentido da existência.

A despeito da pouca atenção dada pelos estudos críticos à novela *Com meus olhos de cão*, o livro se configura como importante via de acesso às futuras publicações da autora. A linguagem aterradora em tom blasfematório que havia se renunciado n'*A Obscena Senhora D* vai assumir aqui um caráter decisivo: será o caminho escolhido para tentar cercar o tema em questão, homem *versus* Deus. Como explica Pécora:

Neste ponto de negatividade radical, o trabalho imenso de “explicar o inexplicável” sobretudo revela um “traseiro à mostra”. A possibilidade de iluminação passa a depender da capacidade de encarar despudoradamente o grotesco de uma condição que apenas se enuncia sem engodos no baixo, no tabu, na profanação, mas nunca nos lugares comuns da linguagem ou da vida social. É exatamente este traseiro à mostra, esta via baixa que, a partir de *Com meus olhos de cão*, a obra de Hilda Hilst vai explorar: essa peregrinação por lugares infectos efetuada na futura obra obscena. (PÉCORA: 2006, 10)

O opróbrio parece ser o meio ótimo das personagens hilstianas.

Após a densidade dos dois últimos livros em prosa, Hilda Hilst publica em 1989 *Amavise*, livro de poemas cuja quarta capa anuncia sua despedida à “literatura séria”. Numa espécie de vaticínio, citando o filósofo francês Georges Bataille, Hilda Hilst afirmou sentir-se livre para o fracasso literário: dali pra diante ia despir-se da sobriedade dos antigos escritos e mergulharia no deboche, no obsceno.

Mesmo tendo iniciado essa trajetória com escrita d'*A obscena...*, é com a publicação de *O caderno rosa de Lori Lamby*, em 1990, que a chamada “fase pornográfica” de Hilda Hilst vai ganhar maior atenção. O livro consagra Hilda Hilst como uma escritora polêmica. Sob a justificativa de se tornar mais popular, Hilda lança *O caderno rosa* provocando espanto e indignação na crítica e nos amigos.

Com uma estrutura narrativa simples, Hilda constrói o universo da pequena protagonista, Lori Lamby. Filha de um escritor fracassado, que quer elevar ao máximo o grau estético da língua portuguesa, a pequena aspirante à escritora, resolve escrever um livro de “bandalheiras” para ajudar o pai nas finanças domésticas. Já na nomeação da protagonista – nome que evoca a conjugação do verbo *lamber* na terceira pessoa do singular –, podemos entender o álibi usado pela escritora para construir a trama “pornográfica” que envolve a pequena Lori: partindo do duplo sentido das experiências com a língua – órgão físico e acervo lingüístico – que a menina vai protagonizar, Hilda constrói um contundente relato sobre a atividade do escritor e seus dilemas no conflituoso trabalho com a língua. O livro, que fora recusado pelo editor Caio Graco Prado e considerado “lixo” pelo artista plástico Wesley Duke Lee, foi publicado pela editora Massao Ohno com ilustrações de Millôr Fernandes e, esgotado no mesmo ano, *O caderno rosa de Lori lamby* ganha uma segunda edição.

A fase obscena tem continuidade: no mesmo ano de publicação d'*O caderno rosa*, 1990, sai o exemplar de *Contos d'escárnio/Textos grotescos* e o volume de poesia *Alcoólicas*. No ano seguinte, publica o último exemplar da chamada “trilogia pornográfica” – que preferimos chamar erótico-obscena –, *Cartas de um sedutor*, cuja estrutura romanesca se dá numa espécie de atualização do romance

epistolar francês. O deboche contamina a poesia e, em 1992, sai a coletânea de poemas erótico-satíricos *Bufólicas*. Ilustrado com gravuras de Jaguar, cujos traços elevaram a potencialidade libertina dos versos, o livro provocou verdadeiro asco na crítica especializada: em sua grande maioria, os críticos lamentavam o desvirtuamento poético da escritora.

Após a celeuma que envolveu o nome de Hilda Hilst devido aos escritos eróticos, a escritora retoma sua poética e publica, ainda em 1992, a coletânea *Do desejo*, cuja recepção crítica é abafada pela contundência dos livros anteriores.

Nesse mesmo ano, Hilda é convidada para colaborar como cronista no Caderno C, do jornal *Correio Popular*, de Campinas. Fato curioso este convite, pois a escritora, apesar de acumular vários prêmios e gozar de um reconhecimento por parte da crítica, era considerada autora para um público iniciado, de complexa escrita e difícil entendimento. Escrevendo para um meio com amplo poder de circulação, Hilda Hilst enfrentaria um novo desafio em sua carreira literária: entrar em contato com o grande público, sair do círculo dos iniciados no universo hilstiano e se comunicar com um público diferente daquele que costumeiramente acompanhava suas publicações em livro. O convite foi aceito, e durante três anos a autora de livros “incompreensíveis” colaborou semanalmente – salvo alguns intervalos – com o *Caderno C*, escrevendo suas ácidas crônicas e deixando sua inconfundível marca nesse gênero literário tão brasileiro.

Não demora muito para que outros escândalos envolvam o nome de Hilda Hilst: parte da sociedade campinense se manifesta contrária à colaboração da escritora no jornal. Entre os vários assuntos pautados em suas

crônicas, invariavelmente o leitor campinense encontrava nas manhãs de domingo uma escritora revoltada com os demandes políticos e desiludida com o ser humano.

Apresentando problemas de saúde, Hilda continua enfrentando a sociedade campinense, defendendo suas opiniões e pontos de vista em suas polêmicas crônicas. A reconhecida e premiada obra de antes não lhe garantia confortos, pelo contrário, a escritora cada vez mais se via atormentada pelas constantes ameaças de despejo advindas da máquina burocrática, pois não havia renda suficiente para pagar os impostos municipais da sua chácara. Acusada de ser uma “encarnação do mal” e de ir de encontro aos “princípios da moral e dos bons costumes”, Hilda, porém, recebe o apoio dos editores do *Correio Popular* e continua sua colaboração até o ano de 1995, quando decide se afastar do jornal.

Aos sessenta e cinco anos, bastante debilitada física e emocionalmente, a escritora sofre uma isquemia cerebral. Consegue recuperar-se e passa a se dedicar exclusivamente à escrita daquele que seria seu livro-despedida da vida literária, o romance *Estar sendo. Ter sido*. Nesse mesmo ano, 1995, a escritora tem seu acervo pessoal adquirido pelo Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio/CEDAE, do Instituto de Estudos da Linguagem/IEL da Unicamp, e é criado o *Fundo Hilda Hilst*.

Durante as comemorações do Dia Internacional da Mulher, em 1997, Hilda Hilst é homenageada no recital *Le féminin du feu*, realizado em Quebec-Canadá. Hilda tem seus poemas lidos junto com textos de Safo, Gabriela Mistral e Marguerite Yourcenar. Sai a publicação de *Estar sendo. Ter sido* e com ele a despedida literária da escritora. Segundo a crítica especializada, este derradeiro romance simboliza não apenas o fim da carreira literária de Hilda Hilst, mas também o

fechamento circular de seu universo ficcional, uma vez que ali estão encerradas todas as máscaras hilstianas.

No ano seguinte, 1998, parte da contribuição da escritora como cronista no *Correio Popular* é reunida e publicada sob o título *Cascos & Carícias* pela editora Nankin. O livro foi recebido pela crítica como uma espécie de “último presente” da escritora ao público. Em artigo para a revista literária *CULT*, o escritor e jornalista J.L. Mora Fuentes aponta a importante contribuição de Hilda Hilst para a crônica brasileira:

Aos doutos que creditam o gênero como algo menor dentro da literatura, cabe realçar a rara singularidade da cronista e a evidência de que a qualidade da obra de arte é intrínseca aos atributos e refinamentos do universo de seu autor. Se o escritor fala sempre de si mesmo e das suas angústias, talvez na crônica, como simples narrador, distante das suas múltiplas personagens, possa nos informar melhor de si mesmo. (FUENTES: 1998)

Nas poucas entrevistas que concedeu, Hilda Hilst sempre aparece reclamando de que era pouco ou quase nunca lida: “não sei o que acontece, está tudo lá, tão claro! E as pessoas não compreendem...”. Sempre leu e reconheceu o valor dos trabalhos críticos que os estudiosos da literatura fizeram sobre seus livros, dando destaque especial para o texto de Anatol Rosenfeld, publicado na apresentação de seu primeiro livro em prosa, como sendo a primeira grande crítica de sua obra. Porém, não media palavras ao se referir às leituras mistificadoras de alguns críticos:

[...] os críticos, na maioria das vezes, são pedantes também, eles dificultam até o acesso do leitor pro escritor. Começa a falar coisas, citar Heidegger, Kierkegaard, Wittgenstein, ninguém lê, porra, é difícilimo.¹²

Questionada sobre quais teriam sido as possíveis influências em sua obra, Hilda Hilst era categórica: “as pessoas que amei”. E neste seleto grupo, despontava em primeiro plano a figura de seu pai: “Eu fiz minha obra por causa do meu pai. Meu pai foi a razão de eu ter me tornado escritora”¹³. Outra constante em seus depoimentos era uma certa mágoa sobre o sucesso de sua obra junto ao grande público e o fato de não conseguir sobreviver com os escassos rendimentos que conseguia como escritora, transformando este dilema em assunto para várias de suas crônicas.

Em seus últimos depoimentos, a morte surgia como um tema a ser enfrentado, apesar do sentimento que ela lhe provocava:

Eu tenho um cagaço tenebroso da morte. As pessoas dizem, “nossa, você que fala tanto da morte, tá assim cagada de medo...” É que eu tenho medo do sofrimento. Eu sempre pedi que eu ficasse obscura contanto que eu não sofresse. E olha que o lá de cima, esse Deus, que eu não conheço, ele cumpriu, não deixou que eu sofresse. (ZENI: 1998)

Sempre falando com a forte lucidez que marcara seus textos, quando falava sobre morte, repetia a frase: “quero morrer segurando a mão da Lygia”. Porém, o desejo de ter Lygia por perto na hora em que “a fina faca”

¹² Trecho de longa entrevista dada ao *Suplemento Cultural* do Diário Oficial de Pernambuco. Ano IX. out., 1995. pp. 10-12.

¹³ Em depoimento aos *Cadernos* do IMS.

chegasse não foi possível. Por conta de uma fratura no fêmur, Hilda Hilst foi internada no Hospital das Clínicas da Unicamp. Já com saúde bastante debilitada, a escritora não resiste às intervenções médicas... Numa cinzenta manhã de quinta-feira, aos 05 de Fevereiro de 2004, os principais jornais do país traziam a notícia:

MORRE A EXPLOSIVA POETA HILDA HILST. Morreu Hilda Hilst. Uma das escritoras mais explosivas do século 20 brasileiro, ela tinha 73 anos e foi derrotada por uma insuficiência crônica cardíaca e pulmonar no Hospital de Clínicas da Unicamp, em Campinas.¹⁴

Seguindo os setenta e três anos de vida e mais de cinquenta dedicados exclusivamente à Literatura, deparamo-nos com uma mulher inquietante, capaz de enfrentar seus opositores até o fim, defendendo sempre seu ofício de escritora.

Ao contrário das declarações ressentidas que Hilda costumeiramente dava em entrevistas, alegando descaso com sua obra, em sua última década de vida, a escritora pôde presenciar uma verdadeira descoberta de seus livros por parte do público leitor. Vários de seus textos foram montados em peças teatrais, com apresentações pelo Brasil e exterior; a editora francesa Gallimard publicou dois de seus livros, *A Obscena Senhora D* e *Contos d'escárnio*, tendo grande repercussão entre o público francês; a editora Globo adquire os direitos da sua obra completa e, a partir de 2001, inicia a publicação de seus textos.

Atravessando as intempéries do mundo pragmático, Hilda Hilst seguiu adiante com seu projeto de vida: a construção de uma Obra Literária original.

¹⁴ *Folha de São Paulo*. Folha Ilustrada. 05-fev-2004. Capa.

Com quarenta títulos publicados, várias traduções e inúmeros prêmios acumulados ao longo das cinco décadas de produção artística, a *bruxa da Casa do Sol* – como ficou conhecida nos arredores de Campinas – parece não ter percebido a consagração de seu trabalho. Pouco tempo antes de morrer, em um documentário realizado por alunos de comunicação da Unicamp, Hilda declarou: “sinto pena dos escritores brasileiros, porque eles nunca vão conseguir nada [...] eu, por exemplo, demorou sessenta anos pra que eu fosse lida[...] sessenta anos de imaginação... e eu que pensava que tudo era verdade...” (PEREIRA: 2003).

Após três anos do seu desaparecimento, a autora parece estar presente cada vez mais entre seus leitores. Desde a década de 1990, a comunidade acadêmica de todo país e também do exterior vem desenvolvendo monografias, dissertações e teses sobre a escritora. A chácara onde Hilda Hilst viveu boa parte da sua vida, a Casa do Sol, foi transformada na *Instituição Hilda Hilst. Casa do Sol Viva*, tornando-se um espaço destinado à preservação da memória da escritora. O nome de Hilda Hilst aos poucos começa a figurar nos compêndios de literatura como sendo um dos grandes nomes responsável por elevar a literatura brasileira entre as mais altas expressões literárias da língua portuguesa.

Da breve incursão da escritora pela crônica, um rico e pessoal registro de uma época, assim como sua escrita, provocador. Apesar de “exilada” em sua chácara, Hilda não fechou os olhos aos principais acontecimentos de sua época, pelo contrário, transformou a indignação dos milhares de brasileiros em pauta de seus textos semanais, assumindo assim o papel de porta-voz da grande massa anônima.

A obra, como que uma espécie de *Pasárgada* - à moda da *Obscena*
Senhora H -, é no entanto o verdadeiro itinerário para o encontro com Hilda Hilst.

Não me procures ali
Onde os vivos visitam
Os chamados mortos.
Procura-me
Dentro das grandes águas
Nas praças
Num fogo coração
Entre cavalos, cães,
Nos arrozais, no arroio
Ou espelhada
Num outro alguém,
Subindo um duro caminho
Pedra, semente, sal
Passos da vida.
Procura-me ali.
Viva.

2. DA ARTE DE GUARDAR O TEMPO: PERCURSOS DA CRÔNICA NO BRASIL DO SÉCULO XIX AO XX.

“Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, a ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.”

Machado de Assis. *História de 15 dias*. 1º de novembro de 1877.

Apesar de irônica, a certidão de nascimento lavrada pelo mestre Machado, aqui usada como epígrafe, parece ser coerente com o espírito do gênero literário mais escorregadio das letras brasileiras, a crônica. Ao contrário do historiador que teima em transformar o tempo num dado, Machado, estando no terreno da literatura, transforma o documento, provavelmente lavrado numa das improvisadas redações cariocas do século XIX, numa saborosa cena do cotidiano.

Seguindo os passos do mestre fluminense, desenvolveremos neste capítulo um panorama da produção de crônicas no Brasil, sua inicial adesão nos impressos do século XIX, sua fixação e “aclimação” entre alguns escritores e suas transformações ao longo do século XX. Nosso principal objetivo nesse breve panorama é tentar identificar os pressupostos estético-formais que passaram a constituir os postulados teóricos acerca do gênero crônica na literatura brasileira.

2.1 NOS PRIMÓRDIOS DA IMPRENSA BRASILEIRA

O surgimento e evolução da crônica brasileira estão diretamente ligados à história do desenvolvimento da imprensa no Brasil, uma vez que, ao longo de seu percurso, invariavelmente a crônica esteve ligada a esse meio de comunicação. Portanto, torna-se imprescindível uma abordagem concomitante da crônica e desse meio que vai ser o maior responsável pela fixação da crônica no Brasil.

O surgimento da imprensa no Brasil é bastante tardio se confrontado com outros países da América. Vejamos alguns dispositivos históricos que contribuíram para tal adiamento: durante o período colonial, a censura perseguiu indiscriminadamente a publicação de livros e jornais. O bloqueio cultural fez com que o Brasil ficasse atrás de praticamente todo o resto da América em matéria de produção editorial. Em 1533, quase duzentos anos antes da criação da Imprensa Régia no Rio de Janeiro, a primeira tipografia do continente foi instalada no México. A segunda, em 1584, no Peru. Em 1638, chegaria aos Estados Unidos, que editou seu primeiro jornal em 1690, mais de cem anos antes dos primeiros periódicos brasileiros. Esse atraso era provocado pelo fato de Portugal ter como política o veto à instalação de tipografias e universidades em suas colônias, o que contrastava fortemente com o modelo de dominação espanhol. Se por um lado, os primeiros jornais e livros só seriam publicados no Brasil a partir de 1808, por outro, data de 1549 a primeira edição de livro no México, *Breve y más compendiosa doctrina christiana*, e de 1722 a publicação de seu primeiro jornal, a *Gaceta del México y noticias de nueva España* (RIZZINI: 1988).

Por medo de que os ideais da Revolução Francesa e da Independência americana se propagassem pelas colônias, Portugal protela ao máximo a circulação de impressos no Brasil. Porém, os primeiros sinais de sublevação surgiriam com ou sem a chegada da tipografia. Trazido clandestinamente para o Brasil, o *Correio Braziliense* seria o representante dos colonos para driblar o veto da metrópole.

Oficialmente a imprensa só chegaria ao Brasil com a vinda da Família Real. Foi apenas em 10 de setembro de 1808, com a publicação da *Gazeta do Rio de Janeiro*, que teve oficialmente início a imprensa brasileira. Porém, é atribuído a Hipólito da Costa o título de fundador da imprensa nacional, uma vez que este era o editor responsável pela edição do *Correio Braziliense*, trazido à colônia três meses antes da *Gazeta*. O complicador em se estabelecer a paternidade do novo meio é pelo fato de o *Correio Braziliense* ter sido editado em Londres e a *Gazeta do Rio*, ao contrário, em solo brasileiro. O fato é que foi com a criação da *Gazeta do Rio de Janeiro* que surgiram condições para a atividade de impressão no Brasil, embora que ainda restrita à produção de documentos oficiais. A *Gazeta do Rio*, incentivada pela Coroa portuguesa, era uma espécie de versão da *Gazeta de Lisboa* e tinha como principal tarefa a defesa do absolutismo e trazer notícias da Europa. A submissão à Coroa era tamanha que, antes de serem impressos, os textos eram revisados por D. João VI (RIZZINI: 1988).

Nesse contexto, ainda não se pode falar num jornalismo mas sim numa imprensa ideologicamente orientada, pois a prática da imprensa brasileira no alvorecer do século XIX se acentua pela capacidade tão somente de expandir a palavra da Corte; os jornais dessa época, em sua grande maioria, não passavam de

boletins oficiais da Imprensa Régia. Tomemos a observação do pesquisador Adelmo Genro Filho:

A distinção entre jornalismo e imprensa, conseqüentemente, é fundamental: a imprensa é o corpo material do jornalismo, o processo técnico do jornal (...). O jornalismo é a modalidade de informação que surge, sistematicamente desses meios para suprir certas necessidades histórico-sociais. (GENRO FILHO: 1987, 177)

O que se percebe, no entanto, nessas primeiras publicações, vale lembrar que boa parte financiada pela Corte, é um desvio da idéia moderna de jornalismo, pois elas se distanciavam do exercício de produzir enunciados que servissem para manter vivo o fluxo de informação na sociedade e concentravam-se no exercício de controle das opiniões contrárias à Coroa portuguesa.

Mesmo não sendo editado no Brasil, o *Correio Brasiliense* pode ser tomado como um elemento de ruptura nesse momento de surgimento da imprensa brasileira. Na contracorrente, o *Correio* se destaca pela postura *avant-garde* para a época em dar primazia aos acontecimentos sociais distanciando-se da postura doutrinária assumida pelas outras publicações que lhe sucederam:

O *Correio Brasiliense* parece-se mais com um jornal moderno do que as folhas que se lhe seguiram a partir de 1821. Nestas aboliu-se o facto, grande ou pequeno, prevalecendo o comentário e o artigo de doutrina ou combate [...]. (RIZZINI: 1988, 347-348)

Assim, observamos que no início de século XIX, no Brasil, há um distanciamento muito grande entre imprensa e jornalismo. A principal razão dessa imprensa não é a circulação de informação, mas sim a propagação da voz do rei, criando uma atmosfera de subserviência aos mandos oficiais. A *Gazeta do Rio de Janeiro*, nesse sentido, era o principal porta-voz desse discurso: mensalmente veiculava as rubricas e proibições sob as quais vivia a colônia. Portanto, não existia um jornalismo, nessa fase da nossa história, enquanto prática de produção de informações e codificações de eventos sociais para transformá-los em notícias, havia sim

um choque entre informações produzidas sob a pena do rei, cujo conteúdo servia como ethos regulador dos fatos sociais, e outro tipo de informação mais próxima da noção de jornalismo habitada no *Correio Braziliense*. A imprensa oficial tinha um tom enciclopédico, perfazendo um solilóquio com as instituições políticas da época, todas resumidas numa só frase: obediência à Corte portuguesa. (BAHIA: 1990)

As publicações eram vistas, com raras exceções, como uma espécie de extensão do discurso da Corte. Técnica e conteúdo, nesse período, confundiam-se na relação de reprodução da fala do poder, predominando o conceito de imprensa sobre os princípios básicos da linguagem jornalística. Esse caráter doutrinário que configurava o perfil dos impressos fazia com que praticamente não houvesse espaço para o exercício da construção da opinião pública.

2.2 SURGIMENTO DO *FEUILLETON* NA IMPRENSA BRASILEIRA

A literatura começa a freqüentar as páginas dos jornais publicados no Brasil em meados de 1838. Baseado na experiência inovadora do francês Émile Girardin, que dois anos antes provocara uma revolução editorial ao publicar em capítulos no jornal *La Press* histórias encomendadas a escritores, o *Jornal do Comércio* aderiu à febre do folhetim. A tradução do folhetim *O Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas, deu início ao espaço dedicado exclusivamente à literatura nos impressos (BAHIA: 1990).

Dez anos antes, porém, em 1824, o jornal *Espelho Diamantino*, criado pelo editor francês Pierre Plancher, sugere que todo jornal deveria ter um observador de costumes dotado de aguçada visão e audição para registrar os acontecimentos da sua aldeia. Seria o início do que se convencionou chamar posteriormente de crônica de costumes. Assim, os tipos e hábitos do cotidiano brasileiro ganhariam representação satírico-moralista com os textos do Padre Lopes Gama em *O Carapuceiro*, a partir de 1832; de Martins Pena no *Correio da Moda*, em 1839; e de Josino do Nascimento Silva em *O Cronista*, em 1837 (SÜSSEKIND: 1990). Contudo, é na pena de um José de Alencar, na segunda metade do século XIX, que esse exercício da crônica vai se firmar.

Com a maioria de D. Pedro II, a imprensa sofre uma mudança radical em seu perfil a partir de 1840: os jornais panfletários e os pasquins políticos que proliferavam desde a volta de D. João VI a Portugal cedem espaço a

um jornalismo menos belicoso, criando, assim, um terreno propício para a proliferação dos folhetins.

Durante esse período inicial da colaboração de literatos, vários foram os escritores, como Joaquim Manuel de Macedo e Teixeira e Souza, que tiveram passagem pelos folhetins e pelas crônicas. Um aspecto importante de frisar é que devido às mudanças constantes na paginação dos jornais dessa época, o espaço destinado a esses colaboradores invariavelmente era o rodapé da primeira página. Tomado de “empréstimo” das publicações francesas, esse espaço gráfico, inicialmente chamado *Feuilleton* e destinado ao entretenimento, assumiu várias nomeações e conteúdos. Muitas vezes sob o título de *faits-divers* ou *variétés*, ali eram publicadas impressões do escritor sobre um dado assunto do cotidiano, contos, anedotas, críticas, resenhas ou então um romance que, devido ao pequeno espaço, era seccionado – *en feuilleton* – e recebia a fórmula do *continua amanhã*, prendendo assim o interesse do leitor.

A partir da segunda metade do século XIX, há uma nova fase na imprensa brasileira. Da necessidade de melhor estruturar suas atividades “jornalísticas”, a imprensa ultrapassa as limitações iniciais impostas por um caráter ainda artesanal e torna-se a “grande imprensa”. Desse amadurecimento técnico surge uma nova atribuição social para esse meio de comunicação: fazer circular entre o público leitor, agora mais abrangente, as “causas” defendidas – leia-se publicidade – pelos grupos econômicos, principais responsáveis pela modernização da imprensa. Como resultado dessa modernização, há um sensível crescimento editorial fazendo com que surjam no Rio de Janeiro, sede do Império, tipografias, livrarias e

bibliotecas. A circulação dos impressos ganha força e novas vozes conseguem espaço entre os informes.

É nesse “boom” editorial que o jovem José de Alencar ingressa no *Correio Mercantil*, onde ficaria responsável pela seção forense e pelo rodapé dominical. Na seção intitulada *Revista da Semana*, Alencar publicaria suas crônicas no período de setembro de 1854 a julho de 1855, recolhidas posteriormente em volume sob o título *Ao correr da pena*. Pouco tempo depois, Alencar seria contratado pelo *Diário do Rio de Janeiro*, onde assumiria o cargo de redator-chefe, mas antes, entre 7 de outubro e 25 de novembro de 1855, colabora como folhetinista.

Chamamos atenção para o uso indiscriminado, nesse período, das palavras *folhetim* e *folhetinista*. Apesar de hoje relacionarmos respectivamente tais expressões à obra e ao escritor que publicava em jornais histórias em capítulos, observamos, contudo, que naquele contexto não havia uma distinção muito clara entre o autor dos romances *en feuilleton* e o cronista, ambos confundiam-se.

Com definições forjadas “ao correr da pena”, àquela época folhetim e crônica já indicavam uma **hibridização** entre diferentes gêneros e estilos narrativos. Em uma de suas crônicas, José de Alencar “teoriza” *avant la lettre* sobre o “novo animal” que ocupava as páginas dos jornais brasileiros:

[...] quem foi o inventor [...] deste novo Proteu, que chamam folhetim [...]. Obrigar um homem a percorrer todos os acontecimentos, a passar do gracejo ao assunto sério, do riso e do prazer às misérias e às chagas da sociedade; e isto com a mesma graça e a mesma “nonchalance” com que uma senhora volta as páginas douradas do seu álbum [...] fazerem do escritor uma espécie de colibri a esvoaçar em ziguezague, e

a sugar, como o mel das flores, a graça o sal e o espírito que deve necessariamente descobrir no fato o mais comezinho! [...]

Nada, isto não tem jeito! É preciso acabar de uma vez com semelhante confusão, e estabelecer a ordem nestas coisas. Quando queremos jantar, vamos ao *Hotel da Europa*; se desejamos passar a noite escolhemos entre o baile e o teatro. Compramos luvas no *Wallerstein*, perfumarias no *Desmarais*, e mandamos fazer roupas no *Dagnan*. O poeta glosa o mote, que lhe dão, o músico fantasia sobre um tema favorito, o escritor adota um título para seu livro ou o seu artigo. Somente o folhetim é que há de sair fora da regra geral, e ser uma espécie de panacéia, um tratado de *omni scibili et possibili*, um dicionário espanhol que contenha todas as coisas e algumas coisinhas mais? Enquanto o Instituto de França e a Academia de Lisboa não concordarem numa exata definição do folhetim, tenho para mim que a coisa é impossível.

Como se vê, as dificuldades em abarcar o objeto e traçar seus contornos vêm de longa data. Há, no entanto, alguns aspectos nessa “teoria” alencariana que nos chamam a atenção. Vejamos: a metáfora usada de início por Alencar para nomear o folhetim, “novo Proteu”, denuncia sua capacidade e facilidade para metamorfosear-se, assumindo as mais diversas formas. A imagem tomada de empréstimo ao mito grego, a de Proteu, que freqüentemente é representada por um homem com cauda de peixe, também cria uma imagem que bem define a posição do cronista, um ser escorregadio que escapole entre os mais diferentes tipos de nomenclaturas: folhetinista, cronista, jornalista literato *et tutti quanti*. Outro aspecto apontado por Alencar de suma relevância para o traçado do perfil da crônica é a abertura do gênero para as mais diversas abordagens, “[...]”

percorrer todos os acontecimentos, passar do gracejo ao assunto sério, do riso e do prazer às misérias e às chagas da sociedade”. Essas palavras, ditas *ao correr da pena*, constituem-se, no entanto, como valorosa matriz para uma teorização acerca da crônica, pois, ao contrário daquilo que será tomado posteriormente como pressupostos teóricos da crônica – texto inocente, ameno, despretensioso... – as palavras do cronista ratificam um espaço para as “misérias” do cotidiano também. Bom, mas por hora paremos o correr da pena, pois essa discussão será retomada mais adiante...

Ainda a respeito da evolução técnica implementada nas redações, apesar desta ter proporcionado uma melhoria na qualidade gráfica dos jornais e de uma busca de independência, a linguagem utilizada pela imprensa na segunda metade do século XIX não permitia ao leitor fazer uma diferenciação muito clara entre discurso político, literatura e jornalismo. O discurso que freqüenta as páginas dessas publicações tem, predominantemente, um tom bacharelesco que tenta transformar elementos da oratória em palavra impressa, deixando grande parte dos leitores à margem de uma compreensão clara acerca das opiniões veiculadas nesses jornais. Na sua *História da Imprensa no Brasil*, Nelson Werneck Sodré (1999) apresenta um breve panorama da imprensa brasileira àquela época:

Os acontecimentos de novembro de 1889 trouxeram ao Brasil, como correspondente do jornal parisiense, Max Leclerc que teve a oportunidade de traçar o quadro da imprensa brasileira daquela fase com algumas observações exatas e agudas: A imprensa no Brasil é um reflexo fiel do estado social do governo paterno e anárquico de D. Pedro II: por um lado, alguns grandes jornais mais prósperos, providos

de uma organização material poderosa e afeiçãoada, vivendo principalmente de publicidade, organizados em suma, e antes de tudo, como uma empresa comercial e visando mais penetrar em todos os meios e estender o círculo de seus leitores para aumentar o valor de sua publicidade do que empregar sua influência na orientação da opinião pública [...].

Como podemos observar no panorama esboçado acima, parece-nos que as evoluções na imprensa brasileira não foram muito longe no que diz respeito a uma autonomia discursiva. Livre do veto inquisitorial da Imprensa Régia, os jornais brasileiros, todavia, se viam atados aos interesses comerciais do mercado editorial que se expandia. Empresários, jornalistas e literatos dividiam o mesmo reduzido espaço das redações e tentavam associar habilidades específicas com interesses do público leitor. É produto desse contexto uma das mais famosas fórmulas de ficção criada no século XIX, o *folhetim folhetinesco*. Espécie de obra aberta cujas soluções oscilavam de acordo com o gosto dos leitores, esse “gênero”, que nutriu o ódio dos críticos e a adoração dos leitores, surgiu da pura necessidade comercial dos jornais (COSTA: 2005).

2.3 O DIVISOR DE ÁGUAS

É da colaboração do jovem escritor José de Alencar, iniciada em fins de 1854, no *Correio Mercantil*, que o espaço da crônica vai ganhar certa autonomia e feições estéticas tal qual a conhecemos hoje. Na sua *Revista da Semana*, o

escritor deu contornos ao gênero que iria se tornar como que porta de entrada no mercado editorial para vários jovens literatos que davam os primeiros passos nas letras e não tinham como sobreviver unicamente dos versos escritos entre um café e uma polêmica nos salões das confeitarias fluminenses.

As traduções dos *roman-feuilletons* dão lugar agora a uma escrita mais solta que dialoga com seus leitores. Neste sentido, Alencar é responsável por trazer à crônica

uma pena ágil que registra o acontecimento, social, artístico ou político, numa época de capitalização, de crescente transformação social. [...] Entre tantos aspectos dos *charmosos* folhetins de Alencar, saliento o de um extraordinário à vontade do jovem, por exemplo, em relação a seus destinatários. Às destinatárias privilegiadas, aquelas senhoras que tinham “tão estritamente adequado” seu vocabulário “às cousas do vestido, da sala e do galanteio”, que não hesita em mandar largar a folha quando resolve falar de “negócios muito sério”, ou seja, de política [...]. E depois de escrever sua *tirada política*, retoma o fio com a maior desenvoltura. (MEYER: 1992)

Traçando fronteiras e conteúdos, o cronista Alencar vai delimitar o espaço da crônica, espaço este que se encontrava até então em conflito com outros discursos dentro das redações dos jornais. Não apenas a crônica, mas também o cronista vai ganhar sua definição na metalinguagem tão cara ao gênero. Alencar, usando suas graciosas metáforas, traça o perfil do escritor que resolvesse cultivar o gênero fugidio:

Uma espécie de colibri a esvoaçar em ziguezague, e a sugar, como o mel das flores, a graça, o sal e o espírito que deve necessariamente descobrir no fato o mais comezinho.

Escritor-colibri, a imagem criada para o cronista na pena de Alencar traz a exata medida para o observador *en passant* dos principais acontecimentos da sociedade. Porém, devido às inovações que paulatinamente eram implementadas nas redações dos jornais, fazendo com que esse observador comentarista também adquirisse maior autonomia discursiva, não demorou para que o escritor-colibri, além do mel das flores, também sugasse o fel da sociedade...

2.3.1 A CONTRIBUIÇÃO DA CRÔNICA MACHADIANA

Vários foram os periódicos e jornais que receberam a colaboração do mestre Machado de Assis. Durante toda sua carreira literária, apesar dos intervalos, o *bruxo do Cosme Velho* deu sua contribuição para os principais diários fluminenses. Sua atividade jornalística que se iniciou já aos dezesseis anos, em 1855, quando publica poesias esparsas em *A Marmota Fluminense*, vai se prolongar ao longo da vida, passando a exercer várias funções: desde o tipógrafo que queria se manter próximo das letras na Imprensa Oficial, de 1856 a 1858, o revisor no *Correio Mercantil*, posteriormente, o colunista n' *O Paraíba* e n' *O Espelho*, assinando neste último três seções.

É no ano de 1860, porém, quando recebe convite para fazer parte da redação do *Diário do Rio de Janeiro*, que uma grande mudança ocorrerá na vida de Machado. Atuando como jornalista, trava conhecimento com vários intelectuais da época. Sua colaboração no *Diário* se estende até o ano de 1867, e é lá

que o escritor consegue sua principal salvaguarda financeira além de lhe servir como importante experiência para abertura de seus horizontes literários.

Já em 1861, Machado fica responsável por escrever no jornal para um espaço permanente chamado *Comentários da Semana*, cujo conteúdo, como o próprio título indica, seria um apanhado dos principais acontecimentos ocorridos durante a semana. A partir daí várias outras publicações passariam a contar com pena do escritor: ao longo da década de 1860, colaborou com a revista *Futuro* e *O Jornal das Famílias*, e durante dezesseis anos (1860-1876) contribuiu com *A Semana Ilustrada*.

Sua participação no *Diário do Rio de Janeiro* termina em 1867, quando Machado passa a assumir o cargo de diretor-adjunto no *Diário Oficial*, fato que contribui ainda mais para sua estabilização financeira e aproximação do poder e burocracia oficiais. É nessa nova fase que provavelmente o escritor passará a sentir em *carne viva* as contradições de quem, por um lado, se integra ao aparelho burocrático estatal e, por outro, tenta denunciar em sua obra a quem realmente o Estado servia (FACIOLI: 1982).

O cronista Machado irá se consagrar a partir da colaboração para a *Gazeta de Notícias*. Suas mais famosas crônicas vão surgir nas páginas da *Gazeta* em três momentos diferentes, a saber, inicialmente na seção *Balas de estalo* (1883-1886), depois com a série *Bons dias!* (1888-1889) e por fim com *A Semana* (1892-1897).

Intensifica-se sua produção literária e jornalística, intensificam-se também as contradições no cerne do homem Machado. Ao mesmo tempo em que sua carreira de literato e funcionário público progride, Machado de Assis recebe

sucessivas comendas que ratificam o grau de integração ao estado de coisas vigente. Em contrapartida, a voz do narrador se torna cada vez mais arguta e contesta, com propriedade e elegância, aquela mesma ordem na qual o escritor está imerso. Um edifica e une; o outro derruba e dispersa, apontando para as origens da ambivalência que, sendo atávica ao homem, penetram o cerne de toda a obra machadiana e irrompem em sua pujança narrativa.

Da sua participação como cronista na *Gazeta de Notícias*, estabelece-se uma relação analítica com o jornalismo praticado pela imprensa de sua época. É nesses textos que se cria uma tensão entre as formas de representação de fatos sociais e a escritura da crônica. Diferentemente de José de Alencar, que *par finesse* separava os conteúdos de suas crônicas advertindo às senhoras da seriedade das próximas linhas, Machado sempre procurou fugir das armadilhas retóricas presente nos jornais de sua época. Munido de uma visão moderna pra sua época, o escritor parece ser guiado pela máxima que diz não bastar existir apenas um autor e um leitor, mas se faz necessário demonstrar as contradições histórico-sociais camufladas em cada nota do jornal.

Assim, Machado se distancia das características dos escritores jornalistas do século XIX, pois é na pena machadiana que o ordinário presente nas páginas dos diários vai se fundir ao discurso estético empreendido em sua crônicas, fazendo com que os acontecimentos mais mezinhas assumam novos valores.

Nesse sentido, podemos identificar na cronística machadiana a primeira grande transformação discursiva e ideológica empreendida no pequeno espaço dos *fait-divers*. O *rez-de-chaussée*, como também era conhecida a crônica, assume agora importante papel para a criação de um espaço de debate e reflexão

social. Para Machado de Assis, a prática jornalística pode ser entendida como manifestação política ligada às transformações burguesas:

Houve uma coisa que fez tremer as aristocracias, mais do que os movimentos populares; foi o jornal [...]. Com o jornal eram incompatíveis essas parasitas da humanidade, essas fofas individualidades de pergaminho alçado e leitos de brasões. O jornal que tende à unidade humana, ao braço comum, não era um inimigo vulgar, era uma barreira... de papel, não, mas de inteligências, de aspirações. (ASSIS: 1985, 963)

Está clara nas palavras do escritor a idéia que concebe o jornal como primeira transformação social responsável pelo estabelecimento de algumas idéias pertencentes à burguesia, enquanto classe social que se instaura no poder, em contrapartida ao *parasitismo* ideológico e ócio da aristocracia. Na concepção machadiana, o espaço do jornal deve se contrapor aos ideais das instituições aristocráticas, configurando-se assim como uma espécie de *ágora grega*, uma tribuna livre, na qual o que importa é livre trâmite de idéias.

Em crônica intitulada *A reforma pelo jornal*, Machado de Assis pondera, contudo, que as transformações na sociedade efetuada pelo jornal não tem apenas caráter ideológico, mas também contribui para uma renovação da própria concepção do espaço urbano e das ações dos indivíduos nele inseridos. O jornal assim contribui para o surgimento de novas formas de conceber o espaço social e os lugares “apropriados” para abrigar as idéias:

A primeira propriedade do jornal é a reprodução amiudada, é o derramamento fácil em todos os membros do corpo social.

Assim, o operário que se retira do lar, fatigado pelo labor cotidiano, vai lá encontrar ao lado do pão do corpo, aquele pão de espírito, hóstia social de comunhão política. A propaganda assim é fácil; a discussão do jornal reproduz-se também naquele espírito rude, com a diferença que vai lá achar o terreno preparado. A alma torturada da individualidade ínfima recebe, absorve sem labor, sem obstáculos aquelas impressões, aquela argumentação de princípios, aquela argüição de fatos. Depois uma reflexão, depois que se ergue um palácio que se invade, um sistema que cai, um princípio que se levanta, uma reforma que se coroa. (ASSIS: 1985, 963-64)

É, pois, na capacidade de aprimoramento do poder de compreensão dos fatos pelos leitores que reside a grande força transformadora do jornal, e não apenas no embate ideológico entre diferentes estruturas sociais: burguesia *versus* aristocracia.

Para Machado, o cronista por sua vez – ou folhetinista, termo usado pelo escritor – assume papel diferenciado entre os que ocupam as redações dos jornais. Apesar de, no dizer de Machado, “o folhetim ter nascido do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista”, aquele tem maior liberdade em relação a este, pois

O folhetinista é a fusão agradável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com frívolo. Estes dois elementos, arredados como pólos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal. (Apud MEYER: 1992)

E sobre o lugar ocupado por esse criador da nova espécie “animal”, defini-o com uma peculiar imagem que mescla poesia e a costumeira ironia:

O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar de colibri na esfera vegetal: salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo mundo lhe pertence; até mesmo a política.

Assim aquinhoado pode dizer-se que não há entidade mais feliz neste mundo, exceções feitas. Tem a sociedade diante de sua pena, o público para lê-lo, os ociosos para admirá-lo, e a *bas bleu* para aplaudi-lo.

Todos o amam, todos o admiram, porque todos têm interesse de estar de bem com esse arauto amável que levanta nas lojas do jornal, a sua aclamação de hebdomadária... (Apud MEYER: 1992)

Além de levantar o véu diáfano da retórica bacharelesca que empolava os jornais com verdadeiros discursos políticos camuflados, o cronista Machado se preocupou em atribuir uma dimensão ao jornal enquanto veículo formador de opinião, uma vez que trouxe para dentro de suas crônicas a interpretação de novos fatos sociais. Desta forma, ao tratar do cotidiano do operário ou da mulher simples que compra sua *folha* para acompanhar notícias sobre o “Messias do sertão” ¹⁵, o cronista estabelece uma ruptura com a normatização que regia o discurso jornalístico da segunda metade do século XIX.

Aproximando-se mais e mais do cotidiano e do leitor, Machado consegue atribuir maturidade estética à crônica, tornando-a um gênero com maior autonomia dentro do espaço jornalístico, e confere à figura do cronista uma postura

¹⁵ Referência às notícias sobre Antônio Conselheiro citadas pelo cronista Machado. In: ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. p 763.

mais independente em relação ao modelo alencariano, por exemplo, pois agora não precisa dirigir seus textos aos diferentes interesses dos leitores. A pena machadiana, mesclando sua elegância costumeira a doses homeopáticas de uma cáustica ironia, libertou o cronista de sua crônica situação perante o editor-chefe, abrindo espaço para o não mais tão leve “vôo do colibri”.

2.4 O ALVORECER DO SÉCULO XX

Com a modernização dos meios de comunicação, a divisão do trabalho dentro das redações dos jornais foi remodelada: os diferentes discursos foram divididos em áreas especificadas, tornando assim as funções mais nítidas entre os jornalistas e escritores. A tarefa de informar passou para o jornalista, e ao cronista foi dado o espaço para o entretenimento. Como afirma Antonio Candido, a partir dessa autonomia adquirida pelo cronista “a linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro”. Essa liberdade, no entanto, não poderia ultrapassar os limites de interesse dos editores, ela legitimava apenas o espaço dentro do jornal reservado ao cronista que a partir de então era livre para transitar entre os diferentes formatos textuais: reportagem, conto, ensaio, humorismo e até poemas.

Com a facilidade de difusão das informações proporcionadas pelas inovações tecnológicas, a imprensa empresarial se firma na virada do século. A vida parece assumir um outro ritmo, cada vez mais rápido, e passa a exigir uma nova

dinâmica nos jornais: não seria mais possível aos jornalistas o antigo hábito, a paciente espera dentro das redações da chegada morosa dos acontecimentos; era necessário ir para rua, acompanhar a velocidade da vida.

O cronista Paulo Barreto, consagrado como João do Rio, foi o precursor dessa nova técnica, instituindo assim o cronista mundano. Esse novo perfil se caracterizava pela inserção do profissional dentro dos acontecimentos sociais: em vez do organizado bureau na redação do jornal, o cronista subia os morros, freqüentava lugares refinados e também os redutos da malandragem carioca, colhendo material *in loco* para suas crônicas. Há aqui uma mudança radical na técnica de escrita dos jornais: os discursos tentam acompanhar a velocidade que tomou a vida na capital federal; se em alguns escassos cronistas o presente se dilata e o ritmo da passagem do tempo é desacelerado, o mais freqüente, no entanto, a essa época parece ter sido a perseguição, às vezes em abismo, do instante (SÜSSEKIND: 2006). Esse aspecto, definido por Sússekind como *a dança das horas*, proporcionava ao cronista um redimensionamento do tempo: dependendo do interesse e da capacidade de cada um, ao tempo fugidio do alvorecer do século XX imprimia-se o ritmo do cotidiano urbano, e a consciência aguda do tempo como movimento extremamente veloz tomava os cronistas da época. Tentando captar os instantâneos reveladores da sociedade, os cronistas se aproximam dos fotógrafos tão em moda à época:

A crônica evolui para a cinematografia. Era reflexão e comentário, reverso desse sinistro animal de gênero indefinido a que chamam: o artigo de fundo. Passou a desenho e à caricatura. Ultimamente era fotografia retocada mas com vida. Com o delírio apressado de todos nós, é agora

a cinematográfica – um cinematógrafo de letras, romance da vida do operador no labirinto dos fatos, da vida alheia e da fantasia –, mas romance em que o operador é personagem secundário arrastado na torrente dos acontecimentos. (SÜSSEKIND: 2006)

Assim iniciava-se a longa trajetória da crônica pelo século XX: acompanhando as tendências da técnica jornalística o gênero ganharia cada vez mais espaço entre os leitores.

Passada a euforia dos “loucos” anos 20, o grupo que liderou intelectual e artisticamente as vanguardas brasileiras também se viu rendido ao poder encantador da crônica. Na década seguinte, os arautos do Modernismo brasileiro podiam ser encontrados facilmente nas páginas dos principais diários paulistanos. Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Tarsila do Amaral eram nomes que naquele momento assumiam a paternidade e maternidade daquele filho esquisito das letras brasileiras, a crônica. E o modismo não ficou apenas por aqui, atravessou as fronteiras e chegou aos nossos vizinhos. Consta que nessa época, vários escritores latino-americanos também se dedicaram ao gênero, entre eles, Rubén Darío, José Martí e José Enrique Rodo (COSTA: 2005).

Nos anos 40, a crônica contou com duas colaborações de peso, a saber, o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade que já em 1942 colaborava esporadicamente com o *Correio da Manhã*, e a romancista Rachel de Queiroz que em meados de 1944 deixa de colaborar com o *Correio da Manhã*, *O Jornal* e o *Diário da Tarde*, passando a ser cronista exclusiva da revista *O Cruzeiro* até 1975.

A participação de Drummond na crônica com certeza merece um capítulo à parte na história da literatura brasileira. Enquanto muitos viam nesse novo ofício uma banalização daquele que seria o maior poeta brasileiro, passados os mais de trinta anos de colaboração contínua nos jornais, o legado cronístico do autor, que hoje é organizado pelo *Museu Casa de Rui Barbosa*, tem em torno 6.000 (seis mil) crônicas (REZENDE: 2002). Convenhamos que não se trata de uma produção nem tão banal assim como afirmavam os puristas da arte poética...

2.4.1 DOS ANOS 50 AOS 80: OS ANOS DOURADOS DA CRÔNICA E A MILITÂNCIA NAS REDAÇÕES.

Apesar da ampla adesão da crônica pelos grandes nomes da literatura brasileira nos jornais das principais capitais do país, é a geração seguinte aos modernistas que vai dar os contornos à crônica assim como a conhecemos hoje. Uma verdadeira leva de escritores que, seguindo o rastro do poeta mineiro, passou a ocupar as redações dos grandes diários. Entre eles despontam na linha de frente Rubem Braga, primeiro nome a freqüentar as páginas dos compêndios literários como cronista, Otto Lara Resende, Murilo Rubião, Paulo Mendes Campos, Autran Dourado, Fernando Sabino, entre outros.

É nesse período, conhecido como *época de ouro* da crônica brasileira, que Antonio Candido vai identificar o ponto crucial para se entender os moldes desse “animal amorfo” tão bem aclimatado nos jornais do país:

Tanto em Drummond quanto nele [Rubem Braga] observamos um traço que não é raro na configuração da moderna crônica brasileira: no estilo, a confluência de uma tradição, digamos clássica, com a prosa modernista. Essa fórmula foi bem manipulada em Minas (onde Rubem Braga viveu alguns anos decisivos da vida); e dela se beneficiaram os que surgiram nos anos 40 e 50, como Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos. É como se (imaginemos) a linguagem seca e límpida de Manuel Bandeira, coloquial e corretíssima, se misturasse ao ritmo falado de Mário de Andrade, com uma pitada do arcaísmo programado dos mineiros. (CANDIDO: 1992, 17)

Foi assim, como bem definiu o crítico, flertando com a tradição e com as inovações conquistadas pelos modernistas que a crônica caiu no gosto dos escritores e, sobretudo, no gosto do público leitor. Porém, sentimos falta na definição dos contornos esboçados acima pelo crítico Candido da pitada de “malícia” dada à crônica por Nelson Rodrigues. É desse período a publicação do folhetim *Meu destino é pecar* que foi responsável pelo salto de 3 para 30 mil exemplares por dia do diário *O Jornal*. Apesar do sucesso editorial, Nelson não assumia a paternidade do filho e publicava os capítulos do folhetim sob o pseudônimo de Suzana Flag. Animado com a fórmula encontrada, o escritor publicou outro folhetim, *Escravas do amor*, que fora republicado em todos os jornais dos *Diários Associados* (COSTA: 2005). Sua contribuição máxima, porém, vem em 1951, quando assume a coluna de crônicas *A vida como ela é...* no jornal *Última Hora*. Aqui sim o autor resguardado pelo pseudônimo dos folhetins rocambolescos dos anos anteriores vai aparecer em cena e assumir com mestria seu ofício de repórter de uma época de transição, registrando com seu olhar apurado e despudorado as

faíscas, ainda camufladas em nome da moral e dos bons costumes, das revoluções comportamentais que iriam acontecer na segunda metade do século.

Nos anos '60 e '70 as redações dos principais jornais do país se tornaram uma espécie de refúgio de escritores e intelectuais. Em sua grande maioria, acuados pelas sanções impostas pelo golpe militar de 1964, a *intelligentsia* brasileira se viu obrigada a procurar abrigo e salvaguarda nos grandes jornais, ainda que apenas para desempenhar funções burocráticas dentro das redações (GASPARI et al.: 2000). Nessa época era possível encontrar na redação do *Jornal do Brasil* nomes como Affonso Romano de Sant'Anna, Marina Colasanti, Lea Maria, Ivan Junqueira, Cecília Costa, Marcos Santarrita, Maria Helena Malta, Noênio Spínola, Muniz Sodré, Fritz Utzeri, Mário Pontes, Wilson Figueiredo, Fernando Gabeira, Mário Faustino, Carlinhos Oliveira, Carlos Heitor Cony, Otto Lara Resende, Ferreira Gullar, entre outros.

Se por um lado sobravam cabeças pensantes dentro das redações, por outro, escasseava liberdade de expressão. Com a promulgação do Ato Institucional N°. 5, em 13 de dezembro de 1968, a censura foi tamanha que os jornais se viram obrigados a silenciar as vozes dissonantes não só dos cronistas mais contundentes, mas também todo e qualquer vestígio de resistência. É famosa dessa época a atitude do editor d'O *Estado de São Paulo* que resolveu publicar receitas de bolo e poemas de Camões na primeira página do jornal como forma de protesto à censura que seus colaboradores estavam sofrendo.

Nesse clima tenso, alguns escritores conseguiram se safar do crivo inquisitorial da ditadura e continuar com suas colaborações. Um nome que ganhou destaque nesse período foi Clarice Lispector.

O flerte de Clarice com o jornalismo, no entanto, teve início já nos anos '40 quando ainda era uma jovem estudante de direito no Rio de Janeiro e, a fim de obter algum rendimento com suas habilidades com a escrita, foi trabalhar como repórter, tradutora e redatora na *Agência Nacional*, órgão coordenado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Em seguida, Clarice passou a colaborar com o jornal *A Noite*. Sua participação na crônica só tem início de fato em 1967 no *Jornal do Brasil*, quando do convite do amigo Alberto Dinnes, Clarice passa a assinar todos os sábados uma coluna no *Caderno B*. A escritora que havia em outras épocas trabalhado como *ghost-writer* da modelo Ilka Soares, escrevendo sobre dicas de beleza, agora no *JB*, já famosa e premiada por seus contos e romances, ingressa nesse novo formato literário e se aproxima mais ainda de seus leitores (GOTLIB: 1995).

Foram mais de seis anos de participação da autora conhecida por sua linguagem “hermética” na crônica com excelente recepção por parte do público e dos colegas da redação do *JB*. Apesar de raramente aparecer no prédio do jornal para entregar seus textos semanais, preferia usar os serviços do mensageiro da redação, Clarice Lispector era admirada pelos colegas de profissão. Havia uma espécie de aura em torno de sua imagem que orgulhava os repórteres, redatores, editores, e até mesmo o *office boy*, de dividir o espaço de trabalho com aquela figura misteriosa. Seu sotaque estranho, arrastando os “erres” e “eles”, virou motivo de piadas entre os mais à vontade com a sisuda Clarice: certa ocasião passou a ser chamada dentro da redação de “a carbono frrrranze”. A então subeditora do jornal, Marina Colasanti, explicaria o motivo da brincadeira:

Ela pedia para ter cuidado para não perder os originais das crônicas. Não fazia cópias porque teria que usar carbono e toda a vez explicava: é porque carbono *frrrrranze* quando colocado na máquina de escrever. (COSTA: 2005)

Mesmo causando um certo estranhamento naqueles que não acreditavam ser uma boa escolha ter Clarice Lispector assinando uma coluna num meio de comunicação como o jornal, hoje, no entanto, os estudiosos da obra clariciana são unânimes em reconhecer o papel decisivo que esta mídia desempenhou para “popularização” de sua obra. Foi através da crônica que Clarice afinou a sintonia da sua escrita com o grande público e ganhou maior popularidade.

Os anos ‘70 e ‘80 foram os anos em que os poetas dominaram as redações jornalísticas. Nomes como Drummond e Vinícius de Moraes imprimiam seu olhar poético sobre o cotidiano carioca. Nessa época, invariavelmente, as moças que desfilavam sobre os calçadões de Ipanema e Copacabana vão se tornar figuras diletas naquelas crônicas. O “estado de espírito carioca”, como definia Vinícius, havia se tornado o *modus operandi* para quem quisesse obter sucesso na arte da crônica.

Além do poeta mineiro e do carioca, mais dois nomes se destacam naquele período: Torquato Neto e Ricardo Chacal. O primeiro assinando a coluna diária *Geléia Geral* no jornal *Última Hora* do Rio de Janeiro, no período de 19/08/1971 a 11/03/1972, o segundo escrevendo para o sisudo *Correio Brasileiro* ao longo do ano 80.

Mesmo com as sanções impostas pelo regime ditatorial, a crônica se transforma em espaço de resistência e encontra na poesia forte aliada. Em

uma das crônicas da coluna *Geléia Geral* de Torquato, encontramos a determinação abertamente política de enfrentar com a poesia e com a prática jornalística as intempéries daqueles dias:

Não está na hora de transar derrotas. Eu digo na *Geléia*: ocupar espaço, amigo, estou sabendo, como você, que não está podendo haver jornalismo no Brasil, e que, – já que não deixam – o jeito é tentar, não tem outro que não seja desistir, e eu, sinceramente, acredito que não está na hora de desistir.
(Apud HOLLANDA, 2000)

A militância e coragem de Torquato marcariam uma época, como explica Heloisa Buarque de Hollanda:

É fantástico, para quem viveu a barra de 1971/72, pesadíssima, observar a gana e a garra de Torquato estimulando, instigando, batalhando contra o silêncio e contra o medo que rondava o cotidiano do país. E, de forma mais localizada, ao lado de luta pelos “direitos humanos”, vinha a luta, não menos política, pelos direitos profissionais e autorais [...]
(HOLLANDA: 2000)

Da breve incursão dos dois poetas pela crônica, o saldo foi um momento de peso para a época, nomeado pela crítica Heloisa Buarque de Hollanda (2000) como sendo um momento de “militância da poesia” nas redações jornalísticas:

[...] a rima e a musicalidade invadem o espaço do jornal, bem como a etimologia e a poética se vêem, de repente, elevadas à

categoria de “gancho jornalístico” txukarramãi. Outro ponto (de honra) que não pode ser esquecido é o resgate daquele reduto do jornal onde ainda existe – e resiste – o desenho, o traço, a mão livre ou seja, onde ainda é possível o exercício da poesia. (HOLLANDA: 2000)

2.5 A CRÔNICA, UM *PUXA-PUXA* LITERÁRIO (?)

Como podemos acompanhar no breve panorama esboçado anteriormente, trata-se de tarefa quase impossível apontar os limites que dão contorno à crônica se partirmos de princípios clássicos da constituição dos gêneros literários. Verdadeiro “peixe ensaboado”, a crônica parece escapular às classificações. Certa vez o poeta, e também cronista, Manuel Bandeira, se referiu ao assunto definindo a crônica como um *puxa-puxa* literário. A expressão, que fora empregada especificamente quando o poeta se referia ao estilo do cronista Rubem Braga, parece ter caído na simpatia dos estudiosos do gênero: podemos encontrá-la em textos de Affonso Romano de Sant’Anna e Carlos Heitor Cony como uma das mais felizes definições para a crônica.

Presa que esteve, por um longo período, aos jornais, a crônica assimilou a velocidade de transformação desse meio e não se deixou vencer pelo peso da tradição formal da genologia literária ocidental.

Especificamente no cenário brasileiro, território onde o gênero se aclimatou desde cedo, a crônica vem se configurando como verdadeira encruzilhada para os embates estético-formais dos escritores contemporâneos.

Nesse sentido, vale lembrar a imagem “caótica” vista pelo crítico José Castello ao tentar entender o estado crônico dos gêneros literários com a derrocada de suas fronteiras:

O século XX se encarregou de fracionar e desfigurar os gêneros literários. Ficcionalistas, como Kafka, Virginia Woolf, Borges, Joyce, Proust, Beckett e poetas, como Pessoa, estilizaram aquelas certezas frágeis que, vacilantes, perduraram ao longo do século XIX. Até a fronteira mais sólida que separava os dois grandes gêneros, prosa e poesia, foi rompida. Hoje, já não podemos falar com a mesma segurança da tipologia do romance, já que os limites entre o romance histórico, o autobiográfico, o picaresco, o de formação, entre outros, é cada vez mais flácido. O século XXI se abre para a literatura como uma paisagem em ruínas: escombros, balizas envergadas, destroços, um deserto a partir do qual, hoje, são obrigados a partir todos aqueles que desejam escrever. [...] Alguns críticos, mais desesperados, puseram-se a reconstruir cânones literários, na esperança de, assim, ter uma muleta em que se amparar. Estão costurando apenas as próprias camisas de força. (CASTELLO: 2003)

Como bem mostra Castello, não é de hoje esse processo de hibridização dos gêneros, nem tampouco exclusividade da crônica. Porém, é nessa espécie de “prima pobre” da Literatura que podemos encontrar o meio ótimo adotado por vários escritores para desenvolver suas experimentações escriturais. Continua Castello:

Entre nós, hoje, o fracasso dos gêneros se expressa, de maneira muito particular na proliferação da crônica – o lugar por excelência, da ausência de gênero. Na crônica tudo é possível, da ficção clássica à moda de Clarice Lispector às interrogações existenciais de um Carlinhos de Oliveira, do lirismo despudorado de Rubem Braga à filosofia disfarçada em desafio de um Paulo Mendes Campos. Depois deles, a crônica brasileira tornou-se o lugar da experimentação – e é tão mais ou menos bem sucedida quando não foge a esse destino. Às vezes abriga apenas o texto jornalístico; outra vez, a confissão mais sincera, ou a simples memória que, na verdade, não é tão simples assim. A crônica passou a sintetizar um impasse – e não parece ser por outra razão que, na última década, multiplicando-se nas páginas da imprensa, ela renasceu. A crônica se tornou o lugar da experiência, um laboratório; o espaço sem forma, para o qual os velhos gêneros confluem, já sôfregos, já deformados por um século inteiro de agonia e de suspeitas. O escritor deve prosseguir, sem saber o que deseja encontrar, ou o que pode construir. Só lhe resta esta atitude, do sujeito que, retido num ambiente às escuras, ainda assim se expõe, se deixa contaminar e, ao mesmo tempo, interfere e reage – ainda que nunca venha a estar muito certo a respeito do que está fazendo. (op. cit.)

Esta incerteza apontada pelo crítico, a respeito da fatura da crônica, nos parece ter sido a tônica da grande maioria dos cronistas. Na quase totalidade dos nomes apontados em nosso breve panorama da crônica brasileira, é certa encontrar uma das crônicas versando sobre possíveis, prováveis e aceitáveis – às vezes nem tanto – definições para o gênero. Desde a ironia do espírito romântico-nacionalista de um José de Alencar aludindo à necessidade da chancela

das academias de França e Portugal para finalmente se chegar a um consenso sobre a questão, chegando até mesmo aos argumentos mais “psicodélicos” tecidos pela cronista Clarice Lispector provavelmente depois de xícaras e mais xícaras de café madrugada a dentro na clausura do seu apartamento no bairro carioca do Leme. Todos eles, salvo raríssimas exceções, se depararam com o estranhamento diante da liberdade de expressão proporcionada pela crônica.

Um exemplo recente que podemos trazer a título de ilustração desse “incômodo” atávico é o caso do poeta Ferreira Gullar. Convidado a escrever para a *Folha de São Paulo*, o também crítico de arte Gullar recebeu o privilégio de ter uma coluna bem generosa para publicar suas crônicas. Batizando o espaço que seria seu reduto poético de *Resmungos*, Gullar, no entanto, já na primeira crônica mostrou a que viera:

Fui convidado para escrever crônicas, que ninguém sabe direito o que é. Esta última reflexão me deu ânimo novo, porque, se ninguém sabe direito o que é crônica, posso escrever o que me der na telha, sem correr o risco de o chefe de redação me devolver o original com a observação de que “isto não é crônica”. [...] Se é verdade que a crônica é tida como um gênero menor, no meu caso ela corre o risco de ficar menor ainda, se não oferecer ao leitor o que ele supostamente espera de mim, e que eu não sei o que é. [...] Como o leitor já deve ter percebido, toda esta lengalenga é para sugerir-lhe que não espere demasiado deste cronista bissexto. Farei o possível para não ser chato nem gaiato demais. Dificilmente evitarei algumas críticas ácidas, pois muitas das coisas que leio nos jornais e vejo na televisão me deixam irritado a resmungar com meus botões. Aqui terei oportunidade de fazê-lo em público. Por isso, em muitas ocasiões o leitor não encontrará

aqui crônicas propriamente e, sim, resmungos. (GULLAR: 2005)

Foi nesse clima de diálogo franco e aberto que os cronistas de primeira viagem costumeiramente iniciaram sua colaboração no novo ofício. Sem grandes pretensões, apenas oferecendo ao leitor uma visão de mundo escrita no seu estilo autoral, o cronista brasileiro vem cultivando seu espaço na grande imprensa.

Mas nem sempre os ventos são favoráveis... Mesmo com a contribuição de grandes nomes da literatura brasileira, a crônica ainda hoje sofre com uma resistência para ser reconhecida como um gênero específico – ou para ser mais específico, não seria um “não-gênero”? Provavelmente as raízes profundas dessa resistência estão na sua origem pouco nobre. Ao rés das páginas de um meio de comunicação utilitário e descartável, o jornal, esse “estranho animal” é cultivado em troca de um salário. Para aqueles que defendem a pompa aristocrática do ofício das letras, tal condição seria inaceitável para o espírito do artista. Não bastassem essas “condições abomináveis” impostas ao gênio criador, o produto desse vil negócio ainda nasce sob a pecha de filho bastardo, defeituoso: longe do ideal de texto feito e refeito guiado pelas centelhas da musa inspiradora, a crônica é vista como “comentário ligeiro a respeito de assuntos cotidianos, vazado numa linguagem simples e direta”, como se “ligeiro” significasse “superficial”, “assuntos cotidianos” fossem tão simplesmente “irrelevâncias” e “linguagem simples e direta” sinônimo de “linguagem pobre e reducionista”. Esse condicionamento crítico há de ser revisto, pois, tendo em vista a originalidade que o gênero alcançou entre os seus cultores brasileiros, a excelência de estilo, a força estética, a crônica deveria figurar entre as

páginas das histórias da literatura brasileira, e não ser simplesmente citada, quando muito, em notas de rodapé.

É curioso como muitas vezes o discurso institucionalizado – principalmente institucionalizante – da crítica especializada passa ao largo do fenômeno editorial que vem se transformando a crônica no Brasil. Apenas como exemplo prático desse prestígio junto ao leitor brasileiro, lembramos aqui os nomes de Rubem Braga, Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade e até mesmo o sempre atual Machado de Assis, que está entre os mais vendidos cronistas do país. Claro que não quero defender aqui o argumento de qualidade literária – alguns estudos dão conta desse fato! – baseado nas tiragens de cada autor, muito menos pelos topos de listas de *mais vendidos*, porém o fato de ser a crônica procurada com frequência pelo público leitor, denuncia uma preferência por esse filho bastardo das *Belas Letras* brasileiras.

3. A ESCRITA CRÔNICA DE HILDA HILST

Como tentamos demonstrar no breve panorama da crônica brasileira, ao longo do capítulo anterior, a aproximação de escritores com o meio jornalístico e, por conseguinte, com a crônica, fez parte do processo de formação de muito dos autores brasileiros. Entrando pelas portas da tipografia e paulatinamente conseguindo seu espaço nas redações, o “escritor-jornalista” conquistou seu lugar, legitimou sua escrita no âmbito frio do discurso jornalístico e fez do seu ofício um meio para a propagação da sua arte e, em muitos casos, transformou o compromisso de escrever sob encomenda em um lúdico exercício estilístico para aproximar-se a um número maior de leitores. Já que em muitas situações foi no jornalismo que vários escritores encontraram uma salvaguarda financeira para continuar seu ofício, a crônica logo passou a ser o *locus* ideal para aqueles escritores que não queriam se prender ao jornalismo diário e factual, a horários fixos e humores das chefias.

Para um dos grandes nomes da crônica brasileira, Paulo Mendes Campos, era fácil descobrir o porquê de tantos escritores aderindo à crônica: o gênero *gauche* “permitia a liberdade de espaço, liberdade de horário e liberdade de assunto: três proveitos num saco só”. Além dessa “tríplice liberdade” de que falava o cronista de primeira linha, acrescentaríamos ainda mais duas vantagens ao gênero, são elas, a visibilidade do escritor e sua obra, mantendo contato com o leitor entre a produção de um livro e outro, que às vezes pode levar alguns anos, e a que nos

parece ter sido sempre a mais sedutora, o espaço aberto para a aproximação de uma maior personalidade, isto é, a possibilidade do uso de um pronome cada vez mais raro na imprensa objetiva e impessoal: um Eu no seu mais absoluto singular!

Foi nas crônicas, esse terreno de inteira personalidade, de maior aproximação com o leitor, livre do discurso asséptico das redações jornalísticas, que Hilda Hilst conseguiu estreitar mais ainda sua relação com o grande público.

3.1 BAGUNÇANDO O CORETO

No final do século XIX, o cronista Olavo Bilac já defendia a importância vital dos jornais para a legião de escritores que encontrava nas redações dos diários um meio de sobrevivência. Assim como vários outros nomes da literatura brasileira, Hilda Hilst aceitou o convite para escrever em um jornal motivada pelos escassos rendimentos obtidos por suas publicações. Com uma obra iniciada na década de '50, ao ser convidada pelo jornal *Correio Popular* em 1992 para contribuir semanalmente com seus textos, Hilda Hilst já era uma autora consagrada pela crítica especializada.

O que seria inicialmente apenas uma salvaguarda financeira da escritora, com o tempo veio a ser, no entanto, um profícuo exercício de maior aproximação de um público mais vasto do que o seleto grupo de leitores que a acompanhava em seus livros. A participação de Hilda Hilst no *Correio Popular*, durante o período de 1992 a 1995, além de contribuir com a renda da escritora, foi

um importante processo de afinação de sua linguagem para uma sintonia maior com o público leitor.

Com um discurso inovador – no sentido de levar para o jornal a marca autoral hilstiana –, Hilda conseguiu criar um canal para a sociedade campinense discutir temas que até então eram veiculados na imprensa de forma referencial, apenas informativa. É bem verdade que muitos dos leitores do Caderno C, do *Correio Popular*, não se sentiam na melhor das situações ao lerem em plena manhã de domingo – depois de alguns meses de colaboração, os textos de Hilda passaram a ser publicados na segunda-feira – as ácidas crônicas da escritora, por outro lado, muitos outros leitores felicitavam o jornal pela iniciativa de contratar a escritora como uma de suas colaboradoras.

Longe da *flânerie* tão em voga nos cronistas do início do século XX, Hilda Hilst cerca os temas abordados em suas crônicas com a mesma verve e contundência de seus escritos ficcionais. Cronista e ficcionista se confundem criando um discurso fronteiriço que questiona a postura apriorística que se espera do escritor em determinado gênero literário: em algumas de suas crônicas, a escritora se questiona sobre a necessidade de ser sempre leve, amena e “alegrinha”, pois sempre se espera esses atributos em um cronista.

Utilizando-se da metalinguagem, característica da escrita hilstiana, a autora traz para o âmago de seu texto o estado crônico do escritor brasileiro: como falar de amenidades com o país tomado por toda sorte de vilipêndios? A todo instante a cronista Hilda Hilst, ao transformar notícias de corrupção política, desvios de verbas, denúncias de nepotismo, o comércio de

favores no centro do poder político do país, etc., opera uma grande transformação no valor repercutivo dessas notícias.

Escritas com a perplexidade de quem sofria de perto com poder esmagatório da máquina pública – durante vários anos a autora foi ameaçada de despejo por não conseguir quitar os impostos municipais –, essas crônicas se aproximavam da realidade vivida no país: de um lado o cenário político calamitoso que culminou em fins de 1992 com o impedimento do presidente Fernando Collor de Melo, e, por outro lado, uma sociedade que tentava a duras penas se recuperar do forte golpe econômico provocado pelo confisco dos bens monetários da população. Por mais que *a priori* tais assuntos tornem as crônicas hilstianas presas a um dado momento histórico, parece-nos, no entanto, que por esforço de grande parte dos homens públicos deste país esse recente passado histórico continuará como um fantasma no cotidiano dos brasileiros, fato que por tabela torna esses textos atuais.

Nesse sentido, um aspecto que devemos levar em consideração nas crônicas de Hilda Hilst é uma mudança de perspectiva colocada em prática pela eleição da ironia e da galhofa como estilos predominantes em seus textos. Destoando da seriedade com que freqüentemente tais assuntos eram tratados pela imprensa nacional, Hilda Hilst subverte o discurso empolado dos tecnocratas – o famigerado economês tão em voga àquela época – e traduz em linguagem clara e contundente o sentimento de impotência dos brasileiros.

Em crônica publicada em 02 de janeiro de 1994, podemos encontrar, no lugar das costumeiras boas-vindas ao ano que se iniciava, um desabafo de uma escritora consciente do mar de lama derramado sobre o país:

Sinto muito, leitor. Mas só se eu estivesse louca ou babando verde é que eu desejaria feliz ano novo para todo mundo [...]. Gente! A dívida externa do País é de US\$140 bilhões! Os canalhas roubaram mais do que a dívida externa de todo o Brasil! Ahhhhhhhhh!!!! Mas aí vêm as bichonas e dizem: não se pode ferir a democracia, coisas inéditas estão sendo feitas pela primeira vez, e aí vem o tal do “veja bem”. Então, vejamos bem, negada, quando é que o país vai ver a cara da grana que foi roubada? É preciso provar mais o quê? Quer dizer que há toda uma ética política para os saqueadores e, pro povão, zero? Os impostos vêm rapidinho, amanhã mesmo teu IPTU vai ser corrigido diariamente, quando “eles” querem é tudo rapidinho. E podem dizer que é lugar-comum isso de malhar. O que vocês acham? Acham que eu devia ser original e dizer: tudo está indo bem, senhora marquesa, coma os seus brioches, pois, pela primeira vez, temos um presidente deposto. Muito bem, a CPI está aí, mas os anões continuam riquíssimos, se forem para a cadeia, terão o seu champanhe, seu salmão, suas trufas e suas trutas e grana também para continuarem corrompendo. Deve ser uma delícia isso de só ficar comendo e fornicando na sua saleta com sauna, espelhinho e banho quente. Amanhã, se eu ficar com lepra (Deus me livre!!!), e fizer uma listinha de CR\$1 para passar entre os amigos, na mesma hora viriam os olheiros: ainda tem esse toquinho de mão, dona, dá pra bater à máquina com o toquinho, ainda tem dedo mindinho, dá pra ir andando, velhota, tá extorquindo! Tá extorquindo! É assim que fazem com povos e poetas. Mas com os pulhas, os facínoras de colarinho branco, que tiram a bóia do povão, há todo um luxo de delicadezas, filigranas conceituais tão bizantinas, e que peninha deles, e coitadinho desse aí que não sabe como foi parar US\$1 milhão na continha dele, ficou tão magrinho de tanto chorar, tadinho! Ele é bão! Ele é bão! Sem dúvida, senhores, que é preciso conservar a democracia, mas agilizem,

agilizem, confiscem as fortunas dos canalhas que roubaram o povo. Ou vocês são do bando que acredita que eles ganharam na SENA e/ou que são sobras de campanha? Então alguém te dá US\$10 milhões pra você ser presidente de qualquer coisa, ou deputado, e você acha que esse alguém que deu não vai te comer o anel? Até morto, bicho! Claro que vai te comer a rodela! Tu tá podre lá no fundo, e o cara tá berimbando. Anões? Gigantes Pantagruélicos do Saque, isso sim! Meus pêsames, por enquanto, Brasil. Estou colérica que é como estão aqueles que apostam sim, mas na vida. Bom-dia. O que já é difícil. (HILST: 1998, 106-107)

Misto de revolta e desabafo, o texto acima exemplifica bem o tom do discurso hilstiano nas crônicas. Nesse caso específico, não há uma “ficcionalização” de um fato, Hilda não recobre a realidade com um véu de poeticidade, aspectos esses que comumente caracterizariam a crônica segundo os procedimentos típicos dos escritores cronistas apontados por Sá (1992). Pelo contrário, com um discurso em tom caloroso, Hilda cerca o tema em questão e põe a nu o cenário de desesperança que assolou o país. A linguagem despojada, livre de tecnocracismos, elucida bem a situação político-social brasileira e recrudescer um espírito de indignação entre os leitores¹⁶. A situação difícil que vinha enfrentando pelos rendimentos financeiros escassos de sua obra também se torna assunto nas crônicas: a imagem da velha leprosa pedinte é colocada como símile para o estado em que se encontrava não apenas a escritora, mas boa parte da população brasileira que havia sido saqueada pelo “príncipe das Alagoas”...

¹⁶ Cf. reprodução de algumas cartas dos leitores enviadas ao jornal *Correio Popular in finne*.

Entre os originais que tivemos acesso no *Fundo Hilda Hilst*, vários eram os manuscritos das crônicas com anotações de débitos e apontamentos de cálculos para fechar o orçamento do mês da chácara: além das despesas básicas, podemos encontrar anotações referentes à manutenção do canil, que chegou a abrigar 145 cães abandonados da cidade de Campinas, mantido pela escritora em sua chácara sem nenhum apoio de órgãos públicos ou privados ¹⁷. Indignada, certa vez escreveu nas crônicas: “Pobre do País que sequer cuida dos animais abandonados”.

Através da ironia, do deboche, da galhofa, a escritora destrinchava aquilo que, no discurso sério dos diários, tornava-se incompreensível para o público leitor:

Diante da situação caótica miserável assustadora paupérrima de todos nós (menos daqueles que todo mundo sabe quem são: PC, Collor, banqueiros – é o cúmulo um banco te cobrar 46% de juros! – seqüestradores, deputados que têm verba de mais de Cr\$ 200 milhões para tratar dos dentes – os meus estão caindo – e ainda conseguem empréstimos lá mesmo na câmara em sem juros – (!!!) – e acham o salário de mais de Cr\$ 100 milhões, um lixo...), bem, dizia eu que, diante da situação absolutamente calamitosa, além daquela sugestão adorável do Esquadrão Geriátrico de Extermínio que lhes propus, proponho uma nova, também só pra velhinhas... Suspense... Um bordel geriátrico, que tal? Há gosto pra tudo... E contrataríamos velhinhas magníficas, risonhas, letradas, umas quituteiras (que fazem quitutes) outras pacienciosas, adorando ouvir relatos chatérrimos como este “ah... como eu quis tanto dormir com mamãe, ela era linda gostosa, etc.,

¹⁷ Cf. reprodução de manuscritos *in finne*.

como não consegui sou assim agora.” E depois será que não tem alguém curioso que até pague para ver uma velhinha pelada? Até só para rir um pouco? É tão difícil rir nos tempos de hoje! Eu, por exemplo, adoraria ver velhinhos deslumbrantes como Bertrand Russel, o Einstein, meu Deus, acho que riríamos tanto... Olha que engraçado que você ficou! E isso aqui, o que é? É aquilo. Não acredito, ficou assim é? E riríamos, riríamos. Outra coisa, gente, tenho pensado tanto em como ganhar dinheiro... Que tal se importássemos os dejetos do Primeiro Mundo pra fazer qualquer coisa, sim, porque os dejetos do Primeiro Mundo devem conter todas as vitaminas e mais sais minerais do que aquelas pastilhas geriátricas caríssimas contêm. E será que não é mais barato bosta de rico? Tô pensando, gente, tô pensando. Aceito sugestões para uma possível sociedade. E se alguém quiser me trancafiar pelo acúmulo de obscenidades que venho sugerindo, gostaria de ser trancafiada em algum lugar como a Bastilha, porque, não sei se vocês sabem, certamente não, a ignorância também grassa como grama no País, mas se alguém tiver dinheiro e bastante para comprar o livro *Cidadãos (uma crônica da Revolução Francesa)*, de Simon Schama (eu não comprei, roubei), saberia que o marquês de Sade teve vários privilégios lá dentro. E eu, como fui editada na Itália em companhia do marquês, de Jonathan Fast e Choderlos de Laclos, com meu livro *Il Quaderno Rosa de Lori Lamby*, também teria os mesmos privilégios, naturalmente. E foram estes: “Levou para a cela, entre outras coisas, escrivainha, guarda-roupa, *nécessaire*, camisa, calções de seda, casacas, roupões, vários pares de botas e sapatos, apetrechos de lareira, quatro retratos de família, tapeçaria para pendurar nas paredes brancas, almofadas de veludo, colchões para tornar a cama mais confortável, uma coleção de chapéus, três fragrâncias – água-de-rosa, água-de-flor-de-laranjeira e água-de-colônia – para se perfumar e uma grande quantidade de velas e

lamparinas. Estas eram necessárias, pois, ao entrar no cárcere, em 1784, Sade levou também uma biblioteca de 133 volumes, entre os quais as histórias de Hume, a obra completa de Fénelon, romances de Fielding e Smollett, a *Ilíada*, as peças de Marmontel, livros de viagem sobre Cook e Bouganville nos mares do sul, uma *Histoire des Filles Célèbres* e o *Danger d'Aimer Etranger*". Outra coisa: olhem só a comida Bastilha: "Uma sopa excelente, um suculento bife, uma coxa de frango pingando gordura (uma virtude no século XVIII), um pratinho de alcachofras frias e marinadas, ou de espinafre, deliciosas pêras de Cressane, uvas frescas, uma garrafa de velho borgonha e o melhor café".

Trancafie-me assim, senhores, por favor. É a única maneira de eu sobreviver. (HILST: 1998, 44-46)

Desacostumado com tamanha ousadia, o leitor brasileiro, sobretudo o campinense, não estava preparado para ler denúncias feitas de tal maneira em um diário matutino, tampouco, para ler nas páginas de um jornal, cuja linha editorial era reconhecidamente mais tradicional, a marca autoral hilstiana, conhecida pelo despudoramento com que costumava abordar os temas mais sérios.

O fato é que, de início, muitos estranharam essa "nova linguagem" nos textos do Caderno C, do *Correio Popular*, e poucos foram os que entenderam a proposta do editor: ter Hilda Hilst, ou seja, a conhecida autora de obras polêmicas, escrevendo para o espaço do jornal reservado às amenidades da vida captadas pelo olhar *en passant* da cronista.

O resultado dessa ousada, e aparentemente contraditória, junção de água e vinagre foi um sucesso editorial que provocaria inveja em muitos cronistas da época de ouro da crônica brasileira. De donas-de-casa a juízes de

direito, as cartas endereçadas à seção *cartas ao editor* bateu recordes na redação do matutino campinense¹⁸. Dos textos supostamente ingênuos, publicados semanalmente, Hilda Hilst, além da “tríplice vantagem” – liberdade de espaço, horário e assunto – apontada por Paulo Mendes Campos, conseguiu criar uma verdadeira tribuna livre na seção de cartas, deixando várias vezes o próprio editor do jornal em situações delicadas. As discussões geralmente giravam em torno da linguagem usada pela cronista, que segundo alguns era desnecessariamente chula. Em uma dessas cartas, um leitor ex-funcionário do jornal diz-se decepcionado com o estilo da autora e, comparando-a a uma linhagem tradicional de cronistas, acusa-a de utilizar de artifícios pouco dignos dos “grandes cronista”:

Fui caricaturista e ilustrador do *Correio Popular* por duas décadas e jamais descí à pornografia para ter sucesso (e nem me deixaram que o fizesse, caso pretendesse). E duas décadas não representam fracasso. Os grandes cronistas, como Plínio Marcos, Antônio Contente, Eustáquio Gomes, Cecílio Elias Netto, Moacyr Castro, Otto Lara, etc. jamais usaram da pornografia para retratar o mundo cão. Foram realistas vigorosos sempre sem descurar da limpeza do linguajar. Não há a menor lógica em comparar o *Domingão do Faustão* com o *Correio Popular*. Quem procura a *Globo* o faz exatamente buscando até mesmo a linguagem chula do apresentador e a pornografia colocada no ar. Já quem assina o jornal pretende ler, todos os dias, um retrato do mundo, os grandes acontecimentos, o aumento do custo de vida, os fatos policiais, a relação de falecimentos, etc. e, também, crônicas inteligentes. Quem pretende pornografia, em linguagem escatológica, compra revistas especializadas, que as há aos montes, com fotos e tudo que há relativo ao assunto. O

¹⁸ Cf. depoimento do escritor e amigo de Hilda Hilst, Mora Fuentes, em entrevista *in finne*.

assinante do jornal jamais se interessa pelas fantasias imorais de Hilda Hilst, com rabanetes, nabos ou abobrinhas, com seus respectivos calibres, verdadeira apelação, pura baixaria. O lugar para as extravagâncias ou arrojados literários é o livro, que compra quem quer e porque o quer exatamente pelo seu conteúdo chinfrim. Se Hilda Hilst usa vibrador, ou não, é problema dela. (CORREIO: jan.,1993a)

Obviamente, todo leitor tem o direito de expressar sua opinião sobre o conteúdo do jornal, sobretudo se assinante!, porém, há alguns aspectos nessa crítica à cronista que precisam ser discutidas, pois denunciam o principal confronto entre o texto hilstiano e o leitor médio brasileiro. Apesar de representar uma opinião individual, a crítica acima é recorrente entre os leitores apressados da obra hilstiana.

O primeiro equívoco do leitor está na comparação feita desavisadamente: situar Hilda Hilst entre os doutos cronistas citados pode até revelar respeito por parte do indignado caricaturista, contudo, denuncia grande desconhecimento sobre a escritora... pois, se levada em consideração a obra anterior da autora, seria contraditório estabelecer comparações entre a crônica hilstiana e os tradicionais cronistas indicados; outra falha do leitor é conceber o cronista contemporâneo como um “realista vigoroso”, o pacto com o real, tal e qual ele se apresenta, não foi levado a cabo tão vigorosamente sequer pelos cronistas do séc. XVI. Sabe-se há muito da impossibilidade de uma escrita neutra, sem contaminações pela subjetividade e pelas escolhas do observador. Sobre esse excesso de realidade defendido pelo leitor, o cronista Antonio Maria, famoso nos anos 70 e frasista de primeira linha, considerava esse “cronista relógio de ponto”

um mal à arte da crônica: cheios de boas intenções no trato com o real, há sempre os historiadores de plantão!, costumava lembrar.

Mas nem só de críticas se fazia a recepção das crônicas hilstianas, vários leitores em sintonia com a “bruxa da Casa do Sol” também participavam do duelo epistolar. Entre alguns excessos – de ambos os lados –, podemos encontrar textos como este:

Hilda Hilst venceu. E o *Correio Popular* também. Hilda revela sua arte com uma autoridade que dispensa maiores comentários. Com a erudição dos grandes escritores, ela provoca o fascinante movimento da arte-comunicação como processo, haja vista as discussões em torno do seu espaço no Caderno C. O *Correio* confirma seu potencial de meio de estímulo. Hilda Hilst é sem dúvida uma das maiores artistas do País e por isso mesmo merece o respeito [...]. O *Correio* sabe de Hilda e dá a oportunidade ao leitor de sabê-la. Não me irrita nem sequer magoa perceber críticas e até excessos de ira por parte de alguns leitores que insistem em não enxergar a verdadeira arte de Hilda. Mesmo porque ela deve ser discutida e pensada. É a colocação dos pontos de vista diversos que move um bom jornal e também um artista criativo e acima de tudo ativo. Hilda é suprema, pois em sua arte nos faz enxergar a nós. Ela cumpre, como os grandes mestres, o papel de mensageira, onde nós enviamos a mensagem a nós mesmos. Hilda nos entende. Somos, Hilda nos revela. Além e muito além fica a literatura. Hilda Hilst a enriquece. Ela sabe escrever como quem vive em 1993. Eu sei de Hilda Hilst e me vejo fascinado diante da verdadeira, rica e bela literatura dessa mulher atual e vibrante. O *Correio* se firma numa linguagem dos anos 90. (CORREIO: jan.,1993b)

Para os que perceberam a atualidade da escrita hilstiana, era fácil identificar naquelas linhas provocadoras a inovação proposta pela autora. Não havia espaço, nem tempo para malabarismos retóricos. A linguagem havia de entrar em sintonia com espírito das coisas, das situações.

O cinismo que predominava no cenário político torna-se o caminho para apontar e revidar os disparates do poder: em várias passagens Hilda se refere aos envolvidos em esquemas de corrupção como os “coitadinhos”, “gente boa!”... A ironia, no entanto, não é exclusividade de suas crônicas, ao contrário, acompanha a autora desde seus primeiros escritos em prosa e tornou-se como que marca registrada de seu olhar peculiar sobre as relações humanas.

Esse aspecto da escrita hilstiana foi observado pelo Professor Ítalo Moriconi e apontado como grande trunfo da marca autoral de Hilda Hilst, fator preponderante para a presença da autora na coletânea que reúne os cem melhores contos brasileiros do século XX. Entre os textos selecionados pelos critérios de Moriconi, aparece uma pérola da contística hilstiana, que também fora publicada entre as crônicas campinenses, *Teologia Natural*:

A cara do futuro ele não via. A vida, arremedo de nada. Então ficou pensando em ocos de cara, cegueira, mão corroída e pés, tudo seria comido pelo sal, brancura esticada da maldita, salgadura danada, infernosa salina, pensou óculos luvas galochas, ficou pensando vender o que, Tiô inteiro afundado numa cintilância, carne de sol era ele, seco salgado espichado, e a cara-carne do futuro onde é que estava? Sonhava-se adoçado, corpo de melaço, melhoria se conseguisse comprar os apetrechos, vende uma coisa, Tiô. Que coisa? Na cidade tem gente que compra até bosta

embrulhada, se levasse concha, ostra, ah mas o pé não agüentava o dia inteiro na salina e ainda de noite à beira d'água salgada, no crespado da pedra, nas facas onde moravam as ostras. Entrou em casa. Secura, vaziez, num canto ela espiava e roia uns duros no molhado da boca, não era uma rata não, era tudo o que Tiô possuía, espiando agora os singulares atos do filho, Tiô encharcando uns trapos, enchendo as mãos de cinza, se eu te esfrego direito tu branqueia um pouco e fica linda, te vendo lá, e um dia te compro de novo, macieza na língua foi falando espaçado, sem ganchos, te vendo, agora as costas, vira, agora limpa tu mesma a barriga, eu me viro e tu esfrega os teus meios, enquanto limpas teu fundo pego um punhado de amoras, agora chega, espalhamos com cuidado essa massa vermelha na tua cara, na bochecha, no beijo, te estica mais pra esconder a corcova, óculos luvas galochas é tudo o que eu preciso, se comprem tudo devem comprar a ti lá na cidade, depois te busco, e espanadas, cuidados, sopros no franzido da cara, nos cabelos, volteando a velha, examinando-a como faria exímio conhecedor de mães, sonhado comprador, Tiô amarrou às costas numas cordas velhas, tudo o que possuía, muda, pequena, delicada, um tico de mãe, e sorria muito enquanto caminhava. (*in*: MORICONI: 2000)

Não bastasse o absurdo da reificação do homem nesses tempos dito “pós-moderno” que contamina a todos – até Tiô e seu tico de mãe nos confins de uma salina –, o texto quando fora publicado no jornal, trouxe um *post scriptum* que marca bem o tom hilstiano: “P.S.: Neste nosso Brasil tão saqueado, ter mãe é um capital a ser respeitado” (HILST: 1998, 40).

O trato do homem com seu semelhante sempre foi um tema que despertou interesse na autora, e, transposto o tema para as crônicas, parece-nos

que a legião de personagens insolentes, inescrupulosos, que habita a ficção hiltiana, caiu como luva nos senhores públicos que estão em suas crônicas. A figura do editor aproveitador que, via de regra, é traçado nos escritos ficcionais, encontra seu duplo na pele dos personagens políticos das crônicas, que assim como aquele não se importam com os meios para garantir bons lucros ao fim. Sentindo na pele – assim como grande parte dos leitores –, os efeitos do plano(fraude) econômico planejado em surdina pelo jovem e vigoroso presidente de então e sua equipe, Hilda formula em suas crônicas a pauta da revolta moral do país :

Então o país é saqueado em US\$190 bilhões por anões, INSS e quejandos e só o PC na cadeia? E o resto da corja? Por que não devolvem o que nos foi saqueado? Por que os bens de todos esses canalhas não são devolvidos ao País? Por que os trâmites burocráticos são tão demorados para punir ladrões que deixaram o País em estado de calamidade? E por que é tão rapidinho impingir impostos para o povo e tão lerdo tomar de volta o que tomaram do povo?

A situação do país à beira do abismo, a morosidade e, de certa forma, cumplicidade da máquina pública em coibir a corrupção, preocupava a cronista que não conseguia ver, ao menos num futuro próximo, uma saída para tanto absurdo. Mas a tarefa de “testemunhar sua época”, por pior que o fosse, não desanimava a cronista. Sempre atenta aos principais acontecimentos do país, Hilda criava suas crônicas com um tom de pesar e indignação, às vezes desesperançada, mas sempre com o toque de seu fino *humour*. Finas farpas esvoaçantes, suas críticas tinham endereço certo: entre os destinatários, a pequena ponta da pirâmide social brasileira que se sustenta à custa da larga base famélica. Um dos que se tornaram figura diletta nas crônicas

hiltianas, foi o ex-presidente Itamar Franco que àquela altura assumira o posto mais polêmico da política brasileira. Envolvido em episódios nada formais, o então presidente ganhou destaque nas páginas dos principais jornais de todo o país e, *officio oblige*, também nas tintas de Hilda. Com o sugestivo título “Um Homem e seu Carnaval”, Hilda eternizou um momento majestoso da brasilidade:

Gente! Que novidade! O presidente e a outra de calcinha! Que estupor! E, ao mesmo tempo, que graça! Não é que presidente também sente? Eu pensava que presidente não tem tesão nem pena de ninguém. Tá todo mundo esperando que mundo se acabe no barranco para morrer encostado, como dizia minha falecida cozinheira e amiga Clementina. Tá todo mundo embriagado e triste e despencando, e eis que a genitália da outra surge (inopinada) ao lado da “otoridade”. Que graça é o País, não é mesmo? E dizem que mineiro come quieto, mas desta vez comeu de camarote e aberto aos quatro ventos! Querem saber? Eu adoro o Brasil! É tão frondoso, barroco, imprevisível, louco, tão cafô, tão nada sério que todo mundo se sente esquizo, mas sem culpa, em sendo brasileiro.

Retrato melhor da brasilidade? Difícil. A cena é de fazer inveja à realeza inglesa... E aproveitando o clima propício, a cronista também se faz assunto ao correr da ágil pena:

E eu, que já havia renunciado aos meus textinhos pornôis, fiquei toda revitalizada ao ver que em idade avançada ainda se tem projetos. E vendo Itamar tão trigueiro, tão “ainda” ao lado da modelo, pensei: será que eu, presidente do nada, vice do vazio, eu, de quem se diz que sou “velhinha ilustre” e muito contundente, será que posso ter a esperança de algum

moçoilo-modelo, todo desabotoado no parapeito do meu galinheiro? Eu, que há tantos anos não vejo um besugo, um ganso, um peru, uma raiz, uma seta, um cambão, eis que posso ter ainda a beatífica visão de uma ereta e rubicunda flauta... Ohhh, céus, que esperança “do amor” me deu o presidente Itamar! Que País! Que refinamento! Que dengos! Que sutilezas! Tô toda arrepiada!

Do vale-tudo nacional a autora retira argumentos para sair em defesa de sua controversa fase “pornográfica”. As entrelinhas parecem esconder o subtexto que diz “ao menos pra isso as ‘otoridades’ servem!”, levantar o véu diáfano da hipocrisia nacional...

Incansável, a cronista volta a chamar a atenção do presidente depois de tomar conhecimento de um episódio lastimável. Em tom de advertência, a cronista dá o seu recado, “Presidente, abre o olho: tão comendo gente!”:

Há alguns dias, através da imprensa, soube que alguns encontraram, num monturo de lixo de hospital, em Olinda, uma teta. E devoraram-na. Cuidai-vos, jovens senhoras, de exhibir tetas e nádegas portentosas num País onde uma pobre teta estropiada encontrou esse surpreendente e singular destino. Peruas! Façam-se sóbrias, soturnas, façam-se nulas, achatem-se a bombordo e a estibordo [...]. Há de vir uma horda de famintos desejando-vos nuas, mas nunca para deitar-vos no leito onde a bela Mirra se deitou gulosa de seu pai, o rei Ciniras; hão de vos deitar nas grelhas, salpicadas daquela pimenta-do-reino, reino que é o nosso, sem rei e sem lei, reino onde uma chusma de biltres, pulhas, cafres, saqueou e ainda não devolveu ao povo 190 milhões de dólares [...]. Desgraçado País onde um povo famélico, esfarrapado,

doente, encontra na podridão o seu guisado! Desgraçado país onde milhões não têm sequer um colchão de palha para morrer, muito menos hospitais. País que se dá ao luxo de deixar apodrecer milhões de toneladas de cereais, onde uma “otoridade” nos diz que a cada ano isso é freqüente e normaaaalllll. Desgraçado País que fez da burocracia a estrada da maldade e do sem-tempo: “vorta daqui a um ano, negona, e aí tu recebe os benefício do falecido. E tu aí? Tá morrendo é? Num tem vaga não. Morre em pé”. [...] Presidente Itamar, apenas uma desprestigiada *meditatio*: na África, 20 mil cadáveres jazem a céu aberto e não consta que alguém tenha lhes devorado um só dedo. Não lhe parece estranho, esquisito, tremebundo que aqui se ponha a comer tetas estropiadas oriundas do lixo de hospitais? Licença, hora de vomitar. Buaaahhh... E atenção, mulheres pitanguisadas (palavra composta do Dr. Pitangui e de guisado), nada de silicone para estufar as tetas: não se atrevam a enganar o consumidor na hora do Terror! Atenção, Procon. Acalme-se, amiga, coma seus ovos (os que estiverem à mão). Boa missa. E agora me batam, me chamem de bisca por dizer a verdade nesta crônica, esta, sim, escabrosa, ainda que não trate de cacetas.

3.2 A SANTA E A RAMEIRA

O tom provocador freqüente nas crônicas de Hilda fez com que em certa ocasião, num artigo sobre a reunião das crônicas no livro *Cascos & Carícias*, a cronista fosse definida como a personificação em um só corpo do sagrado e do profano: “A Santa e a Rameira”. A definição parece contraditória, mas foi a melhor expressão encontrada pelo escritor José Luiz Mora Fuentes, amigo da autora, para se referir à recepção do público leitor em relação à crônica de Hilda Hilst. Amada e odiada ao mesmo tempo pelos leitores do *Correio Popular*, a cronista não media esforços para provocar seu interlocutor matutino, mesmo que fosse com um riso nervoso no canto da boca ou até mesmo a indignação e ira em alguns.

Com sua colaboração de cronista iniciada em meados de 1992, não demorou muito para que o público se manifestasse: em janeiro de 1993 as páginas do *Correio Popular* foram tomadas por cartas e mais cartas de leitores.

Venho comunicar que estou decepcionada com a coluna do *Caderno C* publicada nesta segunda-feira escrita por Hilda Hilst. Sou assinante deste jornal há quase dois anos, antes eu assinava a *Folha de São Paulo*; deixei a *Folha* para assinar o *Correio Popular*, porque em minha casa todos gostavam mais do *Correio*. Na minha casa as crianças com idade de 11 anos acima pegam o jornal para ler e vão encontrar a coluna com estas coisas escritas por Hilda Hilst, você não acha que é uma baixaria? Para mim, o jornal é um meio de comunicação e

cultura e de bons exemplos, imagine um jovem lendo estas coisas. Por isso que os jovens vivem pichando todas as cidades; depois de um jornal publicar estas asneiras, eles devem sentir o direito de escrever em qualquer lugar não acha? Se vocês acham que isto é uma brincadeirinha, eu não gostei, acho que tem algo mais útil pra preencher uma coluna de jornal de que estes palavrões. Gostaria de ter a resposta desta carta no mesmo espaço desta coluna (...).

O pedido da leitora foi atendido, e logo abaixo à publicação da carta consta: “Nota do editor – sobre o assunto há diferentes pontos de vista. Como escritora, Hilda Hilst tem liberdade de expressão, que o jornal não cerceia”¹⁹. Satisfeita ou não com a resposta, a leitora teve que aceitar o fato de o jornal ter comprado a briga e apostado suas fichas na cronista. Porém, o jornal não estava sozinho nessa postura: vários leitores também se manifestaram a favor, acirrando o clima na pacata cidade de Campinas. Uns até enxergavam em Hilda Hilst a possibilidade de uma mudança na mentalidade do povo brasileiro...

É chegada a hora de se acabar com a hipocrisia e com os falsos padrões de moralidade tão em moda hoje em dia. Eu fiquei chocada com uma reportagem na televisão sobre a miséria extrema que vive a população no nordeste, com o falecimento da menina Poliana [...] Essas pessoas que se dizem chocadas com as crônicas de Hilda Hilst doaram dinheiro para a menina? Fazem algo para amenizar o sofrimento dos menores abandonados? [...] Existem coisas e fatos, no dia-a-dia, que muitos de nós preferimos ignorar porque, para lutar contra, implica sairmos dos nossos mundinhos que julgamos tão certinhos; portanto, criticar é

¹⁹ Cf. reprodução da carta e da nota do editor *in finne*.

muito mais fácil. Para as crônicas existe uma solução: é só não ler. Virem a página. Porém, se for para questionar a moral e os bons costumes terão que fazer pior: deixar de ler todos os jornais do Brasil, porque só assim estarão a salvo das inúmeras imoralidades contidas em cada notícia, isto é, dependendo do grau de entendimento de cada um!

A tomada de consciência dos fatos que alguns relutavam em ter parecia surtir efeito. Outros leitores, mais habilidosos com a palavra, enviavam verdadeiras farpas, tão afiadas quanto as crônicas de Hilda:

Moralidade: o que isso significa? Sexo, palavrões, meninos de rua... Sexo: classifico com uma necessidade do homem. Mas, é coisa de animal [...]. O homem, que existe, pensa. Ou pensa que pensa. E, se pensa, não é animal. Uáuuuu!!! Palavrões: classifico como uma necessidade do homem. Mas não é coisa de animal. Meninos de rua: classifico como uma... imoralidade! E explico: sexo é amoral; e meninos de rua é (é mesmo!) – imoralidade! Não ficou claro, leitor? Viva o *Caderno C*!

Querelas à parte, o que se pode extrair facilmente desse acirrado debate epistolar é a necessidade de diálogo da sociedade sobre temas mais verticais como o papel do intelectual na sociedade brasileira, o próprio estatuto do fazer artístico, a liberdade de expressão nos meios de comunicação, etc. Mas será que o espaço dedicado ao cronista seria o *locus* para tais discussões de assuntos menos imediatistas? Segundo afirma o escritor, e cronista há vários anos, Carlos Heitor Cony, sim! O espaço do cronista pode ser visto como último quinhão na

contracorrente do discurso asséptico dos meios de comunicação. Nas palavras do cronista:

A imprensa moderna, altamente competitiva e cara, não chegou a mutilar o gênero, mas direcionou-o a estratégia geral do que hoje se chama "comunicação". Numa palavra: exige que tudo o que é veiculado no jornal ou revista, das condições do tempo ao desempenho das bolsas, seja útil ao leitor, seja aquilo que nas redações é chamado de "serviço". Daí que sobra um espaço reduzido ao cronista sem assunto, sem informação e sem outro serviço que não o estilo mais sofisticado que só será apreciado por determinados leitores e não pela massa consumidora do jornal ou revista.

O estatuto defendido pelo escritor parece contrariar a idéia que via de regra é associada ao ofício do cronista: o de escriturário de seu tempo. Para ele, o cronista tem tão somente a oferecer aos leitores, em meio à avalanche de “serviços” oferecidos nos jornais, o seu particular estilo. Regalo já de grande valia dependendo da autoria... Cony continua sua defesa, rebatendo aqueles que vêem no cronista o único “representante registrado em cartório autorizado a escrever sobre a vida” nos jornais:

Quanto à falta de vida que Rubem Braga condenava na imprensa em geral, justificando dessa forma sua brilhante militância na crônica, prefiro discordar com alguma veemência. Vida é o que não falta no jornal. Há até demais. [...] Vida que pode ser bem ou mal descrita pelos cronistas. Banida do texto jornalístico, a emoção foi considerada cafona, desnecessária, primária. Nelson Rodrigues reclamava

da falta de pontos de exclamação nas manchetes, mesmo nas mais prosaicas. Exemplo: "Pânico na Bolsa de Nova York!" é uma coisa. Sem exclamação é outra. Não se conclua que a emoção seja simples pontuação. Ela é uma forma de ver o mundo, um estilo de sofrer ou de gozar a vida. [...] Antes de ser um leitor, o consumidor de jornal é um ser humano tornado carente pela solidão, pelo egoísmo (próprio e alheio), pelo nenhum sentido da sociedade como um todo. Quando um cara tem coragem de gritar que está sofrendo, fatalmente encontra alguém que o compreende e, algumas vezes, o ame. Isso não dá apenas samba. Dá crônica também.

A emoção, defendida por Cony como grande regalo dado ao solitário leitor da crônica, era a força motriz da escrita hilstiana. Esse aspecto da escrita hilstiana, a emoção à flor da palavra, fora apontado pela própria escritora: nos depoimentos que deu, Hilda Hilst afirmava sempre que possível fugir da mera narração de fatos encadeados numa seqüência temporal lógica; “todas as histórias já foram contadas”, argumentava, “quero me aproximar das emoções mais profundas dos personagens, e não apenas descrever suas ações”.

No âmbito das crônicas, objeto de nossa análise, essa tentativa de arrebatamento do mais profundo sentimento ganha maior fluidez uma vez que é a própria escritora – ou seria mais uma máscara do acervo hilstiano?... – que assume o discurso. No turbilhão de sentimentos que toma a escritora, indignação, revolta, nesga de esperança, etc., é a ironia, porém, que vai dar o tom predominante nesses textos. Nesse sentido, basta uma rápida análise na quantidade de interjeições usadas pela escritora em suas crônicas: uma sucessão de *Meu deus!*, *Mein Got!*, *Coitaaado!*,

Oooobbb!, *Abbbbb!*, etc., que longe de apelarem para um discurso piegas, condizem com a atmosfera sarcástica, irônica, dos textos hilstianos.

Se em outras épocas da crônica o uso excessivo de interjeições servia para traduzir aquilo que Sússekind (2006) chama de “experiência do choque”, referindo-se ao espanto dos escritores-jornalistas diante da incipiente modernização no alvorecer do século XX, em Hilda Hilst esse exagero de expressões enfáticas se opera como uma espécie de espanto ornamental que reforça o tom irônico da cronista. O mecanismo apontado por Sússekind, tão em voga entre cronistas *fin de siècle* como um Bilac, por exemplo, é atualizado pela cronista Hilda Hilst na outra ponta do século. Obviamente que o cenário mudou e muito desde os tempos das *Gazetas*, porém o olhar do cronista continuou atento aos fatos. Se àquela época os cronistas usavam suas interjeições diante dos fonógrafos, cinematógrafos e dos automóveis, no nosso cenário contemporâneo a cronista vai mostrar ares de espanto diante do caos sócio-político que tomou o país em fins dos anos ‘90 e, principalmente, diante do cinismo dos governantes.

Além da indignação costumeira nas crônicas hilstianas, em algumas passagens, encontramos uma Hilda Hilst perplexa com o próprio poder de ultrapassar as misérias do cotidiano através da escrita. Em um de seus “desabafos”, a cronista anuncia sua profissão de fé:

Minha vontade é a de colocar cada vez mais poesia neste meu espaço, para encher de beleza e de justa ferocidade o coração do outro, do outro que é você, leitor. Porque tudo que me vem às mãos através dos jornais, tudo que me vem aos olhos através da televisão, tudo que me vem aos ouvidos através do rádio, é tão pré-apocalipse, tão pútrido, tão devastador que

fico me perguntando: por que ainda insistimos em colocar palavras nas páginas em branco? [...] Podem me chamar de louca, de fantasista, de gling-glang, de utopista, ingênua, chamem do que vocês quiserem, até de... não sei se vocês sabem, mas “Putá” foi uma grande deusa da mitologia grega. Vem do verbo “putare”, que quer dizer podar, pôr em ordem, *pensar*. [...] Se eu, de alguma forma, com os meus textos, ando ceifando vossas ilusões, é para fazer nascer em ti, leitor, o ato de pensar. Não sou deusa, não. Sou apenas poeta. Mas o poeta é aquele que é quase profeta.

Um importante dado que aparece no trecho acima, é a afirmação da escritora como poeta: escrevendo teatro, romances, novelas, crônicas, Hilda Hilst sempre se definiu como poeta. É sempre a poeta que vai assumir a escrita em qualquer que seja o formato. Esse aspecto deve ser percebido pelos estudos literários como forte índice indicativo da presença da palavra poética nos escritos hilstianos: mesmo nas crônicas, podemos perceber uma tensão constante entre o factual da atividade do cronista e o vôo da palavra poética. Em várias crônicas, no lugar dos ácidos textos, a escritora preferiu presentear – como costumava afirmar – o leitor com seus poemas.

Por outro lado, o “ser cronista”, e todas as implicações que, *grosso modo*, a atividade traz consigo, eram problematizadas pela escritora. Em pelo menos duas crônicas, Hilda transforma seus embates com o gênero em pauta do dia: na primeira, intitulada *O arquiteto dessas armadilhas*, a autora se mostra incomodada com certas exigências do gênero:

Uma das coisas que mais me chateiam nisso de escrever crônicas é a quase obrigação de ser sempre pra cima, vivaz, alegrinha ou então estar sempre em dia, na crista, notícias cintilantes... ser sempre interessante como se todos fossem inteligentíssimos, profundos, finos, cultos, delicados...

Passados os primeiros meses de colaboração com o jornal e contida a euforia da liberdade de expressão proporcionada pelo meio, a cronista traça um percurso diferente do inicial: espécie de linha de fuga, que aos poucos a afasta da referencialidade atávica à crônica. Esse novo caminho leva-a a uma escrita menos efêmera, menos presa aos acontecimentos cotidianos que comumente servem de dispositivo para a escritura das crônicas: esse caminho foi o da poesia. Exílio da existência terrena, o ser poeta transforma-se em elixir para os males do mundo. Todavia, seria ingenuidade esperar tendências nefelibatas, escapistas, dessa nova postura da cronista.

Depois da celeuma provocada durante os primeiros meses de participação de Hilda no *Correio Popular*, a escritora parece encontrar na poesia uma forma menos “agressiva” para expor seus anseios. O tom austero da obra anterior, supostamente abandonado nas crônicas, ganha outra dimensão. A poesia surge e, de uma forma mais “sutil”, a cronista continua a registrar o homem e seu tempo:

Alguns homens geniais sugeriram que o problema do homem é o de encontrar alguma substância química que o imunize da barbárie. E digo simplesmente que é preciso devolver a alma ao homem. Digo-o novamente, leitores:

Que te devolva, a alma
Homem do nosso tempo.

Pede isso a Deus
Ou às coisas em que acreditas
À terra, às águas, à noite
Desmedida.
Uiva se quiseres
Ao teu próprio ventre
Se é ele quem comanda
A tua vida, não importa.
Pede à mulher
Àquela que foi noiva
À que se fez amiga,
Abre a tua boca, ulula
Pede à chuva
Ruge
Como se tivesses no peito
Uma enorme ferida.
Escancara a tua boca
Regouga: A ALMA. A ALMA DE VOLTA.
(HILST: 1998, 16)

Talvez pelo efeito estético próprio da forma poética, o tom de súplica desesperada, patente no poema e, sobretudo, no uso de caixa-alta no último verso, seja menos incômodo ao leitor do que os provocativos textos iniciais em prosa despudorada. À primeira vista, tem-se uma cronista que abre espaço para a poesia, discurso aparentemente mais leve, depois de vociferar contra os absurdos do mundo.

Porém, na ágil pena da cronista, a leve aura, que normalmente circunda seus poemas, é substituída por uma densa camada de desesperança e, de saída, a cronista deixa seu recado aos leitores desavisados:

Vocês me preferem terna, lúcida, sensível, austera, ou naquele desopilante escracho de antes, tornando alegre o teu às vezes desesperado café da manhã?

Bom dia, leitores! (HILST: 1998, 16)

Os poemas que a cronista Hilda Hilst seleciona para figurar entre seus textos nada têm de leve ou inocentes, pelo contrário, mostram um *Eu* suplicante que roga por salvação. Contudo, parece-nos que na poesia a cronista encontra seu abrigo seguro em um mundo às avessas: em várias crônicas a poesia é solicitada como única forma de salvação.

Diante da selvageria, do pânico, da desordem, só nos resta a poesia.²⁰

Gente, por favor, não quero mais ser gente! Então você se veste, se perfuma, se faz linda, (lúcida) se entenece, e degusta com aquele que é teu homem, teu amado, teu tudo, e o cara te estrangula e te entrega aos carrascos! [...] Atônita, afônica, enjoada, doente a vários dias por me saber à raça humana pertencente, permitam-me como sempre a pausa da poesia o que me faz pensar que estou atada a uma ínfima luz, ainda que seja o NADA.²¹

Vamos continuar vivendo “como se fosse”. Como se fosse possível acreditar. Como se fosse possível a esperança. Vamos acreditar no imponderável, na reconstrução. E ao invés de invocarmos Purah, o Anjo do Esquecimento, invoquemos nosso alter ego da luz. É preciso sobreviver. Ainda que Deus seja uma superfície de gelo ancorada no riso.

²⁰ *Pausa para a beleza*. Crônica publicada no Correio Popular em 31/maio/1993.

²¹ *Miséria humana*. Crônica publicada no Correio Popular em 05/dez/1993.

Frieza e humorismo. Vamos acreditar como se fosse sempre
Tempo de poesia.²²

Aos chamados à poesia, seguiam-se trechos da obra poética de Hilda Hilst.

Por três semanas seguidas – 21/jun., 28/jun. e 05/jul./1993 – a
cronista deliciou seus leitores com os poemas do seu livro *Alcoólicas*. A decisão de
publicar os poemas no espaço das crônicas veio depois que a escritora ouviu
estarecida a notícia sobre a venda de meninas para servirem à prostituição entre
garimpeiros:

Atenção: ouvi às quatro da matina, através da Central
Brasileira de Notícias (CBN), que em Rondônia e no Acre,
500 mil meninas de 12 a 14 anos são vendidas como
prostitutas aos garimpeiros. Se forem virgens valem CR\$ 20
milhões. O preço das não-irgens não foi dito. Se adoecem,
são em seguida assassinadas. Fiquei em estado catatônico.
Ainda estou. Pausa longa. Segundo os astrólogos, no meu
mapa astral há a chamada “trindade da alma”, e isso quer
dizer que eu recebo no peito, como um soco, as múltiplas
dores do mundo. E por isso, de dor e de compaixão posso
em seguidinha morrer. E para morrer “esquecendo”, resolvi
beber além do que já bebo, e como vou ficar bebendo algum
tempo (porque o teor da notícia lá de cima é insuportável e
sinistro), esta crônica e mais algumas serão dedicadas às
minhas *Alcoólicas*, e vocês terão a chance de ler alguns dos
mais belos poemas da língua²³.

²² *Solte o seu anjo*. Crônica publicada no Correio Popular em 14/nov/1993.

²³ *Quanto a vida é líquida*. Crônica publicada no Correio Popular em 21/jun./1993.

O horror da notícia acrescido da grande sensibilidade da cronista em relação ao mundo – tocada com uma ponta da conhecida ironia hilstiana – prepara o leitor para o deleite da *palavra embriagada*:

I

É crua a vida. Alça de tripa e metal.
Nela despenco: pedra mórula ferida.
É crua e dura a vida. Como um naco de víbora.
Como-a no livor da língua
Tinta. Levo-te os antebraços, Vida, lavo-me
No estreito-pouco
Do meu corpo, lavo as vigas ossos, minha vida
Tua unha plúmbea, meu casaco *rosso*
E perambulamos de coturno pela rua
Rubras, góticas, altas de corpo e copos.
A vida é crua. Faminta como o bico dos corvos.
E pode ser tão generosa e mítica: arroio, lágrima
Olho d'água, bebida. A Vida é líquida.

II

Também são cruas e duras as palavras e as caras
Antes de nos sentarmos à mesa, tu e eu, Vida
Diante do coruscante ouro da bebida. Aos poucos
Vão se fazendo remansos, lentilhas d'água, diamantes
Sobre os insultos do passado e de agora. Aos poucos
Somos duas senhoras, encharcadas de riso, rosadas
De um amora, um que entrevi n teu hálito, amigo
Quando me permitiste o paraíso. O sinistro das horas
Vai se fazendo tempo de conquista. Langor e sofrimento
Vão se fazendo olvido. Depois deitadas, a morte
É um rei que nos visita e nos cobre de mirra.
Sussurras: ah, a Vida é líquida

III

Alturas, tiras, subo-as, recorto-as
E pairamos as duas, eu e a Vida
No carmim da borrasca. Embriagadas
Mergulhamos nítidas num borraçal que coaxa.
Que estilo galhofa. Que desempenados
Serafins. Nós duas nos vapores
Lobotômicas líricas, e a gaivagem
Se transforma em galarim, e é translúcida

A lama, e é extremoso o Nada.
Descasco o dementado cotidiano
E seu rito pastoso de parábolas.
Pacientes, carnisosas, muito bem-educadas
Aguardamos o tépido poente, o copo, a casa.

Ah, o todo se dignifica quando a vida é líquida.
(HILST: 1998, 50-52)

Lúcida embriaguez, a palavra poética da cronista ganhava dramaticidade com as gravuras publicadas ao lado do texto. A primeira crônica – citada acima – das três que abrem as *Alcoólicas* tem como ilustração o desenho, em traços cubistas, de dois olhos com uma grande lágrima escorrendo. Representando a dor do poeta diante da *vida crua e dura*, os olhos parecem se perder na embriaguez que também toma o traçado da gravura.

Na terceira semana das *Alcoólicas*, a cronista se explica ao leitor e, no costumeiro tom de ironia, indaga-o *Foi atingido?*

[...] Quando as escrevi [as *Alcoólicas*] não bebi uma só gota. Algum gaiato dirá: bebeu milhares. Não. E espero que alguns “raros” tenham compreendido que é de uma outra embriaguez, de um fervor descomedido, roteiro voluptuoso desses versos. É triste explicar um poema. É inútil também. Um poema não se explica. Te atinge como um soco. E se for perfeito, te alimenta para toda a vida. Um soco certamente te acorda e se for em cheio, faz cair tua máscara, essa frívola, repugnante, empolada máscara que tentamos manter para atrair ou assustar. Se pelo menos um amante da poesia foi atingido e levantou de cara limpa depois de ler minhas esbraseadas evidências líricas, escreva, apenas isso: fui atingido. E aí sim vou beber, porque há de ser festa aquilo que na Terra me pareceu exílio: o ofício de poeta.

Durante a semana em que esse texto foi publicado, choveu cartas na redação do *Correio Popular* com a simples indicação da cronista: “Fui atingido!”²⁴.

A sintonia entre a cronista e seus leitores parece ter sido ajustada ao menos nesse período. Mas Hilda queria atingir mais leitores e de uma maneira ainda mais imediata, e foi da parceria com seu amigo de longa data, J. Toledo, que a cronista ultrapassou a barreira da sua escrita “difícil” e deu mais visibilidade aos seus textos. O desenhista era responsável por traduzir em imagens, a atmosfera tensa dos textos de Hilda. Ilustrando as crônicas com gravuras de fortes traços cubistas, J. Toledo ajudou a dar maior amplitude à carga dramática dos textos (Cf. anexos). E como tudo pode se transformar em assunto para o cronista de talento, com Hilda não foi diferente: a parceria com seu ilustrador também rendeu pauta para um dos textos. Já tendo lançado mão à poesia, a cronista também pede ajuda ao desenhista para traduzir sua agonia diante do mundo:

Ó, Jota, me ajuda, as notícias do país e do mundo andam me deixando também muito caótica! Há pulhas demais no mundo e os santos escasseiam, há tantos canalhas e tão pouca ternura. Ó, Jota, desenha aí um poeta e sua armadura, um poeta querendo lutar consigo mesmo e com o mundo, um poeta querendo enfrentar bravamente o caos e tingir de malva as palavras escuras, e outro lá dentro do primeiro querendo descansar e repetindo “aquele”: *to dream, to sleep, no more...* Ó, Jota, desenha aí um poeta devastado na sua casa aberta e um doce e prodigioso amigo ao lado [...]. Um poeta e seu amigo, intensos, repensando o mundo com nítido estupor. Ó, Jota,

²⁴ Algumas dessas cartas encontram-se no *Fundo Hilda Hilst* do CEDAE/IEL/Unicamp.

me desenha louca, colérica, a boca carminada insultando
deuses e poetas, afagando os cães, e mariposas ao redor nos
circundando! Ó, Jota, me desenha boba, babando. Me
desenha bêbada vociferando aquele lá de cima: acorda Bicho!
O mundo tá acabando!²⁵

Exatamente como foi solicitado, o desenho foi feito e publicado ao lado do texto:
uma comovente representação da “solistência” – como já dissera o narrador-poeta
– do ser-poeta. (Cf. anexo)

3.3 *RIDENDO CASTIGAT MORES: O RISO HILSTIANO*

“Não há nada que um humor inteligente não possa resolver
com uma gargalhada, nem mesmo o Nada.”

Armand Petitjean. *Imagination et réalisation*

Sendo a crônica aparentemente um texto leve, com uma
linguagem muito próxima do cotidiano do leitor, um dos caminhos que
invariavelmente são escolhidos pelos cronistas é o caminho do humor. Muito mais
que um mero artifício para encontrar boas tiradas da vida ordinária, o humor, em
certos cronistas, configura-se como verdadeira postura e ponto de partida para o
olhar diante da vida, como é o caso de Luís Fernando Veríssimo e a sua *Comédia da
vida privada*.

²⁵ *Mais essa!* Crônica publicada no *Correio Popular* em 19/jul/1993.

O riso, decorrente dessa escolha pelo caminho do humor, pode assumir diferentes funções dentro da dinâmica dos textos. No caso específico das crônicas de Hilda Hilst, parece-nos que o riso, alcançado pelo humor, que por sua vez é construído com base numa cáustica ironia, assume uma – perdoando o peso da expressão – “função corretiva”. Expliquemo-nos: ao iniciar sua incursão pela crônica, Hilda Hilst deixou clara sua escolha pelo riso, e o disse já de início: em crônica publicada em 28 de dezembro de 1992, sugestivamente intitulada *A alma de volta*, a cronista anunciou o caminho escolhido:

Às vezes, me perguntam o porquê de eu ter *optado pelo riso* depois de ter escrito as minhas ficções, meu teatro, minha poesia, com grandes e constantes pinceladas de austeridade. Optei pela minha própria salvação. E disse-o num poema:

... porque mora na morte
Aquele que procura Deus na austeridade.
(HILST: 1998, 15) [grifos nossos]

O que poderia parecer uma recusa ao estilo anterior, austero, é rapidamente tomado pela atmosfera irônica da escrita hilstiana, contrapondo-se à declaração insinuante e sinuosa de uma provável leveza. Continua a cronista:

Vários articulistas têm escrito, a sério, nos mais importantes jornais, a respeito da fome hedionda de grande parte da humanidade e da fartura resplandecente do restante. [...] Não creio que haja salvação para o homem. O *homo maniacus*. Quando penso que o conceito de muitos é o de *homo sapiens*, começo a sorrir. Quando leio o que doutores, economistas, políticos, professores escrevem com alguma esperança, tenho delicadas

expansões de riso. Sim. Delicadas, porque sempre *par délicatesse j'ai perdu ma vie*. Meu deus! O homem! “O verme no cerne”, como disse um prodigioso. (HILST: 1998, 15)

A “função corretiva” que apontamos anteriormente pode ser melhor compreendida quando analisamos mais de perto o conteúdo do fragmento citado acima: ao confrontar o conceito científico que nomeia a espécie humana, *homo sapiens*, com aquele que para ela seria a mais adequada forma de classificação de tal espécie, *homo maniacus*, a cronista deixa clara sua opinião sobre o outro, o homem. O confronto entre racionalidade/lucidez e irracionalidade/loucura ganha ainda mais força quando a cronista se insere no contexto e, civilizadamente, se distancia da barbárie do outro: “tenho delicadas expansões de riso. Sim. Delicadas, porque sempre *par délicatesse j'ai perdu ma vie*”. A citação em francês do poeta Arthur Rimbaud além de atribuir uma aura de refinamento e erudição ao texto, confrontando-se claramente e propositadamente com a expectativa de um leitor médio de crônicas, também aprofunda um estado de estranhamento da cronista entre seus, por assim dizer, semelhantes, pois recuperando o contexto dos versos encontramos no poema²⁶ um tom de lamentação e desesperança evocado pelo poeta francês diante da vida, motivado pela crença na poesia.

O riso apontado pela cronista como “meio de salvação” no fragmento inicial, no entanto, distancia-se da atmosfera de alegria, contentamento,

26 *Chanson de la Plus Haute Tour. Oisive jeunesse/À tout asservie;/Par délicatesse/J'ai perdu/ma vie./ /Ah! Que le temps vienne/Où les coeurs s' éprennent./ /Je me suis dit: laisse,/Et qu' on ne te voi:/Et sans la promesse/De plus hautes joies./Que rien ne t' arrête/Auguste retraite./ /J' ai tant fait patience/Qu' a jamais j' oublie;/ Craintes et souffrances/Aux ciens sont parties./Et la soif malsaine/Obscurcit mes veines./ /Ainsi la Prairie/À l' oubli livrée,/Grandie, et fleurie/D' encens et d' ivraies/Au bourdon farouche/De cent sales mouches./ /Ah! Mille veuves/De la si pauvre ame/Qui n' a que l' image/De la Notre-Dame!/Est-ce que l' on prie/La Vierge Marie?/ /Oisive jeunesse/À tout asservie/Par délicatesse/J'ai perdu ma vie./Ah! Que le temps vienne/Où les coeurs s' éprennent!*

que via de regra se associa ao termo. Na verdade, o riso hilstiano configura-se como uma espécie de índice para o desespero humano: o ato, aparentemente descontraído, em verdade, aponta para o *nonsense* da existência.

Vejamos outro exemplo onde essa função do riso aparece sorrateiramente, ratificando tal concepção:

Em decorrência da fetidez que assola o País, só tenho vontade de escrever textos sórdidos, coléricos, cínicos, degradantes ou estufados de um humor cruel e até me permitiria sugerir ao caríssimo editor que bolasse uma maneira de a crônica ser fechada assim como certas revistas envelopam um pequeno mimo, uma tirinha de seda, u saquinho de perfume, e envelopariam minha crônica e colocariam sobre ela uma fitinha negra: “censurado”, ou “só para cínicos”, ou “só para fazer sorrir os desesperados”. Ou quem sabe, à maneira de Hesse: “só para raros”. Porque, convenhamos, há pulhas em demasia. E enquanto não se resolve isso da minha crônica-envelope, não consigo escrever nada de coerente e agradável, nada que seja uma “crônica”.

O “humor cruel”, de que nos alerta Hilda, foi além da mera ameaça: em vários textos, encontramos uma cronista que rompe com a leveza do olhar *en passant* esperada nas crônicas e que durante muito tempo foi a tônica deste gênero. Ao aproximar termos aparentemente tão díspares como *desespero* e *riso*, Hilda cria o binômio que melhor define o estado de espírito do seu *homo maniacus* e denuncia a condição a que estamos entregues: o *nonsense* da vida numa sociedade que perdeu a noção básica da ética.

Entre o desespero e o riso, não estão apenas seus interlocutores, a própria cronista parece eleger esse entre-lugar nada agradável para tecer seus comentários: nessa linha limítrofe que separa e une a extrema lucidez e a vertiginosa indignação, as crônicas de Hilda Hilst encontram um espaço seguro para testemunhar uma época em que os valores básicos de uma sociedade estão de ponta à cabeça.

Porém, se por um lado a cronista assume o papel de uma consciência esclarecida indignada e que se transforma numa espécie de porta-voz da grande massa anônima brasileira, por outro lado, Hilda não economiza palavras quando o assunto é o próprio povo brasileiro. A indignação contra este quase se equipara a que ela nutre pelos políticos corruptos: a passividade de uma nação que se deixa ludibriar pela eterna política do *pão & circo*. Num breve golpe de olho, a cronista define o tipo brasileiro: “seo Macho Silva”. A crônica *Sistema, Forma & Pepino* traz um panorama sucinto dessa nossa *latinidade*, vejamos:

Quando perguntaram a Platão qual dos governos e sistemas atuais acreditava mais conveniente e útil à sabedoria, respondeu: “nenhum dos existentes”. Eu, que sou apenas um poeta, hoje responderia o mesmo. Mas o poeta não existe. Esta última frase me lembra uma outra história: a rainha Vitória, encolerizada porque o ditador boliviano Mariano Melgarejo obrigou o embaixador da Inglaterra a beber um barril de chocolate por ter recusado um copo de chicha, uma bebida alcoólica, e, ainda por cima, fez com que o embaixador inglês montasse ao contrário num burro e passeasse assim pela principal rua da cidade de La Paz, a rainha Vitória, dizia eu acima, pediu um mapa da América Latina, traçou uma cruz sobre a Bolívia e vaticinou: Bolívia

não existe. Digo mais: poetas e latino-americanos não existem. Existem sim, para serem saqueados. Em qualquer forma de governo, presidencialismo, parlamentarismo ou (!?) monarquismo, nós, brasileiros, latino-americanos sempre seremos saqueados.

Ah, que triste que seja tão verdadeiro o fragmento do livro *Tu não te moves de ti*, cuja autora é esta modesta cronista de horas vagas, eu sim, que tenho sido apedrejada (coitaaada!). Recortem-no (comprar o livro seria pedir demais) e, por favor, desta vez não o esqueçam:

...sou um homem, tropeço, estou de bruços, de bruços, pronto para ser usado, saqueado, ajustado à minha latinidade, esta sim real, esta de bruços, as incontáveis infinitas cósmicas fornicações em toda a minha brasilidade, eu de bruços, vilipendiado, mil duros no meu acósmico buraco, entregando tudo, meus ricos fundos de dentro, minha alma, ah, muito conforme o seo Silva, muitíssimo adequado, tu de bruços, e no aparente arrotando grosso, chutando a bola, cantando, te chamam de bundeiro os ricos lá de fora, o seo Silva brasileiro. seo Macho Silva, hôhô hôhô, enquanto fornicas bundeiramente e tuas mulheres cantando, chutando a bola, que pepinão, seo Silva, na tua rodela, tuas pobres juntas se rompendo, entregando teu ferro, teu sangue, tua cabeça, amoitado, às apalpadelas, meio cego, cedendo, cedendo sempre, ah, Grande Saqueado, grande pobre macho saqueado, de bruços, de joelhos, há quando tempo cedendo e disfarçando, vítima verde-amarela, amado macho inteiro de bruços flexionado, de quatro, multiplicado de vazios, de ais, de multi-irracionais, boca de miséria, me exteriorizo grudado à minha História, ela me engolindo, eu engolido por todas as quimeras.

Machucou-se, leitor? Escandalizou-se, leitor? (coitaaado!).
(HILST: 1998, 23-24)

Da máxima que define o brasileiro como sendo um povo sorridente e festivo, Hilda tira suas impressões e, por outra via, parece concluir: esse espectro famélico e alegre chama-se povo brasileiro.

Essa concepção paradoxal do riso em Hilda Hilst encontra sua melhor materialização na imagem construída pela escritora para uma de suas definições do grande mistério que persegue o homem: “Deus: uma superfície de gelo ancorada no riso”. A expressão, que originariamente pertence à novela *A Obscena Senhora D*, é citada em algumas crônicas e reforça o temor escondido sob o véu da aparente descontração. Assim, o riso em Hilda Hilst torna-se armadilha para um caminho sem volta: “Ri, leitor, tua hora chegará!”.

Desespero risível ou riso desesperado, o sentimento que invariavelmente predomina nesses textos é o incômodo. Incômodo que ultrapassa o dado circunstancial da conjuntura política presente nas crônicas e chega a atingir o mal-estar ontológico atávico ao homem: que é a busca de sentido para a existência.

3.4 A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO LITERÁRIO

“Ninguém me leu, mas fui até o fim”.

Hilda Hilst

Considerada por estudiosos do assunto como uma espécie de filha do jornalismo, a crônica – como toda boa filiação – herdou bons e maus traços dessa impingida paternidade. A rapidez na evolução da linguagem, a liberdade

estilística, foram alguns atributos legados por um jornalismo que se via numa batalha diária para se modernizar e acompanhar o ritmo veloz de seu tempo. Por outro lado, um aspecto um tanto incômodo também findou por contaminar a filha dessa espécie de metamorfose ambulante: a quase obrigatoriedade de se transformar num produto de fácil digestão para os leitores e principalmente de se fazer rentável, angariando bons lucros para o meio em que é publicada.

Essa postura de mercado é assimilada naturalmente pelos cronistas. Quando do contrário, um ou outro colaborador mais rebelde resolve criar uma polêmica, o editor rapidamente encontra salvaguarda no sobrescrito “As opiniões contidas neste texto são de inteira responsabilidade de seu autor”. E tendo consciência da parte que lhe cabe, o cronista, por sua vez, como um bom filho que respeita o pai, não vai muito longe, apenas espreita aqui ou ali uma divergência inofensiva sem grandes proporções.

Analisando o conteúdo das crônicas hilstianas, porém, deparamo-nos com uma situação *sui generis*. Em Hilda Hilst, a filha que, na pena de outros escritores, no máximo contesta algumas atitudes do pai mas que logo volta aos trilhos, aqui assume ares de verdadeira ovelha negra. Filha problemática de pai não menos complexo, a crônica na pena de Hilda parece não se render às doutrinas do mercado.

Sempre fora de conhecimento comum, entre os leitores de Hilda Hilst, o embate que a escritora nutriu ao longo da vida com o mercado livreiro. Sua difícil penetração num público maior e até mesmo sua frustrada tentativa de driblar a “maldição” de não ser compreendida quando resolveu escrever seus textos “pornográficos”, não mudaram aquela que sempre fora a marca registrada dos

escritos hilstianos: o embate frente a frente com o leitor, pondo por terra as frágeis certezas que alimentam o coração dos homens. Sendo assim, não haveria de ser diferente no âmbito das crônicas.

Depois de mais de vinte anos escrevendo em prosa, num estilo inconfundível, não seria nas páginas de um jornal que a autora mudaria o tom de seus textos. O curioso, porém, não é a presença de um texto hilstiano publicado num diário, mas sim o surgimento de um convite para que isto viesse a acontecer. Mais curioso ainda é quando levamos em consideração o fato de ter sido um pequeno jornal do interior de São Paulo autor do inusitado convite. Provavelmente surpresa, Hilda aceitou colaborar semanalmente com o pequeno diário, sabendo das conseqüências que essa exposição maior para um público diverso daquele que lhe acompanhava nos livros iria causar. Assim, o campo de batalha que viria a se tornar as páginas do *Correio Popular* estava apenas ganhado seus primeiros contornos.

A consciência de escrever para um meio diferente parece ter servido como um desafio para Hilda Hilst: talvez a escritora tenha encarado essa nova etapa na sua carreira como uma última chance de “popularizar” seus escritos, benefício que inquestionavelmente é trazido pela crônica devido a sua ampla circulação entre os leitores do jornal.

Desafio aceito. Contrato assinado. Crônica publicada. E eis que surge um complicador que, com certeza, já era previsível tanto para a cronista quanto para os editores do *Correio Popular*: a reação do público. As cartas de leitores, que provavelmente escasseavam àquela época, depois que Hilda começou a publicar suas crônicas, começaram a invadir a redação do jornal. De início, uma ou outra queixa mais discreta. Mas quando uma quantidade maior de leitores começou a

notar a presença dos textos hilstianos no até então pacato jornal campinense, a coisa tomou maiores proporções.

Aos editores cabia a tarefa de tentar entender o que se passava: se durante uma semana recebiam várias cartas trazendo palavras como “indignação”, “amoralidade”, “vergonha”, “revolta”, *et tutti quanti*, na semana seguinte, não faltavam mensagens elogiosas. O público estava claramente dividido, e a cronista continuava convicta no seu papel. A profusão de missivas contra a escritora a provocava ainda mais, e, como se criasse um jogo com esses leitores indignados, Hilda carregava cada vez mais nas tintas.

No final de 1992, com a aproximação das festas de fim de ano, a cronista resolveu escrever dicas de “boas maneiras” para as senhoras campinenses. Em 30 de novembro, a cronista deu início às dicas:

Se você for a um jantar chique e perguntarem de repente o porquê do teu mutismo e soturnez, diga que é por causa de uma frieira que te aborrece há dias. Alguém vai dizer para quebrar o gelo, e o grande silêncio que fará a tua volta se a mesa for redonda, que pingar vela na frieira é um excelente remédio. Ao invés de ficar calada e sorrir, você vai dar continuidade ao assunto “frieira”. Diga que você já fez isso e não deu resultado. Que estranho, o outro certamente vai dizer, não posso acreditar pois sempre dá certo. Ah, é!?! tô mentindo? E ameace mostrar a frieira. Não, não, acreditamos!!! será o grito geral, e começarão a falar ao mesmo tempo sobre o excelente jantar e as estupendas lagostas. Comece em voz alta e pausadamente a descrever o horror que fazem com as lagostas. Vocês sabiam? Colocam-nas em água fervente ainda vivas. Aí vão dizer que não! não! que não sabiam! e que crueldade meu Deus! Fale agora do

sofrimento de toda espécie animal. E se alguém disser que prefere mesmo carne de galinha, diga-lhe do medonho que fazem com galinhas de granja, que em algumas granjas cortam os pés das galinhas desde bebezinhas e fincam os tocos na terra para que as galinhas nunca se movimentem e só botem ovos em profusão. Aí a dona da casa vai dizer que isso é horrível e que não acredita nisso das galinhas. Ameace telefonar para os teus amigos jornalistas que sabem de todo esse terror. E se todos te suplicarem para que não o faça, diga simplesmente: “o ser humano é um crápula, paranóico e nojento”. Dê em seguida um grande arrote (se possível um traque) antes de sair mancando por causa da tua frieira e por causa do pontapé que a tua amiga “expert” em boas maneiras te deu há pouco. Ria sozinha em casa às gargalhadas e coma tranquilamente (apesar de saber de todos os horrores) teu peru tua lagosta ou teu peito de galinha. Sinta-se nojenta também e vomite o mundo na pia do banheiro. Pense com fervor: “Tenho que sobreviver, meu Deus, tenho que sobreviver!”. Ao deitar-se leia *A Metamorfose* de Kafka e por isso não mate a barata que passou rente à tua cama, pode ser ele. Telefone, no dia seguinte, à anfitriã do jantar e diga que a tua frieira piorou. “Por quê?” Ela dirá com desdém e agressiva. Resposta: porque o teu marido chupou a noite inteira aquele meu dedão, cê não viu não?

P.S. Será que essa crônica vai ser reproduzida vinte mil vezes?

Ah! Como eu queria!!!

Contrariando todos os manuais de etiqueta, a cronista provocava seus leitores e os incitava para perceber certos absurdos assimilados como normais no cotidiano das pessoas. Enquanto muitos se diziam atônitos com as “sandices” escritas pela cronista, Hilda continuava seu libelo: à publicação do texto acima, seguiram-se nas

semanas seguintes mais duas crônicas dando continuidade ao manual hilstiano de boas maneiras.

Passadas as comemorações do final do ano de 1992, os leitores do *Correio Popular*, que de costume, como boa parte dos brasileiros, tiram férias dos problemas para iniciar o ano novo recarregados, pelo contrário, abriram 1993 transformando a redação do jornal num campo de batalha: só no mês de janeiro foram publicadas dezoito cartas de leitores – sem falar nas várias outras que chegaram à redação e que não foram publicadas – na seção Correio do Leitor com os mais variados comentários sobre as crônicas de Hilda Hilst (Cf. reprodução in anexo).

Exageros – de ambos os lados – à parte, esse cenário conflitante poderia ser explicado pela clara ruptura empreendida pela escritora no que diz respeito ao horizonte de expectativas que via de regra se espera da crônica. Como podemos observar ao longo do capítulo 2, mesmo com toda abertura proporcionada ao cronista, no que diz respeito a tema, estilo, linguagem, etc., há no entanto um limite de tolerância. As máximas que regem a crônica, que pudemos depreender no cotejo das diferentes opiniões sobre o assunto, parecem ter sido infringidas na pena da cronista Hilda Hilst: a tão cantada e decantada leveza, que sempre fora o principal *sabor* do gênero, deu lugar ao peso das verdades desveladas, das mazelas sociais, da hipocrisia coletiva e dos desmandos políticos. Já não podemos continuar entoando os “ideais formais” desse gênero que foram sendo assimilados numa longa trajetória, anos após anos. Tal fato já fora percebido mesmo no calor das discussões nas páginas do *Correio Popular*: entre as famosas cartas de janeiro de 1993 encontramos o seguinte comentário:

As crônicas da escritora [Hilda Hilst], ao contrário de indecentes ou imorais como querem rotulá-las, são gostosamente bem-humoradas e sarcásticas, na medida certa, para nos questionar justamente sobre os nossos velhos conceitos moralistas aprendidos e ensinados de geração a geração, sem graça e sem sabor... meu Deus! Até quando? Parabéns a Hilda Hilst por quebrar, embora com resistência os velhos padrões das crônicas açucaradas e bem-comportadas. Que possamos, ao menos às segundas-feiras, ser presenteados com um espaço de bom humor e irreverência. (reprodução in anexo)

A discussão que inicialmente poderia sugerir um equívoco por parte do jornal em ter convidado Hilda Hilst para escrever crônicas para um público um tanto conservador, mostrou-se logo em seguida como um grande acerto. Os lucros não demoraram a aparecer: do ponto de vista comercial, quanto mais acirrada ficava as polêmicas e controversas as opiniões sobre as crônicas entre os leitores mais jornal era vendido, e, do ponto de vista ideológico, muitos dos leitores elogiavam a atitude inovadora do tradicional diário em contratar uma escritora como Hilda Hilst para integrar seu escasso elenco de colaboradores, pois assim, segundo alguns, finalmente o *Correio Popular* estaria acompanhando os passos de seu tempo.

De toda a celeuma entre os leitores e a cronista fica uma certeza: Hilda Hilst soube aproveitar muito bem a repercussão que seus textos estavam tendo e, confiante naquela fatia de leitores que estavam do seu lado, a cronista não abriu mão de seu estilo, da sua marca autoral e sobretudo de uma coerência escritural com a sua obra anterior, transformando a grande proporção que as polêmicas tomaram numa verdadeira vitrine para sua obra. Mesmo já debilitada

fisicamente, Hilda conseguiu juntar forças para enfrentar seus opositores, continuar construindo seu projeto literário sem fazer concessões aos ditames do mercado jornalístico e, principalmente, provar que nem só de leveza vive a crônica.

3.5 VENCENDO *CHRONOS*: A PUBLICAÇÃO DE *CASCOS & CARÍCIAS*

Espécie de gênero-encruzilhada entre literatura, história e jornalismo, a crônica pode ser entendida como uma verdadeira simbiose entre esses discursos e, dependendo da habilidade de quem a escreve, pode, como que por regalo do destino, vencer a maldição da efemeridade colocada pelo deus *Chronus*.

Em verdade, boa parte dessa “maldição” deve-se simplesmente ao fato da crônica ter sua publicação primeira em meios de comunicação como jornais e revistas que têm um tempo de vida útil muito rápido para proporcionar uma permanência maior aos textos ali publicados. Desta forma, resta muito pouco à crônica além do momentâneo encantamento/estranhamento que via de regra opera em meio à leitura apressada das notícias que trazem informações sobre o caos das grandes metrópoles, inundações provocadas por chuvas de verão, desempenho das bolsas, taxas de violência que não param de aumentar, crimes hediondos, as oscilações do *risco Brasil*, etc.

Porém, como que por um golpe do destino, essa vida breve a que está condenada a crônica pode prolongar-se, desvencilhando-se da efemeridade das folhas do jornal, que depois de lidas vão para o arquivo morto nos fundos da casa, ou ainda, como observou certa vez Drummond, vão servir de forro para o piso da área de serviço.

Esse lance de dados a que estão à mercê as crônicas, permanência ou morte súbita, é suspenso quando inesperadamente elas aparecem reunidas em livro: aí sim, a rebeldia da ovelha negra da família editorial atinge seu ápice! Em outras palavras, como nos mostra o Professor Candido:

Por se abrigar neste veículo transitório [o jornal], o seu intuito não é o dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a Literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava. Como preceito evangélico, o que quer salvar-se acaba por perder-se; e o que não teme perder-se acaba por se salvar. (CANDIDO: 1992, pp.14-15)

E assim o vaticínio se fez realidade. Passados dois anos do período de colaboração com *Correio Popular*, em 1997, Hilda Hilst recebeu a proposta da Editora Nankin para reunir suas crônicas em um livro. Surpresa por receber um convite para publicar aqueles textos produzidos inicialmente por diversão mas que depois assumiram a forma de uma batalha de resistência comprada pela escritora em defesa do seu ofício, Hilda aceitou o convite. Talvez por querer aquela “filha menor” dentro do conjunto da sua obra, uma vez que estava preparando sua despedida literária com a publicação de seu último romance, *Estar Sendo. Ter Sido*, o contrato foi assinado após algumas pequenas exigências da escritora.

São Paulo, 27 de agosto de 1997



Querida Hilda,

Aí vai a nova versão do contrato de Cascos e Carícias com as alterações solicitadas por você:

- tiragem da 1ª edição indicada (2000 exemplares)
- exemplares numerados e assinados por você
- adiantamento de R\$ 1.500,00 fora do acerto dos direitos autorais.

Só mantivemos o prazo de 5 anos pelas razões já expostas ao Jefferson e, ao que parece, aceitas por você.

Seguem 2 cópias do contrato, uma delas rubricada pelo Valentim em todas as páginas. Por favor que assine essa cópia rubricada, rubrique todas as páginas, reverbere a firma e, finalmente, envie-a de volta para nós. A outra cópia, guarde-a com você.

Por favor ainda que tome tais providências com certa urgência, para não atrasar a produção do livro.

No mais, valho-me e uns versinhos do Tefferson (1809 - 1892) que traduzi pensando em você:

Be near me when my light is low
when the blood creeps, and the nerves prick
tingle; and the heart is sick,
And all the wheels of being slow...

De mim, quando é fraca a luz, fica quente
Quando o sangue esguia-se e os nervos fígam
E treme; e o coração faz doente,
E toda roda do ser lenta gira...

r. Tabatinguera, 140
8.º andar - cj. 802
centro - São Paulo - SP
cep 01020-000
tel.: (011) 606-7567
fax: (011) 604-7033

Reprodução da carta do editor da Editora Nankin a Hilda Hilst negociando a publicação das crônicas no livro *Cascos & Carícias*.²⁷

²⁷ Essa carta está depositada no *Fundo Hilda Hilst* - CEDAE-IEL-Unicamp, e havia sido encontrada no último dia da nossa pesquisa entre os vários papéis do arquivo pessoal da escritora por um estagiário da equipe responsável pela catalogação do acervo.

A coletânea recebeu o sugestivo título *Cascos & Carícias*, bem ao estilo hilstiano. Para a epígrafe, talvez duvidosa de que aqueles textos conseguissem manter o frescor de antes, Hilda escreve: “Dúpliques desatentos/Lançamos nossos barcos/No caminho dos ventos//E nas coisas efêmeras/Nos detemos”. No ano seguinte, o livro foi lançado e a crítica especializada o recebeu em clima de boas-vindas:

Lançado último mimo da grande escritora aos leitores. Conhecido como um gênero tipicamente nacional, a crônica toma novos ares aqui com uma acirrada conversa com o leitor que, ao contrário do que é tradicional, nem sempre é tranqüila. Às vezes, Hilda Hilst chega mesmo a entrar em conflito e declara-se afastada do universo do seu leitor, o que causa uma tensão inesperada, quando a intimidade entre o cronista e aquele que acompanha seu trabalho é substituída por uma espécie de estranhamento distante. A solução, porém, é dada linhas adiante, quando a cronista, outra vez, reduz a tensão através de algum comentário inusitado, uma imagem bizarra ou um raciocínio original. O resultado, assim, é que o leitor acaba sentindo necessidade de, com urgência, percorrer o próximo texto, para tentar descobrir qual a surpresa que a autora lhe preparou. É um dos poucos momentos, na literatura brasileira, em que uma coletânea de textos esparsos exige leitura semelhante a de um livro de suspense.

Escritos no calor da hora de um período controverso em que o país ainda tentava encontrar o passo certo dentro de um processo lento de democratização, início dos anos ‘90, os textos reunidos no livro *Cascos & Carícias*

hoje aparecem diante de nossos olhos como uma espécie de cinematógrafo que nos traz as imagens mais marcantes de um passado ainda presente.

Por mais conjeturas que possam parecer esses textos, os leitores atuais – inclua-se aí o autor deste trabalho que contava apenas 11 anos de idade quando Hilda Hilst começou a publicar suas crônicas – podem encontrar entre os cascos e as carícias hilstianas um original registro de uma época. E o afirmamos sem medo de que isso possa de alguma forma diminuir o valor desse registro, uma vez que toda arte paga um certo tributo ao seu tempo.

O fato da produção cronística de Hilda Hilst ter sido reunida posteriormente em livro aponta para uma superação da condição atávica da crônica: graças à escrita autoral da poeta-narradora-cronista, esses textos conseguiram sobreviver ao seu tempo e preservar o vigor do estilo hilstiano.

Sem fazer concessões quanto à forma ou a qualquer outro aspecto de sua marca autoral, a escritora Hilda Hilst, da sua breve incursão pela crônica, legou um rico material para as letras brasileiras. Suas crônicas, escritas numa fase de pleno amadurecimento artístico, longe de serem vistas como mero apêndice da obra anterior, devem ter seu valor reconhecido como parte integrante de um conjunto harmônico, e essenciais para a compreensão do projeto literário hilstiano como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aproximação com o texto hilstiano sempre é um desafio, tanto para o leitor comum quanto para o leitor especializado que é o pesquisador. Obra à frente de seu tempo, a Literatura de Hilda Hilst tem o poder de impactar e emocionar logo em seguida: temas, palavras, assumem formas inesperadas diante dos olhos automatizados do mundo contemporâneo. A imagem do palimpsesto, certa vez aludida ao texto hilstiano, traduz bem o sentimento do leitor diante do texto “achado”: camadas e camadas de um trabalho artístico que se sobrepõem e que busca um olhar cúmplice disposto a compreendê-lo.

Quando iniciamos nossa pesquisa, nos deparamos com duas questões decisivas para o encaminhamento das análises: primeiro, a dificuldade para teorizar sobre um gênero literário, a crônica, que apesar da aparente inocência e simplicidade, logo nas primeiras leituras, mostrou-se muito complexo e com escassa bibliografia teórica; segundo, diante da complexidade do gênero em si, o desafio ficou maior ainda quando nos vimos diante das crônicas hilstianas: se o animal já é estranho por si só, pintado por Hilda Hilst então... a história complica. Mas o desafio foi aceito e, ao longo da nossa pesquisa, procuramos dar ênfase a alguns aspectos mais centrais das crônicas, tendo em vista o fato de nosso estudo apenas iniciar um enfoque mais vertical no âmbito acadêmico sobre essa parte da obra hilstiana.

A inquietação inicial, motivadora principal do nosso interesse em estudar as crônicas hilstianas, entender como uma escritora forte e contundente como Hilst se comportaria no âmbito despojado da crônica, foi perseguida mais de

perto. A resposta foi a que desconfiávamos: tendo conhecimento da obra anterior às crônicas e também de alguns dados biográficos da escritora, daí a necessidade que encontramos de situar previamente Hilst e sua obra antes da análise propriamente dita, o caminho escolhido pela cronista não poderia ter sido diferente.

A despeito das acusações de “louca”, “esquizofrênica”, “exilada nos confins do mundo”, Hilda mostrou que mesmo estando fora do grande circuito sempre esteve atenta aos dilemas de seu tempo, e o provou escrevendo crônicas por três anos para um pequeno jornal do interior paulista. Classificada inúmeras vezes, talvez por desatenção, como uma escritora hermética, a colaboração de Hilda Hilst no *Correio Popular* e, em contrapartida, a profusão de cartas enviadas à edição do jornal põem por terra tal rotulação. Sem fazer concessões ao seu costumeiro estilo *obscuro* – no sentido etimológico do termo: trazer à luz o que está fora de cena –, Hilda Hilst distanciou-se propositadamente das análises formais acerca da conjuntura política brasileira e preferiu transformar-se em porta-voz da indignação popular diante de um cenário caótico. Lúcida, colérica e irônica, a cronista ofereceu sua marca à leitura dos acontecimentos absurdos que se sucediam nas páginas dos jornais de todo o país.

Antes de tudo Poeta, por auto-definição, suas crônicas não poderiam deixar de flertar com a escrita poética: e é aí que Hilda dá o salto driblando *Chronus* e sua maldição: o circunstancial fica aquém do trabalho estético que marca a escrita hilstiana. Aliando poesia à urgência de seu tempo – no sentido de se comunicar, de falar ao homem de seu tempo, de fazê-lo despertar para uma consciência maior da vida – Hilda opera uma mudança significativa: a crônica, substantivo que nomeia o gênero literário, em Hilda passa a ser uma qualidade

atribuída ao ato de escrever, surgindo assim uma **escrita crônica**. Como afirmou certa vez um corajoso crítico literário sobre o estado da Literatura na contemporaneidade: “O corpo da Literatura perdeu o controle de suas fronteiras – como uma pele que se rasga – e entrou em estado de infecção”, e no caso da literatura hilstiana, infecção crônica!

Em três anos escrevendo crônicas semanais, Hilda Hilst provou o contrário quanto ao equívoco que ainda podemos encontrar facilmente nos compêndios de literatura: não existe gênero literário maior ou menor, e sim escritores maiores ou menores diante dos gêneros.

Recife, fevereiro de 2007.

BIBLIOGRAFIA

Livros de Hilda Hilst:

Poesia:

HILST, Hilda. *Presságio*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1950. (Ilustrações Darcy Penteado).

_____. *Balada de Alzira*. São Paulo: Edições Alarico, 1951. (Ilustrações de Clóvis Graciano).

_____. *Balada do festival*. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, 1955.

_____. *Roteiro do Silêncio*. São Paulo: Anhambi, 1959.

_____. *Trovas de muito amor para um amado senhor*. São Paulo: Anhambi, 1960.

_____. *Ode fragmentária*. São Paulo: Anhambi, 1961.

_____. *Sete cantos do poeta para o anjo*. São Paulo: Massao Ohno, 1962. (Ilustrações de Wesley Duke Lee).

_____. *Poesia* (1959/1967). São Paulo: Livraria Sal, 1967.

_____. *Júbilo, memória, noviciado da paixão*. São Paulo: Massao Ohno, 1974.

_____. *Poesia* (1959/1979). São Paulo: Quíron/INL, 1980. (Ilustração de Bastico).

_____. *Da Morte. Odes mínimas*. São Paulo: Massao Ohno; Roswitha Kempf, 1980. (Ilustrações da autora)

_____. *Cantares de perda e predileção*. São Paulo: Massao Ohno; M. Lídia Pires e Albuquerque Editores, 1983. (capa de Olga Bilenky)

_____. *Poemas malditos, gozosos e devotos*. São Paulo: Massao Ohno; Ismael Guarnelli Editores, 1984. (capa de Tomie Ohtake)

_____. *Sobre a tua grande face*. São Paulo: Massao Ohno, 1986.

_____. *Amavisse*. São Paulo: Massao Ohno, 1989.

_____. *Alcoólicas*. São Paulo: Maison de vins, 1990.

_____. *Do desejo*. Campinas: Pontes, 1992.

_____. *Bufólicas*. São Paulo: Massao Ohno, 1992. (Ilustrações de Jaguar).

_____. *Cantares do sem nome e de partidas*. São Paulo: Massao Ohno, 1995.

_____. *Do amor*. São Paulo: Edith Arnhold; Massao Ohno, 1999.

Ficção:

- ____. *Fluxo-Floema*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- ____. *Qadós*. São Paulo: Edart, 1973.
- ____. *Ficções*. São Paulo: Quíron, 1977.
- ____. *Tu não te moves de ti*. São Paulo: Cultura, 1980.
- ____. *A Obscena Senhora D*. São Paulo: Massao Ohno, 1982.
- ____. *Com meus olhos de cão e outras novelas*. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Ilustrações da autora).
- ____. *O caderno rosa de Lori Lamby*. São Paulo: Massao Ohno, 1990. (Ilustrações de Millôr Fernandes).
- ____. *Contos d'escárnio/Textos grotescos*. São Paulo: Siciliano, 1990.
- ____. *Cartas de um sedutor*. São Paulo: Paulicéia, 1991.
- ____. *Rútilo nada*. Campinas: Pontes, 1993.
- ____. *Estar sendo. Ter sido*. São Paulo: Nankin, 1997. (Ilustrações de Marcos Gabriel).
- ____. *Cascos e carícias: crônicas reunidas (1992/1995)*. São Paulo: Nanquim, 1998.

Dramaturgia:

- ____. *Teatro reunido*. São Paulo: Nankin, 2000. v. I. (capa de Olga Bilenky).

Em parceria:

- Renina Katz; *serigrafias*. Poema de Hilda Hilst. São Paulo: Cesar, 1970.

Participações em coletâneas:

- Agüenta coração*. In: COSTA, Flávio Moreira da. *Onze em campo e um bando de primeira*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998. pp. 39-40.
- Canto Terceiro*, XI (Balada do Festival). In: CAMPOS, Milton de Godoy (org.). *Antologia poética da Geração de 45*. São Paulo: Clube da poesia, 1966. pp.114-115.
- Rútilo nada*. In: PALLOTTINI, Renata. *Anthologie de la poésie brésilienne*. tradução de Isabel Meyrelles. Paris: Chandeigne, 1988. pp.373-381.
- Gestalt*. In: MORICONI, Ítalo. *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. pp. 332-333.

Do desejo (fragmentos), *Alcoólicas* (fragmentos). In: MORICONI, Ítalo. *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. pp.289-290, 293-295.

Do desejo (poema XLIX). In: PINTO, José Neumann. *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. São Paulo, 2001. pp. 230.

Sobre Hilda Hilst:

ABREU, Caio Fernando. A Hilda Hilst. In: *Caio 3D: o essencial da década de 1970*. Rio de Janeiro: Agir, 2005. pp. 299-300. (carta)

ADONIRAN musicou há 30 anos poema “Quando Te Achei”. In: *Correio Popular*. CEDOC. s.d.

ALMEIDA, Sherry Morgana de. O poeta inocente & a obscena senhora: a visão de Deus em Alberto Caeiro e Hilda Hilst. In: FERREIRA, Ermelinda (org.). *Na véspera de não partir nunca: 70 anos sem Fernando Pessoa*. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2005.

AMORIM, William. Hilda Hilst: “Não tenho alegria de ser brasileira”. In: *Suplemento Cultural*. Diário Oficial de Pernambuco. Ano IX. out., 1995.

____. Hilda Hilst. In: *Investigações: Revista do PPGL Linguística e Teoria Literária*. Recife: UFPE, 2000. vol. 11, jul. entrevista.

AZEVEDO, Carlos. Uma Paixão Silenciosa e Agressiva. In: *Correio Braziliense*. Dom. 12/fev./1995. entrevista.

BIONE, Carlos E. Hilda Hilst, A Bruxa da Casa do Sol. In: DUARTE, Zuleide; GONÇALVES, Luzilá. (Org.) *Literatura, Palavra Mulher*. UFPE: Editora Universitária. (no prelo)

____. *Rupturas & Rutilâncias: a prosa ficcional de Hilda Hilst*. Recife: Departamento de Letras - UFPE. Dez, 2004. (monografia)

____. *Adeus, querida Unicórnica*. Recife: Departamento de Letras - UFPE. fev, 2004. mimeo.

____. *Divino tronco de profana seiva: um estudo sobre Fluxo-floema de Hilda Hilst*. Recife: Departamento de Letras - UFPE. out., 2002. mimeo.

____. Hilda Hilst & Caio Fernando Abreu: Vertigem & Redenção. In: *Ao Pé da Letra*, Revista do Departamento de Letras. Recife: UFPE. n°. 4, 2002.

CADERNOS de Literatura Brasileira. *Hilda Hilst*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n 8, dez/1999.

CASTELLO, José. Hilda Hilst: A maldição de Potlach. In: _____. *Inventário das sombras*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. Tendências atuais da literatura feminina no Brasil In: COELHO, Nelly Novaes (et al.) *Feminino Singular*. São Paulo: GRD, 1989.

____. Hilda Hilst: um diálogo com Hilda Hilst. In: COELHO, Nelly Novaes (et al.). *Feminino Singular*. São Paulo: GRD, 1989.

____. A poesia obscura/luminosa de Hilda Hilst. In: _____. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993.

____. Fluxofloema e Qadós: a busca e a espera. In: _____. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993.

CORREIO Popular. Correio do Leitor. Campinas: jan.,1993a. (carta)

____. Correio do Leitor. Campinas: jan., 1993b. (carta)

DOBNER, Gabriela. Novela de Hilda Hilst ganha partitura. In: *Correio Popular*. 29/abr./1996. artigo.

ELIAS NETTO, Cecílio. A Santa Pornográfica: quando escrever é um ato de vida e paixão. In: *Correio Popular*. Caderno C, Gente. 07/fev./1993. artigo.

FIDALGO, Janaina. Hilst emerge de encontro de seus pares. In: *Folha de São Paulo*. 08/mar/2005.

FUENTES, José Luiz Mora. A Santa e a Rameira. In: *Cult*: revista brasileira de literatura. Ano II. n. 12. Jul./1998.

GRANDO, Cristiane (org.). *O Caderno Rosa de Hilda Hilst*. Campinas: CEDAE-IEL-Unicamp, 2005. Catálogo de exposição.

GUAIUUME, Silvana. Tormenta de Cães e Terra. In: *Correio Popular*. Caderno C. Campinas, 26/out./1997. artigo.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. v. I. pp. 297, 535, 536.

LEOCÁDIA, Maria das Graças. Hilda Hilst (1930-2004). In: *D.O. Leitura*. Observatório. mar/abr, 2004. pp 6-7.

MACHADO, Álvaro. “Ninguém me leu, mas fui até o fim!”, diz Hilda Hilst. In: *Folha de São Paulo*. Ilustrada. 03 jun. 1998.

MARQUES, Roberta R. Contos d’Escárnio e o cânone da narrativa escrita por mulheres. In: MARTINHO, Ana M. M. (org.) *A mulher escritora em África e na América Latina*. Évora: NUM, 1999.

MILLIET, Sérgio. *Diário Crítico*. São Paulo: Martins Fontes; Edusp, 1981. v. VII. pp. 297-298. v. X. pp. 57-59.

NAUD JÚNIOR, Antonio. Hilda Hilst: a poeta que não sabia amar. In: *Web Cult* – versão virtual da revista de literatura CULT. Consultado dia 18/jan./2007 na URL: <<http://revistacult.uol.com.br/website/site.asp?nwsCode=0B625CB8-88A5-42CB-B543-6AA3A425D5E1>>

PALLOTTINI, Renata. A mulher na dramaturgia brasileira. In: COELHO, Nelly Novaes (et al.). *Feminino Singular*. São Paulo: GRD, 1989.

PÉCORA, Alcir. Nota do organizador. In: HILST, Hilda. *Com meus olhos de cão*. São Paulo: Globo, 2006.

QUEIROZ, Vera. Hilda Hilst e a arquitetura de escombros. In: _____. *Pactos do Viver e do Escrever: o feminino na literatura brasileira*. Fortaleza: 7 Sóis, 2004.

_____. *Hilda Hilst: três leituras*. Florianópolis: Mulheres, 2000.

RATIS, Conceição. Hilda Hilst, uma escritora fulgurante. In: *Suplemento Cultural*. Diário Oficial do Estado de Pernambuco. Ano XVIII, fev./2004.

RIBEIRO, Leo Gilson. In: HILST, Hilda. *Ficções*. São Paulo: Quíron, 1977. prefácio.

RIBEIRO, Rodrigo P. Passeio pelo mistério. In: *BRAVO!* São Paulo: D'Avila, 1999. n. 24, set, ano 2. P. 104.

ROSENFELD, Anatol. Hilda Hilst: Poeta, Narradora, Dramaturga. In: HILST, Hilda. *Fluxo-Floema*. São Paulo: Perspectiva, 1970. prefácio.

VALENÇA, Jurandy. Novas Traduções para Hilda Hilst. In: *Correio Popular*. Caderno C. Campinas, 15/out./1995. artigo.

VÉJAR, Francisco. Hilda Hilst: La poeta del erotismo. In: *El Mercurio*. Revista de libros. Santiago de Chile, 06/ago/2004.

VIANNA, Lúcia H. Um sopro todo seu: de Clarice e suas irmãs contemporâneas. In: *GRAGOATÁ*: Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Niterói: EDUFF, 1997. n. 3. pp 69-91.

ZENI, Bruno. Hilda Hilst. In: *Cult*: revista brasileira de literatura. Ano II. n. 12. Jul./1998.

Teses e Dissertações consultadas:

ALBUQUERQUE, Gabriel Arcanjo dos Santos de. *Deus, amor, morte e atitudes líricas na poesia de Hilda Hilst*. São Paulo: USP, 2002. (Doutorado em Literatura Brasileira)

AZEVEDO FILHO, Deneval Siqueira de. *Holocausto das Fadas: a trilogia obscena e o carmelito bufônico de Hilda Hilst*. Campinas: Unicamp, 1996. (Mestrado em Teoria Literária)

GHAZZAOUI, Fátima. *O passo, a carne e a posse: ensaio sobre Da Morte – odes mínimas, de Hilda Hilst*. São Paulo: USP, 2003. (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada)

GRANDO, Cristiane. *A obscena senhora morte: odes mínimas dos processos criativos de Hilda Hilst*. São Paulo: USP, 2003. (Doutorado em Língua e Literatura Francesa)

MACHADO, Clara Silveira. *A escritura delirante em Hilda Hilst*. São Paulo: PUC-SP, 1993. (Doutorado em Comunicação e semiótica)

MEDINA, Fabiana Grazioli. *No limiar dos sentidos, A expressão do inefável – O Lírico e o Grotesco em Cartas de um Sedutor, de Hilda Hilst*. São Paulo: PUC-SP, 2005. (Mestrado em Literatura e Crítica Literária)

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos Anos 50*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. (Doutorado em Comunicação).

YONAMINE, Marco Antônio. *Arabesco das pulsões: as configurações da sexualidade em A Obscena Senhora D, de Hilda Hilst*. São Paulo: USP, 1991. (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada)

ZANI, Giuseppe. *Confissões na Imprensa: Um novo momento da crônica em Nelson Rodrigues*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. (Mestrado em Literatura Brasileira)

Documentários:

GRANDO, Cristiane & LOBOS, Léo (org). *Hilda Hilst: Casa do Sol Viva*. Campinas, 2006. DVD (28 min.), p&b/color, sonoro.

PEREIRA, Bernadeth. *Hilda Humana Hilst*. Campinas: CCO-Unicamp, 2003. vídeo VHS (53 min.), colorido, sonoro.

RIOS, Hebe; TROYA, Juliana & CHIQUETTE, Taciana. *Hilda para virgens*. Campinas: IACT-PUC-Camp, 2001. Projeto experimental de conclusão de curso de jornal. Orientador: Prof. Celso Falaschi. vídeo VHS (20 min.), colorido, sonoro.

Sobre a crônica:

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: _____. *Enigma e Comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CANDIDO, Antonio (et al.). *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: FCRB, 1992.

CASTELLO, José. Caderno de Notas 11: o caminho dos escritores é feito de escombros, balizas envergadas e destroços. In: *Jornal Rascunho*. Curitiba, set. 2003. p 19.

GALVANI, Walter. *Crônica: o voo da palavra*. Porto Alegre: Mediações, 2005.

GULLAR, Ferreira. Resmungos. In: *Folha de São Paulo*. Folha Ilustrada. São Paulo, 1º jan. 2005. p E10.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. Poetas rendem chefe da redação (I). In: GASPARI, Elio; HOLLANDA, Heloisa Buarque de; VENTURA, Zuenir. *Cultura em trânsito: da repressão à abertura*. Rio de Janeiro: aeroplano, 2000. pp. 248-250.

MEYER, Marlyse. Voláteis e Versáteis: de variedades e folhetins se fez a Chronica. In: CANDIDO, Antonio (et al.). *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: FCRB, 1992.

PEREIRA, Wellington. *Crônica: a arte do útil e do fútil*. Salvador: Calandra, 2004.

REZENDE, Beatriz. Cronista da Cidade. In: _____. *Apontamentos de crítica cultural*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002. pp. 171-198.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1992.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Teoria da crônica. In: _____. *A Sedução da Palavra*. Brasília: Letraviva, 2000. pp. 201-206.

Geral:

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: Ática, 1990.

BANDEIRA, Manuel. Braga. In: _____. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1990.

BARTHES, Roland. *O grau zero da escritura*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal*. Campinas: Papirus, 1994.

BOSI, Alfredo. A interpretação da obra literária. In: _____. *Céu, Inferno*. São Paulo: 34, 2003.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio: ABL, 2005.

CAMPOS, Haroldo de. Rupturas dos gêneros na literatura latino-americana. In: MORENO, César F. (coord.) *América Latina em sua Literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

CLARICE jornalista: o ofício paralelo. In: *Cadernos de Literatura Brasileira*. Clarice Lispector. São Paulo: Instituto Moreira Salles; Takano, 2004. n 17-18, dez.

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993.

COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DIRETRIZES do Estado Novo (1937-1945). Educação, cultura e propaganda: A Era Vargas. Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Documento consultado no site: http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_ecp_dip.htm

- FACIOLI, Valentim. A crônica. In: BOSI, Alfredo (et al.). *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.
- FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. *A estratégia do signo*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- FERREIRA, Luzilá Gonçalves (Org.). *A Escrita da Nova Mulher*. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2005.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *A reforma do Jornal do Brasil*. In: ABREU, Alzira Alves (org.). *A Imprensa em Transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- GASPARI, Elio; HOLLANDA, Heloisa Buarque de; VENTURA, Zuenir. *Cultura em trânsito: da repressão à abertura*. Rio de Janeiro: aeroplano, 2000.
- GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide – para uma teoria marxista de jornalismo*. Porto Alegre: Tchê, 1987.
- GOTLIB, Nádia Batella. *Clarice, uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.
- JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. A Estética da Recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (coord.). *A Literatura e o Leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- JOACHIM, Sébastien. Uma poética processual. In: *Investigações*. Recife: UFPE, 2000. jul.vol. XI.
- KAZANTZAKIS, Nikos. *Testamento para El Greco*. Trad. Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.
- MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: UNESP, 2003.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 8 ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- MOREIRA, Márcia. *Mulheres em Revista: Uma leitura crítica do jornalismo feminino brasileiro*. Recife: H. Levy, 1991.
- MORICONI, Ítalo (sel.). *Os cem melhores contos brasileiros do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- PAIVA, Aparecida. *A voz do veto*. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.
- PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 2001.
- REZENDE, Beatriz. *Apontamentos de crítica cultural*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil*. SP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1988.
- SAID, Edward W. *Representações do intelectual*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

- SAMUEL, Rogel (org.) *Manual de Teoria Literária*. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *A Sedução da Palavra*. Brasília: Letraviva, 2000.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SONTAG, Susan. *Questão de ênfase*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: ABL, 2004.
- SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1985.
- WILSON, Colin. *O Outsider: o drama moderno da alienação e da criação*. Traduzido por: Margarida Maria C. Oliva. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

ANEXO I

Lista de crônicas catalogadas até maio de 2006

[documento produzido pelo *Fundo Hilda Hilst*, mantido pelo Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio-CEDAE-IEL-Unicamp]

Produção Intelectual – Crônicas

Pasta 01 - Crônicas

≈ 1964 - Aguenta coração!

1 – 1p. dt. c/ alt. ms. | obs.: no verso há uma entrevista ?; dt. c/ correções; 1p. |
2 – 1p. dt. c/ peq. alt. ms.
3 – 1p. dt. (xerox)

≈ 09 dez. 91 - [O computador dos meus sonhos] (publ. *O Estado de S. Paulo*)
1 – 1p. dt. c/ alt. ms.

≈ 30 nov. 92 - Boas maneiras (I)
1 – 1p. dt. c/ alt. ms.
2 – 2p. ms. c/ correções (versão está no caderno 20)

≈ 07 dez. 92 - Boas Maneiras (II e III)
[cf. versões ou cópias?]
1 – 1p. dt. c/ peq. alt. ms.
2 – 1p. dt. c/ peq. alt. ms.
3 – 1p. dt. c/ alt. ms.
4 – 4p. ms. c/ correções (versão está no caderno 20)

≈ 21 dez. 92 - [Por que, hein?]
1 – 2p. dt. c/ alt. ms.
2 – 2p. ms. c/ correções (versão está no caderno 20)

≈ 11 jan. 93 - [Senhor de porcos e de homens]
1 – 1p. dt. c/ alt. ms. (obs.: No verso parte da crônica Musa Cavendishi de 15 fev. 93 – 1p. ms.)

≈ 18 jan. 93 - Como se um brejeiro escoliasta...
1 – 2p. dt. c/ alt. ms.

≈ 25 jan. 93 - [Sistema, forma e pepino]
1 – 2p. dt. c/ alt. e trecho ms.

≈ 15 fev. 93 - [Musa Cavendishi]
1 – 1p. dt. c/ alt. e trecho ms. (obs.: No verso, "Também matam palhaços")
2 – 1p. ms. (Obs.: está no verso da crônica *Senhor de porcos e de homens*)

≈ 08 mar. 93 - [Banqueiros, editores e pínicos]
1 – 2p. ms. c/ correções

≈ 22 mar. 93 - [O verme no cerne]
1 – 1p. dt. c/ alt. ms.

≈ 29 mar. 93 - Hora dos tamancos
1 – 2p. dt. c/ alt. e trecho ms.

≈ 19 abr. 93 - [Compaixão também é política]
1 – 2p. dt. c/ alt. e trecho ms.

≈ 3 maio 93 - E.G.E. (Esquadrão Geriátrico de Extermínio)
1 – 1p. dt. c/ alt. ms.

≈ 17 maio 93 - [Lama, lhamas perus]
1 – 2p. dt. c/ alt. e trecho ms. (RESTAURO: doc. rasgado!)

≈ 24 maio 93 - Teje Presa!
1 – 2p. dt. c/ alt. ms.

≈ 07 jun. 93 - [Minha feliz invenção]
1 – 1p. dt. c/ alt. ms.

≈ 14 jun. 93 - Credo, a muié pirô
1 – 2p. dt. c/ alt. ms.

≈ 21 jun. 93 - Quanto a vida é líquida
1 – 1p. dt. c/ alt. ms.

≈ 28 jun. 93 - [Liquidifica o mundo!]
1 – 1p. dt. c/ peq. alt. ms.

≈ 05 jul. 93 - Tô Só
1 – 1p. dt. c/ alt. ms.

≈ 12 jul. 93 - Decola ou degola
1 – 1p. dt. c/ alt. ms. | peq. trecho ms. |
2 – 1p. dt. c/ alt. ms. | peq. trecho ms. |

≈ 19 jul. 93 - [Mais essa!]
1 – 1p. dt. c/ alt. ms.

≈ 26 jul. 93 - Deixou de ser mico?

1 – 1p. dt. c/ peq. alt. ms.

2 – 1p. dt. c/ alt. ms. | peq. trecho ms. |

≈ 02 ago. 93 - Me empresta a sua “9 milímetros”

1 – 1p. dt. c/ peq. alt. ms.

2 – 1p. dt. c/ alt. ms. | peq. trecho ms. |

≈ 09 ago. 93 - Bate-papo com o chefe

1 – 1p. dt. c/ peq. alt. ms.

2 – 1p. dt. c/ alt. ms.

≈ 23 ago. 93 - Qui cê disse?

1 – 1p. dt. c/ alt. ms.

≈ 30 ago. 93 - Cultura do país? Fiofó de sapo

1 – 1p. dt. c/ alt. ms.

2 – 1p. dt. c/ peq. alt. ms.

≈ 06 set. 93 - De Rerum Natura

1 – 1p. dt. c/ peq. alt. ms.

2 – 2p. dt. c/ alt. e peq. trecho ms.

≈ 13 set. 93 - Cronista: Filho de Cronos com Ishtar

1 – 2p. dt. c/ peq. alt. ms.

2 – 1p. dt. c/ peq. alt. ms.

≈ 27 set. 93 - Casa do Prazer

1 – 2p. dt. c/ peq. alt. ms.

2 – 1p. dt. c/ peq. alt. ms.

≈ 04 out. 93 - O arquiteto dessas armadilhas

1 – 2p. dt. c/ peq. alt. ms.

2 – 1p. dt. c/ alt. ms.

≈ 17 out. 93 - Mentira, Engodo, Morte, Hipocrisia

1 – 2p. dt. c/ peq. alt. ms.

2 – 1p. dt. c/ alt. ms.

≈ 24 out. 93 - Dentro de mim, “sagrado descontentamento”

1 – 2p. dt. c/ peq. alt. ms.

≈ 31 out. 93 - Ridendo Castigat Mores

1 – 3p. dt. c/ peq. alt. ms.

2 – 1p. dt. c/ alt. ms. | trecho ms. |

≈ 07 nov. 93 - Só para raros

1 – 4p. dt. c/ peq. alt. ms.

2 – 1p. dt. (incompleto)

3 – 1p. dt. c/ alt. ms. (incompleto)

≈ 14 nov. 93 - Solte o seu anjo

1 – 8p. dt.

≈ 21 nov. 93 - Nem Joyce, nem Chesterton

1 – 4p. dt. c/ peq. alt. ms.

2 – 1p. dt. c/ alt. ms. | trecho ms. |

≈ 28 nov. 93 - [Para buchos e neurônios]

1 – 1p. dt. c/ alt. ms.

≈ 05 dez. 93 - Miséria Humana

1 – 5p. dt. c/ peq. alt. ms.

2 – 1p. dt. c/ peq. trecho ms.

≈ 12 dez. 93 - [A Descida]

1 – 2p. dt. c/ peq. alt. ms.

2 – 3p. dt. c/ alt. ms.

3 – 3p. dt. c/ alt. ms. | trecho ms. |

≈ 26 dez. 93 - Reviver é viver mais

1 – 5p. dt.

Pasta 02 - Crônicas

≈ 02 jan. 94 - Feliz ano “cuervo” para nós também!

1 – 1p. dt. c/ alt. ms. [incompleto ?]
2 – 2p. dt. c/ alt. ms. [trecho ms.]

≈ 09 jan. 94 - Reinávamos imprudentes sobre a vida

1 – 2p. dt. c/ peq. alt. ms.
2 – 1p. dt. c/ alt. e trecho ms. (incompleto)

≈ 16 jan. 94 - Tamo numa boa!

1 – 2p. dt. c/ peq. alt. ms.
2 – 1p. dt. c/ peq. alt. ms.

≈ 23 jan. 94 - [Paixões e Máscaras]

1 – 2p. dt. c/ peq. alt. ms.
2 – 1p. dt. c/ alt. ms. [c/ outro título: Os Párias]

≈ 30 jan. 94 - S.O.S. para todos nós! S.O.S. para os animais!

1 – 2p. dt. c/ peq. alt. ms. [1p. grande formato: 2p. coladas]
2 – 2p. dt. c/ alt. ms.
3 – 2p. ms. (grande formato)

≈ 06 fev. 94 - “Epur, se muove” (informe-se)

1 – 1p. ms. (versão está no caderno 20)

≈ 09 fev. 94 (dt.) - [alguns amigos austeros se aborreceram...]

Nota: crônica não publicada.
1 – 2p. dt. c/ alt. ms. [trecho ms.]

≈ 13 fev. 94 - [A vida? Essa monstruosidade de irrerealidades]

1 – dt. c/ alt. ms.; 2p. [trecho ms.]

≈ 20 fev. 94 - Um homem e seu carnaval

1 – 2p. dt. c/ alt. ms.
2 – 2p. dt. c/ alt. ms.

≈ 27 fev. 94 - Ilusão também enche a boca

1 – 2p. dt. c/ peq. alt. ms.
2 – 2p. dt. c/ alt. ms.
3 – 2p. dt. c/ alt. ms.

≈ 04 mar. 94 - Urrar Rir Vociferar

1 – 3p. dt. c/ peq. alt. ms.
2 – 1p. dt. c/ alt. ms.

≈ 13 mar. 94 - Galopando insana pela casa

1 – 2p. dt. c/ peq. alt. ms.
2 – 2p. dt. c/ alt. e trecho ms.

≈ 20 mar. 94 - Poemas Malditos, Gozosos e Devotos

1 – 5p. dt. c/ peq. alt. ms.

≈ 27 mar. 94 - Cuidado! Nunca mais!

1 – 3p. dt. c/ peq. alt. ms.
2 – 2p. ms. c/ correções
3 – 2p. dt. c/ alt. ms. [trecho ms.]

≈ 03 abr. 94 - Resíduo

1 – 3p. dt.
2 – 1p. dt. c/ alt. ms. [está no verso da crônica
Nós, escritores: brasileiros-zumbis]

≈ 10 abr. 94 - Vita Brevis

1 – 2p. dt. c/ peq. alt. ms.

≈ 17 abr. 94 - Esqueceram-se de mim
ou “tô voltando”

1 – 2p. dt. c/peq. alt. ms.

2 – 2p. dt. c/peq. alt. ms.

3 – 2p. dt. c/alt. ms.

4 – 2p. dt. c/alt. ms. [trecho ms.]

≈ 24 abr. 94 – Presidente, abre o olho:
tão comendo gente!

1 – 4p. dt. c/alt. e anot. ms.

2 – 2p. dt. c/peq. alt. ms.

≈ 01 maio 94 – [Hora de deslizar,
negada!]

1 – 2p. dt. c/alt. ms. [trecho ms.]

≈ 08 maio 94 - Os queridos dos deuses
1 – 2p. dt. c/alt. ms.

≈ 15 maio 94 - Tu. Estás vivo?

1 – 1p. dt. c/alt. ms.

≈ 22 maio 94 - Por que será que eu tô
falando nisso?

1 – 1p. dt. c/alt. ms.

2 – 1p. dt. c/peq. alt. ms. [grande formato /
colada]

≈ 29 maio 94 - Nós, escritores:
brasileiros-zumbis

1 – 2p. dt. c/alt. e anot. ms. [no verso, uma
outra crônica: Resíduo]

≈ 05 jun. 94 – No outro não dói, né,
negão?

1 – 2p. dt. c/alt. e anot. ms.

≈ 12 jun. 94 – [Sací tem capa]

1 – 1p. dt.

2 – 1p. ms. c/alterações

≈ 19 jun. 94 - Poesia sempre

1 – 2p. dt.

≈ 26 jun. 94 - In dog we trust ou
Mundo-cão do truste

1 – 2p. dt. c/alt. e anot. ms.

2 – 1p. dt. c/alt. ms.

≈ 10 jul. 94 - Emergência doutores:
sem asas, sem carro e sem cavalo

1 – 2p. dt. c/peq. alt. ms.

2 – 1p. dt. c/alt. ms.

≈ 17 jul. 94 - E para quem ficará o que
ajuntaste?

1 – 2p. dt. c/peq. alt. ms.

2 – 1p. dt. c/alt. ms.

≈ 24 jul. 94 - O teu Dia “D”

1 – 2p. dt.

2 – 1p. dt. c/alt. e anot. ms.

≈ 31 jul. 94 - Voz do ventre?

1 – 2p. dt.

2 – 1p. dt. c/alt. ms.

≈ 07 ago. 94 - La mer d’ici, la mer de
lá

1 – 1p. dt. c/peq. alt. ms.

2 – 1p. dt.

≈ 14 ago. 94 - Que O mantenham vivo
(I)

1 – 1p. dt.

≈ 21 ago. 94 - Que O mantenham vivo
(II)

1 – 2p. dt.

≈ 28 ago. 94 - Tô ligadona em Deus (
sorry)

1 – 2p. dt.

≈ 04 set. 94 - Mirta

1 – 1p. dt. c/alt. ms.

2 – 1p. ms.

3 – 2p. dt. c/peq. alt. ms.

≈ 11 set. 94 - Santos? Sim. Mas não do Pau Oco

1 – 1p. dt. c/ alt. ms. | trecho ms. |
2 – 2p. dt. c/ peq. alt. ms.

≈ 18 set. 94 - Memento Homo

1 – 1p. dt. c/ alt. ms.
2 – 1p. dt.

≈ 25 set. 94 - Tempo de trevas

1 – 1p. dt. c/ alt. e peq. trecho ms.
2 – 2p. dt.

≈ 02 out. 94 - No palanque das tretas

1 – 1p. dt. c/ peq. alt. ms.
2 – 1p. dt. c/ peq. trecho ms.
3 – 1p. dt. c/ alt. e peq. trecho ms.
4 – 1p. dt.

≈ 09 out. 94 - Ou estaremos em Londres?

1 – 2p. dt. c/ correções
2 – 1p. ms. c/ alt.
3 – 2p. dt. c/ alt. ms. | trecho ms. |
4 – 1p. ms. c/ alt.

≈ 16 out. 94 - Tem certeza que era brandy ?

1 – 2p. dt. c/ alt. e peq. trecho ms.
2 – 1p. dt.

≈ 23 out. 94 - Vigiai e orai

1 – 1p. dt. c/ peq. alt. ms.

≈ 30 out. 94 - As afinidades não eletivas

1 – 1p. dt. c/ alt. e trecho ms.
2 – 2p. dt. c/ correções

≈ 13 nov. 94 - Negão sacana, isso sim!

1 – 2p. dt. c/ alt. ms.
2 – 1p. dt. c/ alt. e trecho ms.
3 – 1p. dt.

≈ 27 nov. 94 - Domingo à tarde

1 – 2p. dt. c/ alt. e trecho ms.

≈ 04 dez. 94 - Como você é má! ou Gorila? Onde? Onde?

1 – 2p. dt. c/ alt. ms. | trecho ms. |
2 – 2p. dt.

≈ 11 dez. 94 - Ode descontinua e remota para flauta e oboé

1 – 1p. dt.

≈ 18 dez. 94 - Ode descontinua e remota para flauta e oboé

1 – 2p. dt.

≈ 25 dez. 94 - Nossa! O que há com o teu Perú ?

1 – 1p. dt.
2 – 1p. dt. c/ alt. ms.

Pasta 03 - Crônicas

≈ 01 jan. 95 - Virou, é benzinho?

1 – 1p. dt. c/ correções
2 – 2p. dt. c/ alt. e trecho ms.

≈ 08 jan. 95 - O Espaço-Luz de Gisela Magalhães

1 – 1p. dt. c/ peq. alt. ms.

≈ 15 jan. 95 - Ihhhhh! Ela tá mal.

1 – 2p. dt. c/ peq. alt. ms.
2 – 2p. dt. c/ alt. e trecho ms.

≈ 22 jan. 95 - Mistérios...

1 – 2p. dt. c/ alt. ms. | trecho ms. |
2 – 2p. dt.

≈ 28 jan. 95 - Escritor? Fôra! Fôra!

1 – 1p. dt. c/ alt. ms.
2 – 2p. dt.

≈ 05 fev. 95 - Quimeras

1 – 1p. dt. c/ alt. ms.
2 – 1p. dt. c/ peq. alt. ms.

≈ 19 fev. 95 - Cadê o Bispo ?

1 - 1p. dt. c/ alt. ms.
2 - 2p. dt. c/ peq. alt. ms.
3 - 2p. dt. c/ peq. alt. ms.
4 - 1p. dt.

≈ 26 fev. 95 - Yes, nós temos bananas

1 - 1p. dt.
2 - 1p. dt. c/ alt. ms.
3 - 1p. dt. c/ alt. ms.

≈ 05 mar. 95 - Morreu?!?!!

1 - 1p. dt. c/ alt. ms.
2 - 2p. dt. c/ peq. alt. ms.
3 - 1p. ms. c/ peq. alt.

≈ 12 mar. 95 - Solidão ? Não.
Sozinhos.

1 - 1p. dt. c/ alt. ms.
2 - 2p. dt.

≈ 26 mar. 95 - Receita

1 - 1p. dt. c/ alt. ms. [trecho ms.]
2 - 1p. dt. (incompleto)

≈ 02 abr. 95 - Bizarra, não ?

1 - 1p. dt. (incompleto)
2 - 1p. dt. c/ alt. ms. [no verso: Kapadócia é ?
Do Kacete !]

≈ 09 abr. 95 - Receitas à la Jonathan
Swift. Para patroas.

1 - 2p. dt. c/ alt. ms.

≈ 16 abr. 95 - Ai, João, que saudade!

1 - 2p. dt. c/ alt. ms.
2 - 2p. dt. c/ correções

≈ 23 abr. 95 - Revolução tem c
cedilha?

1 - 1p. dt.
2 - 1p. dt. c/ peq. alt. ms.

≈ 30 abr. 95 - [Rizotônicas (informe-
se)]

1 - 2p. dt. c/ alt. ms.
2 - 2p. ms. c/ alterações

≈ 07 maio 95 - [Pequena parábola
exemplar]

1 - 1p. dt. c/ alt. ms.
2 - 1p. ms. c/ peq. alt.

≈ 14 maio 95 - [Vai às compras,
madame?]

1 - 1p. dt. c/ alt. ms.

≈ 28 maio 95 - [Ainda seremos
felizes?]

1 - 1p. dt. c/ alt. ms.

≈ 04 jun. 95 - Tá deitadão, bicho?

1 - 1p. dt. c/ alt. e peq. trecho ms.
2 - 1p. ms. c/correções

≈ 11 jun. 95 - [Tô ligadona em
números]

1 - 2p. ms. c/ alt.

≈ 25 jun. 95 - Eu... hein!

1 - 3p. digitada (impr.?) c/ peq. alt. ms.
2 - 2p. dt. c/ alt. ms.

≈ 09 jul. 95 - À Mirella Pinotti In
Memorian

1 - 1p. dt. c/ alt. ms.
2 - 2p. ms.

≈ 16 jul. 95 - [Tudo o que é e não é]

1 - 1p. dt. c/ alt. ms.

Crônicas sem datas ou não identificadas

≈ Balangando o saco

1 - 1p. dt. c/ alt. ms.
2 - 1p. dt. c/ alt. ms.

≈ A Festa de Babete

1 - 2p. dt. c/ alt. ms. [trecho ms.]

⌘ [A loucura, a literatura... e o discovoador]

1 – 2p. dt. c/ alt. ms.

⌘ [Ame, estou farto de semi-deuses!]

1 – 2p. dt. c/ alt. ms. [trecho ms.]

⌘ Há jeito para tudo. Até para morrer.

1 – 2p. dt. c/ alt. ms.

⌘ [As Bestas Homens e os animais]

1 – 1p. dt. c/ alt. ms. [peq. trecho ms.]

⌘ Kapadócia é ? Do Kacete ! obs.: está no verso de uma das versões de “Bizarra, não ?”

1 – 1p. dt. c/ alt. ms.

⌘ [O avesso do texto] ?

1 – 4p. dt. c/ alt. ms. [peq. trecho ms.]

⌘ Quando era triste e pequena

1 – 2p. dt. c/ alt. ms.

2 – 2p. dt. c/ peq. alt. ms.

⌘ Mirra

1 – 1p. dt. c/ alt. ms.

2 – 1p. dt. c/ alt. e trecho ms.

⌘ [E porque não beber às 7 da manhã ?...]

1 – 1p. ms. c/ peq. trecho dt.

⌘ [Sendo considerada pelo país uma velhota lunática...]

1 – 2p. dt. c/ alt. e trecho ms.

⌘ [gostaria de falar da sensação de inutilidade do ato de escrever num país...]

1 – 1p. dt. c/ alt. e peq. trecho ms.

⌘ [A mão em concha] ? (obs.: o verso é outro texto?)

1 – 2p. ? dt. c/ alt. e trecho ms.

⌘ [Fiquei muito surpresa, principalmente pelo enfoque leviano...]

1 – 1p. dt. c/ alt. ms.

⌘ [depois que o homem Jeshua disse bem aventurados os pobres de espírito...]

1 – 1p. dt. c/ alt. ms.

⌘ [As máscaras. Dezenas de máscaras que usamos a cada dia...]

1 – 2p. dt. c/ alt. ms.

⌘ Também matam palhaços (obs.: outro texto no verso: “Baixou o Dr. Fritz!”)

1 – 1p. dt.

⌘ [Historinha pra você ler no bonde...] ? (Início do texto: “O recado parecia claro pro rapazinho...”)

1 – 2p. dt. c/ alt. e trecho ms.; 2p.

⌘ [Segundo a Enciclopédia croata de 1796...]

1 – 1p. dt. c/ alt. ms.

⌘ Caderno 20 (antigo Cadernos Preliminares)

Contém algumas crônicas que precisam ser identificadas!

ANEXO II

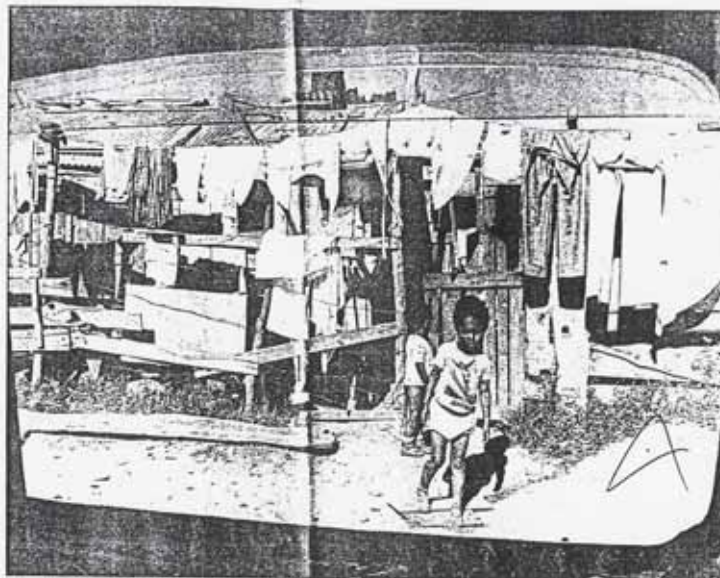
Crônicas publicadas no *Correio Popular*



HILDA HILST

A alma de volta

As vezes me perguntam o porquê de eu ter opado pelo riso depois de ter escrito minhas ficções, meu teatro, minha poesia com grandes e constantes picotadas de austeridade. Op-
tei pela minha própria salvação. E disse: o meu poema: Porque mora na morte! Aquele que procura Deus na austeridade. Vários articulistas têm escrito, a sério, nos mais importantes jornais a respeito da fome hedionda de grande parte da humanidade e da farsa resplandecente do restante. Os outros temas são o neofascismo, a violência, a crueldade. Pois bem, meus amigos, eu, a sério, sou bastante pessimista. Não creio que haja salvação para o homem. O homem "nazi", quando penso que o conceito de muitos é o "homem sapiens", começo a sorrir. Quando leio o que doutores, economistas, políticos, professores escrevem com alguma esperança, tenho delicadas expansões de riso. Sim. Delicadas, porque sempre por delicadeza *j'ai perdu ma vie*. Meu Deus. O homem! "O verme no cerne" como disse um prodigioso. Claro que há notáveis exceções. Mas alguém também notável disse: se repetires três vezes alguma coisa a um tolo, correrás o risco de te tornares um deles. Alguns homens geniais superaram que o problema do homem é o de encontrar um "estabilizador mental", alguma substância química que o imunize da barbárie. E digo simplesmente que é preciso devolver a alma ao homem. Digo-o novamente levemente; que, se de, volvam a alma! Homens do nosso



É pois bem, meus amigos, eu a sério, sou bastante pessimista. Não creio que haja salvação para o homem. O homem "nazi", quando penso que o conceito de muitos é o "homem sapiens", começo a sorrir.

tempo! Pode isso a Deus! Ou às coisas que acreditais! A terra, as águas, o vento! Desmolda! Uiva se quiseres! Ao teu próprio ventre! Se é ele quem comanda! A tua vida,

não importa! Pode à mulher! Aque-la que foi noiva! A que se fez amiga! Abre a tua boca, uíula! Pode à chuva! Rugi! Como se tivesses no peito! Uma enorme ferida! Es-

cancara a tua boca! Resgata: a alma. A alma de volta.

Vocês me preferem terra, líquida, sensível, austera ou aquele desopilante esboço de amor, tornando

alegre o teu às vezes desesperado ca-fê da manhã?

Hilda Hilst escreve às segundas-feiras nesta página.

HILDA HILST

Senhor de porcos e de homens

Dramas.
O Homem já se fez
O suco de suco animal
Que pretendia.

A perpétua de pertencer à
raça humana. O que quer
dizer ser humano? Os canis são
humanos? Os felinos são
humanos? Os equinos são
humanos? A cada novo ano,
na retrospectiva, o que se
vê é tão absurdo, tão absurdo,
ou tão terrificante, que você
se pergunta com renovada intensidade:
o que é ser humano? Quem era mesmo
a tonta que lavava os pés dos leprosos
e depois bebia a água das bacias? Criança
no colégio interno, eu tinha convulsões
ataques de histeria quando a freira me
lia a tal história. Era sempre um sair
correndo com o lenço na boca e vomitar
lá fora. Aquela sãra era humana? Uma
noiva de Deus, me diziam. Eu, no meu
mais íntimo, mediava: que Ele
nunca me perdoe, que aos olhos Dele
eu seja apenas sombra. Deus certo. E até
hoje nunca vou entender por que Deus
ficava noivo de alguma que bebia daquela
água nojenta. Com o mesmo horror e
perplexidade, hoje me pergunto: por
que alguém mata alguém com 12
punhaladas? Daniela, Perez, 12
punhaladas. Margot, Prometeu, minha
amiga de infância, 12 facadas. Aparício
Basilio, meu amigo de mocidade, 80 ou
90 tiros. E centenas, milhares de
anônimos assassinados, torturados,
linchados.

O que é ser humano? Entre a verdade
e a infâmia, quem são os passos de
claridade, dez passos de escuridão?
Como se sabe tão pouco a respeito do
ser humano, permitia-me reproduzir
um dos textos mais informativos e
respeitosos. O autor é o admirável Arthur
Koestler.

"O Homo sapiens é praticamente o
único ser do reino animal capaz de

salvaguardar instintivamente contra a mutação
de seres da mesma espécie. Isso é, de
membros de sua própria espécie. A 'lei
das selvas' só conhece um único motivo
legítimo para matar: a necessidade de
alimentação. E não apenas sob a condição

de que o predador é a presa pertencem
a espécies diferentes. No ser da mesma
espécie, a competição e o conflito entre
indivíduos ou grupos resolvem-se por
simbólicas posturas de ameaça ou por
simbólicas danças que terminam com

a fuga ou pelo de rendição de um dos
oponentes, raramente provocando
ferimentos mortais. As forças inibidoras
— sabas instintivos — contra a morte
ou os ferimentos graves causados a seres
da mesma espécie são tão fortes na

maioria dos animais — inclusive nos
primatas — como os instintos da fome,
do sexo ou do medo. O homem é o único
talvez alguns controversos fenômenos
observados entre rãs e formigas: a
prática a mania de seres de sua espécie,
em escala individual e coletiva, de
maneira episódica ou organizada, por
motivos que variam desde os jogos
sexuais até sofisticadas doutrinas
metafísicas. O permanente estado de
guerra entre os seres é uma característica
básica da espécie humana. Ademais, é
admirado pela aplicação da tortura nas
suas mais variadas formas, a começar
pela crucificação, indo até a morte na
cadeira elétrica."

Agna minha modesta contribuição
dedicada ao Cidadão:

Pouco conta que me sei, na esquerda,
no chão

A obra da Tua Fome, permita-me a
pergunta

Seu ser de porcos e de homens:

Ovino acudo, ou se foi familiar

Um verbo que nos batizou daqui muito
se ouve

O verbo amar?

Porque na esquerda, no chão

Na trama dos vocabulários

Na decantada língua enterrada

Na minha axila de póis e de carne

Na minha de palha que me envolve a alma

Do verbo apenas entrevi o contorno breve:

É o uso de morrer e de matar mas sem
som de sorriso.

Sangra, estilhaça, devora, e por isso

De entender-lhe o cerne não me foi
dada a hora.

É verbo?

Ou sobretudo de um deus prestes de
sumir?

Na pétala aventura da conquista?

Hilda Hilst escreve de segunda-feira nesta
página



A cada novo ano, nas retrospectivas, o que se vê é tão
sórdido, tão absurdo, ou tão terrificante, que você se per-
gunta com renovada intensidade: o que é ser humano?

HILDA HILST

Como se um brejeiro escoliasta...

Lembrei-me: aquela santa que bebia a água da bacia onde lavava os leprosos chama-se Santa Margarida Maria Alacoque. Também não sei mais nada sobre ela, só isso. Ainda bem. E por que será que todas as coisas ligadas à santidade são necessariamente ligadas ao sofrimento? Por que é preciso flagelar-se, jejuar, maltratar o corpo, mortificar-se, doar todos os bens, ser um pária na vida? Por que os humanos inventaram um deus ou deuses sempre amigáveis, ávidos por sangue e martírio, as bochechas inchadas de tanto trituração a carne de criaturas? O conceito de martírio, holocausto, sofrimento para dar prazer a um deus é para mim insustentável. O que pensar dos neuróticos de Isaac entendendo que era para pôr o filho na fogueira? Todos esses supostos diálogos dos humanos com um suposto deus me lembram a Telem em dias de chuva, jóia ditadora em Londres e a dila Carapicaba ou Cururu Mirim. Ninguém entende nada ali agora como na microfonia, e os humanos vêm mesmo, segundo a Ciência, muitos parafusos soltos entre o neo córtex e o hipotálamo. Não me conformo também com isso de um deus mandar seu filho para o planeta Terra a fim de ser crucificado. Para nos salvar, me ensinaram. Mas nós não fomos salvos de nada! Continuamos os mesmos escorpões paranoicos lá só ler a História em direção à loucura, ao pânico, ao desespero. Como é que você pode entender alguém que se diz sim, meu amor, eu te amo, mas aguenta firme que vou te arrancar as uтинhas, aguenta firme que vou te furar os olhos, aguenta firme que vou te crucificar, até parecer bichinho cadê, me bate amor, me corta de gilete, me põe o armário em cima. Se Deus fosse só um

amante enfiado e eu o tratasse com o carinho, até dá pra entender. O sexo é ligado a muitas fantasias sádicas. Os vocês só fazem aquele buraco no lençol? Alguma muito especial me disse: não, um mesmo! Deixa lá, uma palha. Mas a luz lá de cima, o grande sol das almas me condenando ao sofrimento, me peneirando para sempre a vida? Ah, não.

Outra coisa: eu gosto muito de Jesus. Foi um raro, um excepcional, um homem (?) da mais alta qualidade, mas também gente muito da teoria da victimologia. Jesus não poderia ter sentido culpa pelos mais variados motivos? Por excessiva bondade? Por ter amado ou desejado Maria Maria ou Madalena? Por ter espantado aquela figura? Por ter sido tão admirável, tão singular e tão raro? Por extrema bridade? Por tão grande poder de sedução? Sim, porque afinal não é todo dia que você vê alguém andando de cima pra baixo, sempre acompanhado de 12 homens. Eu me sentia culpado por tanta sedução. E quem se sente culpado, quer no mais fundo ser castigado. Al voos dirão: não, mas ele disse: Pai, afiana de mim esse cálice. Comp é que você sabe o que ele disse? Alguns ouvira esse diálogo íntimo de Jesus com seu deus? Os voos acham que ele ficou gritando feito um ator no juízo, lá no Jardim das Oliveiras, assim aos quatro ventos, para acordar discípulos e passarinhos, justo ele que sabia ser tão delirante?

O patético invenção. O não humanos são ambíguos e absurdos! Também tive um dia meo surto de victimologia. Ei-lo. Liriam-no e esquecer no. O lá de cima, graças a Deus, não desligado o telefone quando estive o poema.

esta nota escrita as
segundas-feiras desta página



Encenação da "Paixão de Cristo" em Nova Jerusalém

Jesus não poderia ter sentido culpa pelos mais variados motivos? Por ter espantado aquela figura? Por ter sido tão admirável, tão singular e tão raro?

Hora me com seus nudas.
Taduaq meu peiss
De maneira que eu nunca me perceba.
Confunde estas linhas que te escrevo
Como se um brejeiro escoliasta
Resolverse
Brincar a morte de seu próprio texto.
Dá-me ardência e fidelidade e medo.
É des-vo de todas as respostas
Que dariam luz
A meu eterno emendimento cego.
Dá-me ritos joelhos.
Para que eu possa fincá-las num mínimo de terra
E só permanecer o teu mais esquecido prisioneiro.
Dá-me mudez. E andar desordenada. Nenhum cdo.
Tu sabes que amo te animar
Por isso me sentia aliviado. E de ti, Sem Nona
Não deixe alívio. Apenas estreite e fardo.
Talvez assim te encaixes de tão fardo ruidoso.
Talvez assim me ames: desatado até o osso
Igual a um morto.

HILST, HILDA

CADERNO C

CAMPINAS, DOMINGO, 19 DE MARÇO DE 1995

Dá-me de novo, Pai, a-
quele rio
as águas, os juncos espe-
lhados
e nenhuma armadilha,
nem burocras-
velames, nem o lustro
das quilhas
nem viagens. Dá-me de
novo, Pai.

Um rio só, de mim,
sem nenhuma ferida, só
menineza e o rio.
E quem sabe eu mesma:
reditiva.

Dia 14 de março foi o dia da Poesia.
Eu não sabia. Soube, manhazinha, pela
rádio Eldorado. E de repente me veio o
poema aí de cima. Um presente para mim.



Hilda Hilst,
escritora, escreve
aos domingos
nesta página

Quando era triste e pequena

HILDA HILST

mesma e um mimo para vocês.
de mim. Quando eu era peque-
na ia com meus primos tomar
banho no rio Jai. Um rio de á-
guas barrentas, quase verme-
lho. Mas eu achava linda aquela
hora de tomar banho no rio. Só
aquela hora também.

Eu ficava muito triste em
Jai. Quem gostava de mim era
tia Genésia, viúva de um irmão
de meu pai. Me punha no colo,
me agradava, não deixava que
meu primo-irmão fizesse mali-
nhezas comigo. Minha avó era severa, fe-
chada, eu tinha medo dela. Minhas duas
tias Nina e Margarida, quando as conheci,
aos sete anos, estiquei a mãozinha para
cumprimentá-las e elas me deixaram de

mãozinha abanando, porque não gostu-
vam de minha mãe. Fiquei de mãozinha a-
banando sem entender nada. Duas bous-
biscas tia Nina e Margarida. Tia Zoé tam-
bém foi sempre seca comigo. Eu chorava
muito em Jai. Não conheci meu avô. E
duardo Dubayelle Hilst.

Ele era francês. Um amigo que o co-
nheceu me disse que ele era muito curran-
cudo e andava sempre de guarda-chuva. Eu
sempre tive vontade de ter um avô. Nunca
tive. Nem do lado materno nem do lado
paterno. Um dia fiz um poema para o avô
de um amigo meu. Tody Kramer, o avô de
Kramer tinha sido um combatente na Ar-
gélia. E havia uma espada na parede da
sala. Era assim o poema:

Empresta-me teu avô

a estória de suas guerras.

O retrato do meu avô está aqui, na mi-
nha mesa. O olhar tem alguma doçura, as
sombrecinhas são aquelas enfiadas, os o-
lhos me parecem castanho-amarelados, a
boca é fina e dura, o bigode claro-aloi-
do. Há pouco, quando fui editada na Fran-
ça pela Gallimard, pensei nele. Tentei ver
se me sorria.

Se agora me amava. Querem saber?
Acho que sim. Porque descobri no retrato,
no seu rosto, uma pequena lágrima, uma
que nunca havia visto. Tudo bem, vó.
Quem sabe (posso pensar agora), na ver-
dade nunca te perdi.

P.S.: hoje estou boazinha: mais pra
"Piana nos Alpes" do que pra Henry
Miller.

ex-combatente na Argélia.
Eu queria tanto ter
uma espada igual aquela
estendida na parede.

Preciso viver meu sonho.
Alguém de vós poderia
fazê-lo melhor que este?

Terido um avô gigante
homem duro, flamejante
feito de luas e sangue.

Empresta-me teu avô
que o meu, eu sei, não me amava.

Sei que era loiro e flamengo
e que todos o chamavam
de Eduardo, "o francês".

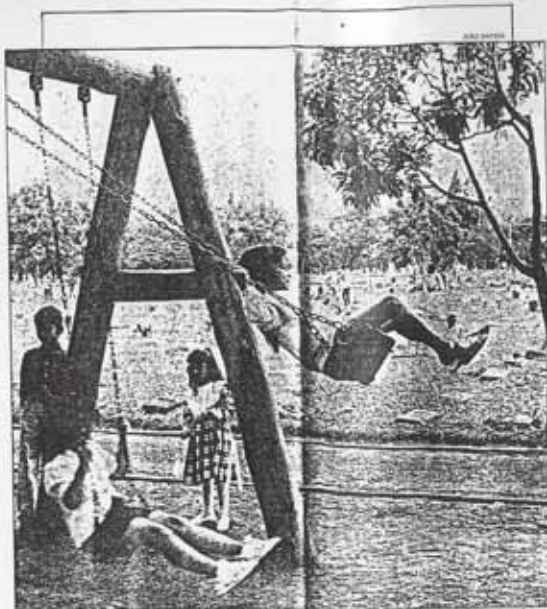
Comigo não teve dengos.
Empresta-me teu avô
por alguns dias apenas.

E a todos eu direi que ouvia
quando era triste e pequena

HILDA HILST

Tempo de Poesia

Entre cavalos e verdes pensei meu canto
Entre paredes murais lamentosais
Um cenário acanhado para o canto
Se o que dele se espera é ali demais
Pretendi cantar mais alto que entre os verdes
E encantar o meu sentir cansado
Naquele melhor sentir de quando era menina.
Vontade de voltar às minhas fontes pri-
meiras.
De colocar meus mitos outra vez
Nos lugares antigos e sorrir
Como a ti te sorri, minha mãe, a vez pri-
meira.
Vontade de esquecer o que aprendi:
Os castelos lendários são passagens
Onde os homens se aquecem, são, sumários
Porque da condição do homem é o despo-
jar-se.



Eu não sou mais que a infância/Nem pretendo/Ser outra comédia/Ah, se
soubésseis! Ter escolhido um mundo, este em que vivo/ Ter rituais e
gestos e lembranças

II
Testamento
Lírico

Se quiserem saber se pedi muito
Ou se nada pedi, nesta minha vida,
Saiha, senhor, que sempre me perdi
Na criança que fui, tão confundida.
A noite ouvia vozes e regressos.
A noite me falava sempre sempre
Do possível de fábulas. De fadas.
O mundo na varanda. Céu aberto.
Cantabinhas douradas. Meu espanto
Dante das muitas falas, das risadas.
Eu era uma criança delirante.
Nem soube defender-me das palavras
Nem soube dizer das aflições, da mágoa
De não saber dizer coisas amáveis.
O que vivia em mim, sempre calava.

Enão sou mais que a infância. Nem pretendo
Ser outra, comédia. Ah, se soubésseis!
Ter escolhido um mundo, este em que vivo,
Ter rituais e gestos e lembranças.
Viver secretamente. Em sigilo.
Permeável aquela, esguia e dócil.
Querer deixar um testamento lírico
E escutar (apesar) entre as paredes
Um ruído inquietante de sorrisos
Uma boca de plumas, murmurante.

Nem sempre há de falar-vos um poeta.
E ainda que minha voz não seja ouvida
Um dentre vós, resguardará (por certo)
A criança que foi. Tão confundida.

Hilda Hilst escreveu os seguintes poemas para o livro

HILDA WILST

Compaixão também é política

Tu sabes que serram cavalos vivos
Para que fiquem macias
As sacolas dos ricos?

Já sei que tá cheio de gente sofrendo, velhos, crianças, mulheres, acidentados, favelados, mas é preciso também fazer alguma coisa urgente e batalhar contra a crueldade em relação aos animais. Há algum tempo ovi dizer que serravam cavalos vivos porque a dor fazia com que o couro ficasse macio... Fui vomitar ventando no meu pinico de barro. E depois comeci com aquilo tudo que vocês já sabem, a hora dos tamancos. Bem, continuando. Ovi emocionada, há alguns dias o relato de uma admirável jovem mulher, Mara Theresza, que há anos vem salvando cavalos doentes e abandonados, ou atados às carroças, com os cascos em carne viva, ou corroidos de sarna e de feridas, e aí ela, Mara, até pede para comprar, mas o dono diz: inda tá bonzinho, dona, veve mais uns dia trabalhando... E o bicho todo esfolado, sangrando. Eh... gente "simpers" e boa!

Em 1964, quando vim para Campinas, um amigo meu quis me levar à Hipica. Fui, achei tudo lindo até que deparei com uma égua e sua cria num matagal ao lado. A égua cheia de carapato, doentíssima, e a cria também. Mas o que é isso?, perguntei estupefada. Explicação: a dona largou as duas aqui, não pagou o aluguel das baias e sorris. Mas isso é um absurdo, eu disse. Vocês têm que tratar dos animais! Ah, não dá não, dona, não pagando não dá... De início fiquei aos prantos só olhando, depois em seguidinha, fu-

Mara Theresza há anos vem salvando cavalos doentes e abandonados, ou atados às carroças com os cascos em carne viva, ou corroidos de sarna e de feridas



Cavalo morto é removido de terreno baldio

riosa, perguntei se me vendiam as duas. Claro, deram graças a Deus, e graças a Deus minha mãe tinha uma fazenda e chamei um caminhão e levei-as, mas só a égua foi salva porque a cria já estava muito mal. Alguns que me viram comprar sorriam e me chamaram de louca. Estou acostumada com tal ritual e antes louca do que pífida, nojenta e gelida, pactuando com a maioria dos humanos. Sou louca de compaixão sim, e é pena que eu não tenha poder nem dinheiro para salvar os animais das mãos dos humanos.

Se algum de vocês, leitores, puder ajudar de alguma maneira Mara Theresza, essa admirável jovem mulher, ou acenando um sorriso animal na sua chácara ou no seu terreno cercado, ou às vezes emprestando um caminhão para tirar o animal de algum inferno ou do seu curralco, escrevam para este jornal, aos meus cuidados, e os competentes façam leis, senhores, leis severas para os carrascos de animais, há carrascos em demasia no mundo, há também todo o meu arco e o Pessoa dizendo mais os meus isso: hoje vomitei o mundo na pia. Eu também. Com licença. Vou indo.

Sobre o vasso jaco

— Homem político —
Nem compaixão, nem flores.
Apenas o escuro grão
Dos homens.

Sobre os vossos filhos
— Homem Político —
A desventura do vosso nome.

Mara viveu sempre de separação entre suas páginas.

HILDA HILST

E.G.E. (Esquadrão geriátrico de Extermínio)

O poeta pode ser violento. A maior parte das vezes contra si mesmo. Um tiro no peito, gás, veneno, um tiro na boca como fez Hemingway que também foi poeta em *O velho e o mar*, Musakóvski um tiro no peito, Sylvia Plath gás de cozinha, Ana Cristina César um salto pelos ares, etc etc etc. "Os delicados preferem morrer", diz Drummond. Mas esta modesta articulista, sobretudo poeta, diante das denúncias feitas pela revista *Veja*, todos aqueles poços perfurados em prol de uma única pessoa ou em prol de amiguinhos de sua excelência presidente da Câmara, senhor Inocêncio (a indústria da seca), e o outro com seu lindo carro às custas de gaze e esparadrapo... credo, gente, quando você vê na televisão ou "in loco" o povão famélico, desidratado, mirrado... Um amigo meu foi pro Ceará e passou as alas chorar lá! As crianças todas tortas, todos pedindo comida sem parar... e 500 toneladas de farinha apodrecendo... e montes de feijão desviados para uma só pessoa... (um parentese, porque meu coração de poeta pede a força, o fuzilamento, cadeia, cadeia para aqueles que se locupletam à custa da miséria absoluta, da dor, da doen-



Arregimentamos várias senhoras da terceira idade, eu inclusive, logo, e com nossas bengalinas em porta esperamos as perniciosas nádegas desses vilões

ça). Gente, eu já estou uma fúria e para ficar mais calma proponho coisas mais suaves, por exemplo: o Esquadrão Geriátrico de Extermínio, a sigla óbvia seria EGE. Arregimentamos várias senhoras da terceira idade, eu inclusive, lógico, e com nossas bengalinas em ponta, uma poeta-enfilete desentada de curare (alguns jovens recrutam amigos viajam até os Tucurumbe ou os Krahakarore ou Krahacurure para conseguí-lo) e nos comícios, nos palanques, nas Câmaras, no Senado, espetamos as perniciosas nádegas ou o distinto buraco na... heitroso desses vilões, nós velhinhas misturadas às massas e assim singramos nos notaria, como ninguém nunca nota a velhice. Nossas vidas ficariam dilatadas de significado, o que beleza esperar bundões assassinos, nós faíceiras matadoras de monstros!

O curare é altamente eficiente, provoca rapidinho a paralisia completa de todos os músculos transversais (bunda é transversal?) e em seguidinha sobrevém a morte por parada respiratória. Ficariam todos ao redor do coitadinho, abandonado: óóóó, morreu é? Um pedido ao presidente Itamar: severidade excelência, é ignominioso, indigno, insultante para nós todos deste pobre Brasil tão saqueado, que essas terrí-

veis denúncias terminem no vazio, no nada, na impunidade. É sobretudo perigoso porque: de cima do palanque de cima da alta poltrona estofada de cima da rampa olhar de cima. Líderes: o povo não é paisagem. Nem manja geografia. Para a viagem do verso olho. Povo. Polvo. Um dia. O povo não é o rio. De míseras águas Sempre iguais. Mais fundo, mais além. E por onde navegais Uma nova canção. De um novo mundo. E sem sorrir. Vos digo: O povo não é Este pretenso ovo. Que fogis alisar. Essa superfície. Que jamais castiga. Vossos dedos furivos. Povo. Polvo. Lúcido vigília. Um dia.

Hilda Hilst escreve as seguintes letras nesta página

HILDA HILST

Lama, lhamas perus

Que pena que o Nordeste não tem lhamas, porque já teria sido irrigado. Dizem que as lhamas, assim como habitam os altiplanos do Peru, têm olhos lindíssimos e olhos de mulher apaixonada, dizem também que a gentileza das lhamas é delicada e perfeita como a de delicadas e perfeitas filhas humanas. Pois muito bem. Só posso entender o empréstimo de US\$ 100 milhões para irrigar o Peru, se o tal empréstimo foi feito para regar as lhamas, quero dizer que ministro e construtora se deliciaram com alvenaria e resolve-

sair, credo, até parece o fletê da mãe Joana. A ministra Cruzin ficou dois meses e saía considerando a tarefa a que se propôs, concluída. Mas dois meses não dá nem para arrumar as gavetas! Eu mesma levei três para arrumar as gavetas aqui de casa... É claro que na gaveta de um poeta não há nada parecido com a gaveta de um ministro, e um poeta dificilmente vira ministro, e um poeta dificilmente arruma gavetas; um poeta pode sim se apaixonar por uma lhamas,

mas dificilmente terá os tais US\$ 100 milhões... dificilmente um poeta ficaria íntimo de um alto-funcionário de uma grande empresa, e se ficasse, logo mais levaria um pontapé no traseiro.

Poeta e povo jamais compreenderão empréstimos de US\$ 100 milhões para irrigar coisa alguma alheia, porque o teu príncipe Paul está doente fundido, sedento triste pobre inficionado de morte. Só a Pomba salva. Eia lá.

Tem sido mais fácil compreender Heidegger, Wittgenstein, abstrato, copta, do que compreender explicações de ministros e quejandos.

Amada vida,
Que essa porta de ferro

contra bôdo e muito menos contra o Peru... mas as crises por aqui vão mal! Primeiro foram poças no Nordeste para abastecer as praiadas e as piscinas de suas estalécias, os políticos, e deixam o povo morrendo de sede, o gado também, e agora querem cumprir contratos de US\$ 100 milhões, alheios, quando o Brasil tá todo esterificado! Tem sido mais fácil compreender Heidegger, Wittgenstein, abstrato, copta, do que compreender explicações de ministros e quejandos. A língua anda mesmo enfiada e confusa como as tais "plantas" de pele da senhora Rosane Collier. É a um tal de ministro entre e

na boca dos poetas.
Palavra-Palavra
Livre
Volúpia de ser sua
Na minha boca,
Que essa porta de ferro
Calcada
Se desloca
Dizem da luz interna
Da palavra:
Palavra-Livre
Volúpia de ser palavra
Amada vertiginosa. Amã.
Outra coisa: Não se esqueçam,
Se o teu, o meu, nosso de tigre
Se ficasse livre, como seria?



Eliseu Resende,
ministro da Fazenda,
cuja pasta autorizou
empréstimo para
obras de irrigação no
Peru.

poeta Hilst escreve as seguintes linhas nesta página

HILDA HILST Teje presa!

Diante da situação caótica miserável assustadora puerilíssima de todos nós (menos aqueles que tudo mundo sabe quem são: PC, Collor, banguineiros — é o cúmulo um banco te cobrar 46% de juros! — sequestradores, depredados que têm verba de mais de Cr\$ 200 milhões para tratar dos dentes — os meus estão caindo — e ainda conseguem empréstimos lá mesmo na Clínica e sem juros — (!!!) — e acham o salário de mais de Cr\$ 100 milhões um lixo...) bem, dizia eu que diante da situação absolutamente calamitosa, além daquela sugestão adorável do Esquadrão Genérico de Extermínio que lhes propôs, proponho uma fivela, só para velhinhas... Suspende: um burler genérico, que tal? há gosti para tudo... e comatizemos velhinhas magníficas, prazerosas, inteligentes, corajosas, quites!

Trancassem-me assim, Senhores, por favor. É a única maneira de eu sobreviver. J

que engraçado que você ficou, e isso aqui o que é? e é aquilo, aí você diz não acredito ficou assim? E riamos riamos. Outra coisa, gente, tenho pensado tanto em como ganhar dinheiro... que tal se importássemos os detritos do Primeiro Mundo pra fazer qualquer coisa, sim porque os detritos do Primeiro Mundo devem conter todas as vitaminas e mais sais minerais do que aquelas pastilhas geriatricas caríssimas costumam, e será que não é mais barato botar de rico? tô pensando, gente, tô pensando, aceite sugestões para uma possível sociedade. E se alguém quiser me trancafalar pelo acúmulo de ubociedades

meus privilégios naturalmente), e foram estes: "Levou para a cela, entre outras coisas, escrivaninha, guarda-roupa, *nécrinaire*, camisa, calções de seda, cassaca, roupões, vários pares de botas e sapatos, apetrechos de lareira, quatro retratos de família, tapeçaria para pendurar nas paredes brancas, almofadas de veludo, colchões para tornar a cama mais confortável, uma coleção de chapéus, três fragrâncias — água de rosa, água de flor de laranjeira e água de colônia — para se perfumar e uma grande quantidade de velas e lamparinas. Estas eram necessárias, pois, ao entrar no cárcere, em 1784, Sade levou também uma biblioteca de 133 volumes, entre os quais as histórias de Hume, a obra completa de Pénelon, romances de Fielding e Smollett, a Bíblia, as peças de Marmontel, livros de viagens sobre Cádiz e Boumdeville que

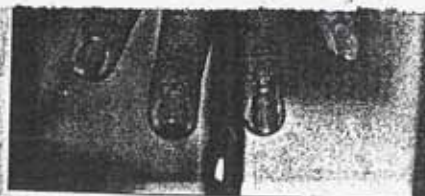


tanto dormir com mamãe, ela era linda gostosa etc., e como não consegui por isso é que sou assim agora." e depois será que não tem algum curioso que até pague para ver uma velhinha pelada? Até só para rir um pouco? É tão difícil rir nos tempos de hoje! eu, por exemplo, adoraria ver velhinhas ilustres peladas, velhinhas deslambrastradas como Bertrand Russel, o Einstein, meu Deus, acho que ririamos tanto... oha

também grata como grama no País, mas se alguém tiver dinheiro e vontade para comprar o livro *Cidadões* (uma crônica da revolução francesa), de Simon Schama, eu não comprei, roubei, sabia que o marquês de Sade teve vários privilégios lá dentro (e eu como fui editada na hália em companhia do marquês, de Jonathan Fast e Choderlos de Laclos com o meu livro *Il Quasi me rosa Di Lori Lambdy*, também lê-la eu

olhem só a comida da Basilha "uma sopa excelente, um suculento bife, uma coxa de frango pingando gordura (uma virtude no século 18), um pratinho de alcachofras frias e marinadas ou de espinafre, deliciosas péras de Cressane, uvas frescas, uma garrafa de velho borbonês e o melhor café". Trancassem-me assim, senhores, por favor. É a única maneira de eu sobreviver.

Hilda Hilst escreve às impiedosas letras nesta página



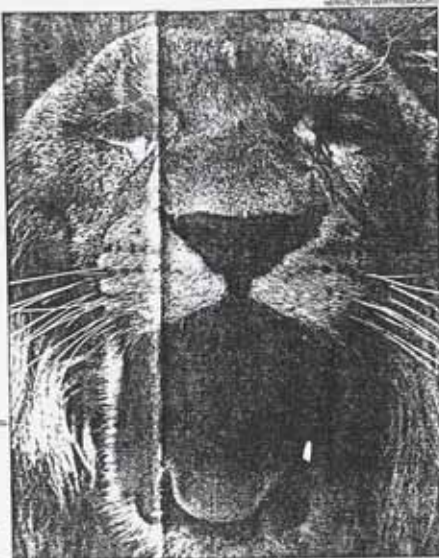
C
HILDA HILST

Minha feliz invenção

Costo de escrever do avesso das gentes, do avesso das coisas, o que ninguém vê, gosto de falar de gente ruim: louca naquele sentido da palavra, os loucos de piedade, por exemplo, como essa admirável Mara Thereza que foi a semana passada a um circo e encontrou três tristes leões magérrimos e um com uma fome que comeu o rabo do outro e aí ela me diz que está procurando alguém para ficar com os três leões... e eu já procurando alguém que fique comigo, quem sabe um leão para eu ser comida (no pior sentido, engolida mesmo) e aí acaba tudo e eu não preciso mais ler notícias como as que vêm da lagoa-dia, esta: várias mulheres grávidas foram desventradas e tiveram seus fetos arrancados da barriga e depois placentados... O ser humano é de uma estupidez desalentadora... e ainda dizem que é preciso ser otimista, que só os otimistas conseguem... Beizeira, sendo tão pessimista desde sempre e escrevi bravamente: — O que é preciso conservar são as chamadas "ilusões intensificadoras da vida" (Otto Rank), e traduzindo quer dizer engana-te a ti mesmo, aja "como se" tudo não fosse como é, só vai levar 500 anos pra todo mundo ficar "normal" no melhor sentido e 500 anos passam depressa, acalma-se, "tudo vem a seu tempo", nin-

guém é canalha, ninguém é sádico, todo mundo nasce bom, coraado! São todos bonzinhos. Preservemos a sã ideia canalha e estúpida raça humana com suas mesquinharias, sua malvadez, sua limitada crueldade. E estes caras da engenharia genética tão fazendo o quê? Não dá pra fazer um bom supercoidado não? Enquanto isso não acontece, vamos brincar de "como se"...
Vamos brincar meus amigos
De ver beleza nas coisas.
Beleza no desajuste
No teu amor descuidado.
Beleza tanta beleza
Na pobreza.
Vamos brincar meus amigos
De ver beleza na moça
Que por amor não se dá.
Nem por nada. E se reserva
Ao homem que Deus durá.
Vamos brincar meus amigos
De ver beleza na morte.
Mas que na morte na vida.
Tão doce morrer em vida
Tão triste viver em vão.
Vamos brincar meus amigos
E de mãos dadas cantar
Minha feliz invenção:
Beleza tanta beleza
Em tudo que se não vê
Beleza.

Esta obra contém as seguintes ideias: nada importa



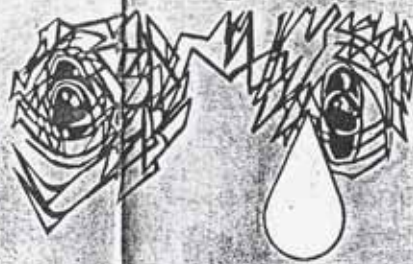
“
Mara Thereza
encontrou três
tristes leões
magérrimos num
circo e um com
tanta fome que
comeu o rabo do
outro
”

HILDA HILST

Quanto a vida é líquida

A tenção: ouvi no quarto da manita, através da Central Brasileira de Notícias (CBN), que em Rondônia e no Acre, 500 mil meninas de 12 a 14 anos são vendidas como prostitutas aos garapeiros. Se forem virgens valem C\$ 20 milhões. O preço das não-virgens não foi dito. Se adoecerem, são em seguida assassinadas. Fiquei em estado catatônico. Ainda estou. Pena longa. Segundo os astrólogos, no meu mapa astral há a chamada "estrela da alma", e isso quer dizer que eu meabo no peão, como um soci, as múltiplas dores do mundo. E por isso, de dor e de desespero, posso em seguida morrer. E para morrer "esquecendo", resolvi beber além do que já bebo, e como vou ficar bebendo algum tempo (porque o tor de notícia lá de cima é insuperável e insuportável), esta crônica e mais algumas serão dedicadas às minhas "Alcoolicas", e vocês terão a chance de ler alguma das mais belas poemas da língua. Boa noite. Até vê na primeira tira.

Esta tira aparece nesta página às segundas-feiras



I

É graxa a vida. Alga de tupa e mortal.
Nela despenco: pedra móvel fonda.
É cruz e dura a vida. Como um aço de vibora.
Cinco-a-se livre da língua.
Tanta, lave-se os antebraços, Vida, lave-me
No estremo pouco
De meu corpo, lave as vigas dos meus, munda vida
Tua unha pincho, meu caxaco "meu"
E perambulando de coturno pela rua.
Rebras, gôças, alus de corpo e copos.
A vida é cruz. Fomeça como o bloco dos corvos.
E pode ser tão generosa e mítica: astro, lágrima
Olho d'água, bebida. A Vida é líquida.

II

Também são cruas e duras as palavras e as caras
Antes de nos sentarmos à mesa, tu e eu, Vida
Dizem do condescendo ouro da bebida. Aos poucos
Vão se fazendo remanescentes, lentilha: f'água, diásmos
Rote os inimigos do passado e do agora. Até pouco
Jóias das senhoras, enchendo de riso, rimadas
De um anaco, um que entrei no seu hálio, amgo
Quando me permitia o paraiso. O anaco das horas
Vai se fazendo tempo de conquista. Langu e sofrimento
Vão se fazendo olvido. Depois detidos, a morte
É um rei que nos visita e nos cobre de surra.
Suspirar: ah, a vida é líquida.

III

Ahura, tira, sube-se, recorta-se
E paizemos as duas, eu e a Vida
No carim da borracha Enbragada
Mergulhamos nidas nos borraçal que vaza.
Que estilha guleira. Que desempregado
Jeralis. Nis duas nos vopex
Lobonlento litras, e a gai-agora
Se transforma em galatin, e é tristalida
A lama, e é extremo o Nada.
Descasco o dissonado cotidiano
E usa me passo de parabolis.
Focentes, catenmas, muito hem-educadas
Aguardamos o típico poema, o copo, a taxa.
Ah, o todo se dignifica quando a vida é líquida.

□ HILDA HILST □

Liquidifica o mundo!



I
E bebendo, Vida, requeimou o solido
O nodoso, a frez-armadilha
De algum rosto sobrio, certa vez
Que se amplia, certo olhar que condena
O nosso olhar gasoso: rodo, bebendo?
E respondemos latas lérias felizes
O lauro das legatimas, o laurino
Das gulbas, bureas, guivatos, drens
E alanto-se de nio e alido de fechada cenha.
Rejubila-se nossas coronárias. Rejubilo-me
Na noite navegada, e rio, rio, e remendo
Meu casaco "vesso" tecido de açucena.
Se dedativo e líquido, a Vida é plena.



Releio Iomaco. O salicrilo. É a estória de um homem que
arrabta uma herança e começa a beber. Mas não é isso,
é ludo! É eu que não recebi nenhuma por esses dias,
semelhante a um. É que querera, que delicia, que es-
tase. À tanderinha (quando o sol já se põe), torrei aquele
encantado-maravilha, aquele doceado, ainda que suzi-
do. Desejo que não é bom beber sozinho. Retorica.
Vou viver, bebo e moro sozinho. Porque vou nunca
saber do verdadeiro nome de ninguém. Todos com suas
meigas, neutras ou duras máscaras... Aquilo ali ama o teu verso?
Mentira, te vê como uma zóndia: ovelha velha, atrezoza teu pelo,
tua II e saca com o dele próprio casaco de inverno... Bebet
segredo é hora, mas quem crie as ludo, porque esses sim, têm a cara
que sim. Focidade e bondade. E tanta ternura. Oitem morria. Cobi-
tando, uma deliciosa cauda. A cada noite, ao meu lado, es-
te ditto modo o que lico bebendo: dala para Célia: "Drink to me,
only, with thine eyes, and I will pledge with mine", e isso quer
dizer: "Bebe comigo apenas com tus olhos, e de peribos dize-er-
tu meus". E aí vão mais três Alroclitas para os amantes da Vida
que é a Poesia. Boa-noite.



II
Te amo, Vida, líquida estória onde me deito
Rond' baba alioça, teu trançado rotado
Salpicado de negro, de doçura e ludo.
Te amo, Líquida, deusendo excedida
Pela viciosa, e assim esquivada

Fomes
Pati
O riso solo
A demadara cética
Bula
Mistéria

Bebendo, Vida, inveno para comido
E um Matz que se agiganta, um Matz
Completando os falo: ro potey na gorgona
Um lírico, uma chama, um exato. Amama.



III
Vem, senhora, estou aí, me dig: Vida.
Enquanto te demoras nos teus eloquentes
Aquelas onde meditas a carne, esta cepa
Que geme sobre a morte, ficam vazios os supos
Fica em repouso a bebida, e tu sabes que via é mais viva
Enquanto escorre. Se te demoras, começa a pensar
Em tudo que se evita, e cavando: como é triste
O poente. E a casa vazia é atarga. Já vê?
Que te fazes hábil na rima e na medida?

Corre. O casaco é o exento gido em seu lugar.
Carminadas e alio, tanto reget as rias
E como dize o Rosa: os olhos nos hionais.
Como tu dizes sempre, as coisas no alardo.

Vem, Liquidifica o mundo



HILDA HILST

Foi atingido?

Com estes três poemas terminam minhas "Alcoólicas". Ao todo foram nove. Quando as escrevi não bebi uma só gota. Algum galão dirá: bebeu milhares. Não. É espero que alguns "rares" tenham compreendido que é de

uma outra embriaguez, de um fervor descomedido, o roteiro volupcioso desses versos. É triste explicar um poema. É inútil também. Um poema não se explica. Te atinge como um soco. E se for perfeito, te alimenta para to-

da a vida. Um soco certamente te abate e se for em cheio, faz cair tua máscara, essa frívola, repugnante, empolada máscara que tentamos manter para não nos assustar. Se pelo menos um poema da poesia foi atingido e

levantou de cara limpa depois de ler minhas esbarradas evidências líricas, escreva, apenas isso: foi atingido. E aí sim vou beber, porque há de ser festa aquilo que na Terra me passou exílio: o ofício de poeta.

I
Mandibulas. Espôndilos. Frente e avesso.
A vida retorta o coturno na calçada.
Essa mata do que viva embriagada.
Bêbados e líncos é que repontam a carne o corpo
Vastidão e cinzas, conceitos e palavras.
Como contém a bêbado grito o inarticulado
A garganta candente, devastada.
Alguns se ofendem. As curvas são paredes. Deitam-me.
A noite é um infinito que se afasta. Fútil. Galáxia.
Líquida e bem-aventurada, subvindo. Eu, e o casaco "rosso".
Que não trechos, mas que a cada noite recrio
Sobre a exp...im.

O casaco "rosso" me abraça. A lá.
Desfazida por mau-trato.
É gasta e rugosa nas axilas.
A frente revela nódos vivos
Irregulares, distintas.
Porque quando arranco os coturnos
Na alvarada, na quando os coloco rápida
Ao crepúsculo, calo sempre de bracos.
A vida é que me põe em pé. E a sede.
E a saliva. A língua procura aquele gesto
Aquele seco dourado, e acaricia os lábios
Babando imbuente no casaco.
É bom e manso o meu casaco "rosso".
As vezes grita: ah, se te lembrasse de mim
Quando profusa. Lavo-me, Hilda.

III
Se um dia te afastares de mim, Vida o que não creio
Porque algumas intensidades têm a parecença da bebida
Bebe por mim paixão e turbulência, caminho
Onde houver azuis e pipocas negras (inventu-as)
Recordo-me, Vida: passaria meu casaco, deita-te
Com aquele que tem mim há de sentir um prolongado vazio.
Empresta-me meu coturno e meu casaco "rosso"; compreenderá
O porquê de buscar conhecimento na embriaguez da via manifesta.
Perga. Deito-te comigo. Aprende a experiência télica:
O êxtase de te deixares comigo. Beba.
Estilhaça a sua própria medida.



«HILDA HILST»

Mais essa!

Seguinte: ouvi na Rádio Bandeirantes e na Rádio Gaúcha que em Pelotas (RS), um bando de criaturas que se autodenominam "Vampiros da Morte", todos contaminados com o vírus HIV, atacam as pessoas na "calada da noite" como diria o abade, e Pelotas está curto-circuitando, tremula de pavor. Sugestão desta modesta articulista: policiais também contaminados com o vírus da Aids para acabar com os vampiros. Gente!!! Tá tudo muito impressionante!!! Socorro!!! O melhor é começar a rezar como um dos personagens de Hemingway: "Ave nada, cheio de nada, nada é conveico" porque a fórmula tradicional não tem dado resultado. E o nada pode ser o caos, e o caos está na ordem do dia.

O Jota me ajuda, as notícias do país e do mundo andam me deixando também muito catóica! Há pulhas demais no mundo e os santos escas-

seiam, há tantos canalhas e tão pouca ternura. O Jota, desenha aí um poeta e sua armadara, um poeta querendo lutar consigo mesmo e com o mundo, um poeta querendo enfrentar bravamente o caos e usá-lo de malícia as palavras escuras, e quem lá dentro do primeiro querendo descansar e repouso "aquele": *in dream, in sleep, no more...*

O Jota desenha aí um poeta devastado na sua casa aberta e um doce e prodigioso amigo ao lado, Mora Fuentes, escritor e epígrafe dos meus relatos: "Intensidade, era apenas isso tudo o que eu sabia fazer." Um poeta e seu amigo, ingênuos, repensando o mundo com nítido estapor. O Jota, me desenha louca, colérica, a boca carminada insultando deuses e poetas, afagando os cães, e mariposas ao redor nos circundando! O Jota, me desenha boba, babando. Me desenha bêbada vociferando aquele lá de cima: *acorda Bicho! O mundo tá acabando!*

*Olhando o meu passivo
Há um louco sobre o muro
Balançando as pernas
Mostra-me o peito emoldado de pétalas
E tem entre as costas um lírio de papéis:
— Procura Deus, senhora! Procura Deus!
E sonheiras de zélor, balança
Dobro-se num salto e desnuda o traseiro.*



□ HILDA HILST □

Me empresta a sua "9 milímetros"?

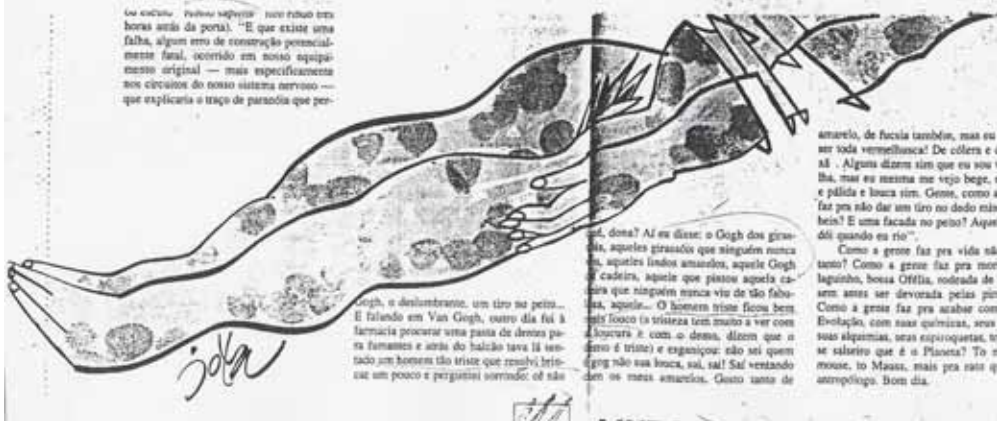
Um dos caras que ensinou aqueles cotidianos mentais lá na Candelária fez uma bela oração. Mulheres, bebidas, xaxi. 56 depois fez aquilo. Continuo católica. Você não? E o tal espermeida humano onde está? Em São Paulo um rapazinho chamado Roberto foi lançado por outros 20 meninos, e pinçadas e canas de ferro. A cabeça voou pelas areias, naturalmente. Arthur Koestler: "Algo saiu errado em algum lugar durante a evolução".

Uma vez disse: o Gogh dos girassóis, aqueles girassóis que ninguém nunca viu, aqueles lindos amarelos, aquele Gogh na cadeira, aquele que pinta aquela coisa que ninguém nunca viu de tão fabulosa, aquela... O homem triste ficou bem, mas fofoco (a tristeza tem muito a ver com a loucura). E com o demônio, dizem que o demônio é triste e enganoso: não sei quem é o Gogh não sua boca, sai, sai! Sai vestindo um pouco e perguntou: o tal

pensa toda nossa história. Os mais inteiros diagnosticadores — os poetas — já não cessaram de nos afirmar que o homem é ruim e sempre foi assim. Mas os antropólogos, os psiquiatras e os estudiosos da evolução não levam os poetas a sério e continuam instáveis diante da evidência que lhes salta aos olhos". Amado Koestler. No fim da vida, muito doente e sem esperanças, matou. A mulher o acompanhou.

Quanta gente impressionante que se mata, não? Virginia Woolf atirou-se no rio.

Em uma pasta de dentes pra clarear? e arranhando os meus olhos, eles estão sobre o amarelo Van Gogh (e nesse pedaço de ri), e porisso ele etc. O homem triste na sua cara loquidinha, pedegabou, pedegabou: que gag? que gag? que co



amarelo, de fúria também, mas eu queria ser toda vermelhusca! De cólera e de guai. Alguns dizem sim que eu sou vermelha, mas eu mesma me vejo bege, e triste e pálida e louca sim. Gente, como a gente faz pra não dar um tiro no dedo mindinho, hein? É uma facada no peito? Aquela "só dói quando eu rio".

Como a gente faz pra vida não doer tanto? Como a gente faz pra morrer no lagoinho, bonca Offília, rodeada de flores, sem antes ser devorada pelas piranhas? Como a gente faz pra acabar com a tal evolução, com suas queixas, seus rubos, suas alquermas, suas espiroquetas, todo esse salteiro que é o Placenta? To mal, to moose, to Maqui, mais pra rir que pra antropólogo. Bom dia.

Tô só

[illegible]

de letras
de horizontais
de diagonais em letras?

e de tirar? que é aquilo de vestir um boné todo amarelado e rodar e rodar,
vamos brincar de apanhar? que é isso de ficar focado e correr e ganhar dos outros
vamos brincar de apanhar? que é isso de ficar focado e correr e ganhar dos outros
e de pensar de amor?

Não é
 não
 morando
 e toda mais sem
 para que seja leve
 não passe
 em voo! Carreiros

vamos brincar de mataria? que é isso de se fechar no mundo da gente e nunca mais ser cronista? Bom dia, leitor. Tô brincando de ilha.



John

HILDA HILST "CASA DO PRAZER"

Se eu escrevesse num outro jornal, um jornal fulero, e não neste querido *Correio Popular*, eu começaria assim esta minha crônica: ah, negada! Prazer não é só o fornicar, não é só cachuça, bunda, carnaval. Prazer não é só futebol, churrasquinho, cerveja e amora. Prazer pode ser Coabitação. Triste é o país cujo maior título do momento responde ao jornalista (quando este lhe pergunta se ele gosta de ler): "Não leio nada." Foi essa a resposta de Rômulo. Triste é o país cujas habitantes são chamadas lá fora de "bundeiras" porque cultuam os traseros. Triste é o país que está sempre de quatro para o Primeiro Mando e não se entrega dobrado, supinado, dando sempre o bumbão. Tris-

tornam-se assassinos e são assassinados. Triste é o país onde se povoa apenas no vídeo, todo "anarfa", "nada vai", "nada fica", a boca vazia, e no Congresso na lideira, litra de suas próprias vaidades, se enunciam, boçalidades.

Ah! Genie... há tanta tristeza e solidão demais dentro de todos nós. E como é bom descobrir dentro de um livro (por exemplo) teu outro eu, escuro ou solar, te dando as mãos! Aquele que escreve, se é um verdadeiro escritor, está inteiro ali, inteiro, e sempre perguntando através de seus personagens: você já sentiu isso como eu? Já sentiu assim tão escuro, tão feroz, tão poço e tão dorido? Sente uma insólita esperança como esse que pensava que tudo se perdia? E se

Você se dizendo dentro outro, um outro que antes não se percebias?

E porque há tanta solidão dentro de nós e tanta vontade de alegria, sugeri o nome de "Casa do Prazer" ao projeto cultural que dois amigos, Walter Amaral e Hilda Marinho, pretendem implantar aqui em Campinas. Sem senhores! Um conceito novo de prazer. Cenas de literatura, música, artes cênicas, artes plásticas. Colaborem com esse esplêndido projeto. Você que está só e algumas vezes se acha em dilatar o significado de sua vida, inscreva-se na "Casa do Prazer". Lá você vai berlimbar com a cabeça, ativar a tua serotonina, informe-se com seu neomelômano, explore os seus meios antes que eles se esgotem, antes que você se torne difusamente o so-

*Ávidos de ter, homens e mulheres
Caminhando pelas ruas. As amigas sandálias
Invadidas de um novo e mais quente
Se debruçam banais, sobre as virgins curvas
Uma pergunta bruta
Enquanto tu caminhas pelas ruas. Te pergunto:
É a entrada?
De ti mesma, de um poder que te foi dado
Alguns coisa clara se fez? Ou porque tudo se perdeu
E que procuras nas virgins curvas, tu mesma,
Potência de ser, tão esquecida?
Tua aventura de ser, tão esquecida?
Por que não tens esse poço de dentro
O incommensurável, um passeio veemente pela vida?
Tua outra rasta. Único. Primeiro. E encantada
— um rosto verdadeiro, desejarias nada.*

tacional. Triste é o país cujas crianças famintas não podem nem sequer pensar em ir à escola, a, drogadas,

saber alguém que se descobre novo!



O arquiteto dessas armadilhas

rico, diz que artista não pode
dinheiro, que quanto mais po-
lhor a obra. Verdade, logo se
A obra fica. E hoje estou acor-
rada quando dizia: "Pouco e
los versos mais tristes esta no-
Também eu. Ai vai:

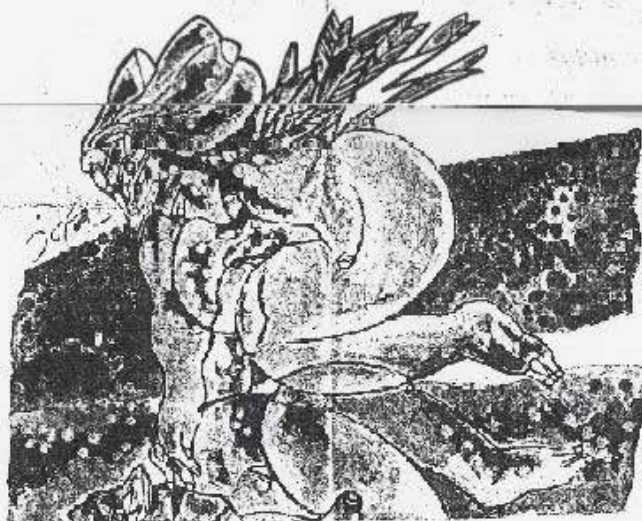
e inveiável. Ando cada vez mais pobre, mais magro e mais visível. Acho que todos nós. Ando mais triste também. Meu amigo Híliss Mariane, cada vez que me ouve dizer três palavras, das suas entumebentes gargalhadas, me emprestou 30 paus o outro dia, e eu fiquei besta quando ele disse sim, porque cem haviam dado não. É difícil alguém ajudar velhinhas pobres e ilustres. Ando procurando um Mecenas, mas acho que só houve aquele, o primeiro. Um amigo meu, muito

CHRONIQUES

CAMPINAS, DOMINGO, 14 DE NOVENO DE 1933

Solte o seu anjo

Vamos continuar vivendo "como se". Como se fosse possível acreditar. Como se fosse possível a esperança. Vamos acreditar no impossível, na reconstrução. E ao invés de invocarmos Parah, o Anjo de Esquecimento, invoquemos nosso alter ego de lá. E precisemos sobreviver. Ainda que Deus seja uma superfície de gelo amorada no riso. Prieza e humorismo. Vamos acreditar como se fosse sempre Tempo de Poesia.

[illegible][illegible][illegible][illegible][illegible]

Se te ouzando algritias e haveres
É para te entastares do meu canto.
Um tempo me guardes
Tempo de dor aqui
Onde o amor foi mor de muitos dias.
Se te ouzando ainda

[illegible][illegible]

DA HILST

Miséria Humana

Gosto, por favor, não quero mais ser gente! Então você se veste, se perfuma, se faz linda, (belica) se entretém, e depois me vê com aquele que é teu homem, teu amado, teu tudo, e o cara te estraninha e te entrega aos curaçãos, e te estraninha tão incoerente que ainda está viva quando a picaretta te arrebenta três vezes! E tá, meu Deus, estarmos vivos!!!

Aí então, afônica, enojada, doente a vários dias por me saber à raça humana pertencente, permitam-me como sempre a poesia o que me faz pensar que estou ainda a uma infima luz, ainda que seja o NADA.

É TEMPO DE PARAR AS CONFIDÊNCIAS

1
Teus segredos, de repente,
Teus gritos
Quem os entende?
E todos os teus ruídos
Teus vícios sem a grunha
Quem os entende?

E foi assim que o poeta
Assombrado com as anafas
Resolvia:
Fazer parte da paisagem
E repensar convivência.
Em vão tinha procurado
A pior das descobertas.
Em vão a língua se moveu
Traçando à toa o segredo.
Em vão nos locomovemos,
Para onde pôs e braço?
Aí quando estas andanças

E aí quando este passo?
Dizem os benéficos
E as religiões da memória
Tão distante a minha infância
Poder, beirar, invenção
E o ouro da minha viagem
Não teve sequer canção.
Crisal do tufilimento
Quando devia ficar
Debaixo das lanças
A semelha das lanças.

Crisal, serei pávora
Qualquer os olhos,
Vestidos de madrugada
Dance dos olhos abertos.
Clavidade, expiração,
Em todo a cor e a vontade
De ver além da distância.

Depois as vias, as crônicas
Alguns falam à toa
Percebidas (vícios)
Gritos tornam-se voz.
Eis os não
Abreanda admissão?

2
O vocabulário se desprende
em longas espigas de aço.
Ajustamos a distância
Porque no tempo presente
Além da carta, e a fama
Agora que se inicia.
Faz parte da paisagem.
E há muito para se ver
Aquilo e além do corpo.
Há pouco para dizer
Quando a alma que é mística
Vê de um lado o que imagina,
Do outro o que não vê.
O uol, a verdade fina
Alguns não parados
No meio da campina.
Vemora a mística, a de ser
Poeta e podendo dizer
Calor o que mais me alia...
Vemora ser a meu mundo

E teperado de das coisas
Das jóias e dos grãos.
Ah, poderias ter sido
Escantado e sétimo

Agora heróis coláquios
Que contra se pariam
As docas falam de alme.

3
As coisas que nos circundam
(Os apertados desiguais)
Conservam em suas realidades
Al, aquela mesma a toa
Pancença.

Difícil é escolher
Entre viver e morrer.
Difícil é o escolher-se
E ao mesmo tempo existir
Rigores que vêm da terra
Larvares que vêm do mar.
Assorta improváveis
Entre Pláto e Pláto.
Entre a verdade e os inferos
Des passos de clareza
Des passos de sacralidade.
Cinismo que me surpreende
Dizendo palavras deuses.
O não dizer é o que inflama
E a hora sem movimento
É que torna o pensamento
Lento
Cariloso
Chama.

Não tenho sido distante
Do falar de quem ama
Amor é calor a toa.
É invenção: o magia.
As palavras engendram
E os seus diários do dia
A não não sem sentido

Quando inquieto a elegia,
E sendo assim continuo
Meu roteiro de silêncio.
Minha vida de poesia.

4
Não te expanso da vontade
Do poeta
Em transmutar-se:
Quero e queria ser boi
Ser flor
Ser paisagem.
Sentir a brisa da tarde
Ofuscar os olhos, ver os tendos

Minha lenda. Bezetos, hantes,
amar o verde, paquer
Nascer junto à terra
(A noite amor as estrelas)
Ter olhos claros, azuis.
Sera o saber ser Lamento
De ser boi, ser flor, paisagem.

Não te expanso. E reserva
Teu sorriso para os homens
Que a todo custo têm de ser
Oradores, eruditos,
Deuses divinos.
Primeiro a carne endurecida.
Quero e queria ser boi
Amor de querer ser flor.

E na plasticidade, no monito
Morrendo sem igual colapso
A sacro e os seus canos
(Ofuscar além do horizonte)
Um pensamento eu teria.
Mas vale a mente vazia.
E sendo boi, ser terra.

Aos que possa parecer
Que do poeta
Ex locura

A vida? Essa monstruosidade de irrealidades

II de antigüedades, de paratos,
nos, de reuixas, y recogidas

igual a esposa, também a própria vida. Você pensa que sua mulher é um amor, sua criança uma graça, no dia seguinte lá lá você com dois cornos e sua criança estrangulando o garoto da vizinha. Dá para entender o ser humano fazendo tudo pra todo mal? Imperfeitando os seus, os reis, os matas, esburacando o café, e só deixando intacto seu ilustre covão.

E aquelas "eficientes" "bombas limpas" que inventaram, tão "eficientes" que destroem toda vida ao redor e deixam intactos os conglomerados de concreto? Dá pra entender a Bósnia? O Brasil? Dá pra entender nossa dívida externa que monta terríveis, mas a grande mal-vergo já pagou mais de 50% (atenção: revisado, é bil milhões, de bilhões).

Dá pra entender um país desesperado com quase 50% de inflação no mês, com gente faminta, hospitais em agonia, quadrilhas matando crianças (mais de 3 mil de 1988 a 1991), depredados roubando bônus, um país que ainda assim "brinca" o carnaval, e o maior teatro do país continua tendo a bunda e a boca?

Claro, riacco, tutto simile è possi-

vel, "ó, não perca as esperanças", como diria o abade, tudo ainda é possível e pode ser surpreendente. Pouco depois beive um homem que fez doze orelhas de porcos uma bolsa de seda? Você não acredita? Então leia: "Em 1925 Arthur Dethon Little, um dos fundadores e diretor da Arthur D. Little Inc., decidiu dar uma contribuição à filosofia americana, desmentando um ditado da sabedoria tradicional que ele sentia ser destituído de legitimidade. O ditado era: "Nada se pode fazer uma bolsa de seda

As reuniões foram indizadas a uma substância algo parecido com o líquido viscoso produzido pelo bicho-da-seda. Depois, os cientistas da Little diluíram essa substância em água, tornando-a gelatinosa em com pequenas quantidades de açúcar... — etc etc etc, por aí vai.

A bolha ficou Linda. Está exposta na Instituição Smithsonian, em Washington. Se você quiser saber como fazê-la está no livro *Centrals das Ideias* da autoria de Paul Dickinson. Editora Melhoramentos.

Agora pergunto: E será que uma bolba de tuda recheada de dólares pode virar um pouco? Tal uma suposição para os químicos... jovens naturalmente. Mas por favor, leitor, não arrastar as orelhas das seus preocupações se precipitar de uma bolba de seda virar uma bolinha para o seu carnaval. Bom dia. Engov pra vósda também.

HILDA HILST

“Um homem e seu carnaval”

Gosto! Que novidade! O presidente e a outra sem cocinho! Que estupor! E ao mesmo tempo que graça! Não é que presidente também sente? Ela pensava que presidente não tem nada nem pena de ninguém. Tá todo fingendo esperando que o mundo se acabe no barranco, para morrer enforcado, como dizia minha falecida cozinheira e amiga Clementina, tá espida, não?

Uma vez, quando eu não é mesmo? E dizem que mineiro come quente, mas desta vez comeu de camarão e aberto aos quatro ventos! Querem saber? Eu adoro o Brasil. E tão frondoso barroco imprevisível louco, tão café, tão nada sério que todo mundo se sente esquisito, mas sem culpa, em sendo brasileiro. É eu que já havia renunciado, aos meus textinhos pornôis, fiquei toda revitalizada ao ver que em idade avançada ainda se tem projetos. E vindo chamar do trigo, tão “ainda” ao lado da modelo, pensei: será que eu, presidente do nada, vice do vazio, eu de quem se diz que sou “velhinha-ilustre” e muito cotundente, será que posso ter a esperança de algum roçólo-modelo, todo desabotoado no parapeito do meu galinheiro? Eu, que tá tãtoe anos não vejo um beijo, um passo, um perna, uma raiz, uma uca, um cambô, eis que posso ter ainda a beatífica visão de



Deus me abandone no meio da orgia entre uma balana e uma egípcia. Estou perdido. Sem olhos, sem boca sem dimensões. As fitas, as cores, os barulhos passam por mim de rápido. Poder poesia.



mas mangas pretas. Estou lívido, gago. Esmurra namoradas riem para mim demonstrando os mopes, os dentes. Impossível perdê-las, sequer esquecê-las.

Deus me abandone no meio do rio. Estou me afogando peixes saltam ondas de éter curvas curvas curvas bandeiras de prêmios pneus silenciosos grandes abraços largos espaços eternamente.

uma viola e rubicunda flauta... Obblíquas, que esperança “do amor” me deu o presidente Itamar! Que País! Que refinamento! Que dengos! Que sutilezas! Tá toda amparada! E que beleza também isso de ficar bêbado em sendo minino, que liberdade, e

que conceito adorável de humildade isso de um minino da justiça ficar bêbado como qualquer um de nós, todos pácia, e que frase escoreita e digna quando a repórter lhe perguntou se ele não teria se excedido: “Você queria que eu

bebesse água benta no carnaval?”. Que gente tão “estadista” essa “gente-onoridade do País!” Que facúndia! Que eloquência! Bom-dia. E agora, leitor, ouso em pô-los minhas magras alminhas. Drummond:

(*) Carlos Drummond de Andrade, título do poema transcrito do livro *Sejo das Almas*.

— PAULO VILST —

Ilusão também enche a boca

Ossada, velha, roendo sempre uma côdea de pão, morando nas esquinas porque tinha pena dos carnos, das queimas, dos vazios, esta que se chama Zéfira, foi um dia fofinhola, uranista, aquela que se equilibra nos arames. Ah, foi exímia, agora metidiga, as pernecas finas, cheias de feridas. Ficava por ali na vila apaziguando bêbados e ranos. Viviam calmosa, em paz com sua fome e suas côdeas. Vezes quando alguém enfiava o arame de uma raaizinha à outra, e riam riu de Zéfira-mendiga-baloçoante e seu guarda-chuva verde-amarelado, salpicado de estrelinhas.

Certa vez apareceu um gordote de colete, cara grossada, pele beixugenta, relógio do ouro dando volta no colene; oi, Zéfira, tô parrodo de prana, a partir do amanhã vai ser casa, rango, e até o fim da tua vi' a vais escher a barriga. Foi andan... e foi falando: a partir do amanhã, Zéfira, me aguarde.

Ela ficou ali a velha, achou até que o cara era deus com aquela pinta de rico, relógio grosso de ouro, o terno azul-ônix e começou a gritar: tô salva, negada, deus passou por aqui! Viva o Brasil! deus passou por aqui e tudo vai me dar! Passaram-se os dias sim, e nada. Sôbito, à tardzinha, o cara ali; foi à Islândia, à África, foi a Manhattan, Zéfira, mas tô aqui de volta... e a partir do amanhã...

A partir do amanhã, o que dói? A partir do amanhã a casa, o rango que eu te prometi, na barriga enrugada vai ficar rumbada e lisa de

tanta comida, agora adeus, tenho muitas querelas para resolver. Me aguarde.

Querelas? Querelas? Perguntava a velha a todos que passavam. Alguém respondeu: discussão, é briga. Ah, então é mesmo deus, pacificando as gentes, bondoso, acariciando urtigas. Passaram-se os dias e nada do gordote-maravilha. Zéfira, antes quieta, agora roía cada vez mais tenas suas duras côdeas. Cada vez mais triste, mais cinzenta, de esperança foi até ficando preta. As pessoas paravam na esquina de Zéfira: o cara já passou? Que nada! respondia esquilida.

Mas uma noite-noitinha, quando a vila dormia, ele voltou: foi à Irlanda, ao Congo, ao Ceilão, importei cem carros do Japão, mas a partir do amanhã...

O que, dói? Já esqueceu?

Não simão! A casa o rango... Pois muito bem, velha Zéfira, toma já por conta do amanhã, esse "hot dog" de dói, disse-lhe o gordote, abrindo a beaguiha. E boa sorte! Zéfira chorou mas engoliu quierzinha o régio presente de nosso-sinhô. E ninguém jamais viu a cara do homem que Zéfira viu.

Na vila-vida brasileira, neste nosso quento mundo, o meu amor, assim como fazem com Zéfira, fazem conosco os líderes do País, os tais doutores.

Morri da estória: Há menos côdeas entre o céu e a terra do que sapão nessa vã filosofia.



▢ HILDA HILST ▢

Galopando insana pela casa

S O.S.! Help! Socorro!
Aiun! Ayuda! Aide!

Tô no poço, no busiro, na
cova ainda não, mas tô por
perno, e tô olhando o meu
retrato aqui na sala, eu aos
26 (todo mundo pergunta quando en-
tra: quem é?) e ao contrário daquele
de Dorian Gray o meu é limbo e mais
pro "Dorian Gray", e eu na carne, ve-
lhíssima, tristíssima, paupérrima,
amarela... Comprei alguma coisa
pinha, não dá de mindinho nor

tores, nesta terra de boas ladrões
eleições presidentes doutores, terra
onde a palavra vale menos que um
gato patifeiro, onde um poema no
jornal só serve para uma eventual es-
currada, onde um livro só é lido se
for de um pulha rábula, ou se for um
guia pra tua melhor tregada.

Mas a verdade é que há este ama-
nhocer, estes ilases orvalhados pela
cara, este porco patético, eu e meu jo-
vem e sóbrio amigo a quem chamo
de Vivo, também ele um poeta, que

acutava professor de biologia, que
me fazia decorar tudo aquilo de an-
fíbios platelmintos nematelmintos ar-
trópodos moluscos moluscoidídeos.
Então comprei meu dedo mindinho,
ou minha rodela, foi sempre casta
nesta escatológica e escura fundura.
Eu comprei o meu abismo de ser e
de ter sido, meu lado compassivo, o
fervoroso de mim que foi perdido,
minha boca aberta (ou comprei
meus dentes, ao menos para sorrir
amarelo), comprei minhas frases
(se as houver) na agonia visceral da
despedida, e se eu nada disser com-
prei o silêncio do poeta, ou minha
pele manchada, água vermelha e
mancha galopando insana pela casa.
Comprei minha mesa, minha terra,
meu lápis, meu socoço claro, meus
poemas primeiros, meus versos der-
radinhos, ah sim, minha garganta pre-
clara, meus rutilantes neurônios, mi-
nhas rugas magras, comprei com-
prei! Tô intermitente à venda, negatô!
Estamos todos à venda, os escri-

tim mesma e a Deus:

Deixa-me tatear tua hilite
Obscuro que estou
de todos os sentidos.

Deixa-me (ao menos) concluir
que esta ilusão de formas
é apenas minha inconclusa
maneira de ocultar-se.

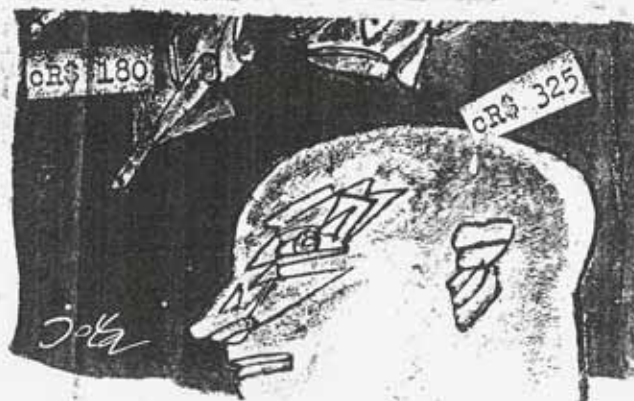
Deixa-me (em sigilo)
beitar a secura do teu corpo
...o abismo de tocar-te.

(Edson Costa Duarte)

P.S. Dialoguêrinho esotérico à
maneira da URV:

Depois disso ela morreu é?
"Não sei ao certo. Mas alguém
teve a liberdade de enterrá-la"
(frase atribuída ao pai de James
Joyce).

E "Gloomy Sunday" pra você
também.



HILDA HILST

Poemas Malditos Gozosos e Devotos

"Pensar Deus é apenas uma certa maneira de pensar o mundo."

(SIMONE WEIL)

I
É rígido e mata
Com um corpo-estaca
Alma mas onífrica.
O sexo é sangue
E histeria.
É sedoso e sem graça
E lamba um esboço
Mantiga na pele
Se tem sede, é lá.
Tem tríplices canções.
Te trespassa o nudo
E chora menino.
Enquanto agoniza.
E vai fêto e pousado.
Alma. Pode ser fino
Como um inglês.
É gemido. Pedra.
Quase sempre ausente.
É Deus.

II
É outro mundo que te quer sentir.
É o outro que sei. O que me resta.
Dizer que vou te conhecer a fundo
Sem as mãos da carne, os depois.
Me parece a mim mesma prometida.
Sentirei da alma? Sim. Podem ser proli-
giosos.
Mas tu sabes de delícia da carne
Das entranças que levantam. De saques.
Do limbo das hastes. Das emendas.
Vão como fôfo pequena e tão pouco in-
ventiva?
Haste. Carota. São palavras rítmicas. Mas
sangram
Se fôrta de carne.
Dizes que o humano desejo
Não se percebe ao fundo. Sim, meu Senhor.
Te percebo. Mas deixa-me amar a ti, se-
te certo.
Como te entrego
De uma mulher que só sabe o homem.

III
Poderia ao menos tocar
As ataduras da tua boca?
Pouco de lábio humilhante
Com que saídas
Os que te pedem palavras?
Poderia através
Sentir teu dentes?
Tocar-te o marfim
E o fio da saliva
O molhado que mata e ressurta?
Me permitirias te sentir a língua
Essa peça que ainda nosso nosso
E fere rubra
Nosso humanas delicadas espessuras?
Poderia ao menos tocar
Uma fibra desses lábios
Com repetidos cuidados
Abriu
Apenas um espaço, um grão de milho
Para te aspirar?
Poderia, meu Deus, me aproximar?
Tu, na montanha.
Eu no meu sonho de estar
No resíduo das tuas seções.

IV
Atada a múltiplos cordões
Vou cavilhando tua coroa.
Palmas feridas, vou contornando
Penas de gelo, luas de espelho
E degrida, tuas emolduras.
Busco tua boca de velas
Adentro-me nas emboscadas.
Vai-te buscar os meios.
Te fêchis, tua de sombras
Meu Deus, te aguardas.

A quem se procura, calas.
A mim que pergunto, escondes.
Tua casa e tuas estradas.
Depois tristes. Corpo de amansa
E amansa
E buscas
A quem nunca se procura.



V
Sobem-me as águas. Sobem-me as fúrias.
Furtas me sobem dor e palavras.
De vidros, nozes, de rodadas, me sobem dores
Tão variis, tão carmentes.

Por que te fizas amigo, se nunca te de-
moras?
Na terra que preparei, não nas saídas
Da casa? Me vê e me pensa caga?
Al, não. Não me pensa. Eu sim, tuas nozes

Que caminhadas? Que saqueamentos de
passos?
Que cegueira prendendo
Seguir um próprio caminho. Olha-me a
mim.
Antes que eu me de águas, apóia do
que reveras.

SOLUÇÕES

Ai, João, que saudade!

Am não amo, no colégio Santa Marcelina, eu chorava demais com a história de Jesus crucificado, nunca entendia isso de Pai ter mandado o Filho pra morrer na cruz e nos salvar. Eu pensava, credo, que pai? e depois podia desculpar pai, não entendia, Hei, velho, também não entendendo nem acredito nisso. Como é que um Pai, ainda que seja um deus, pode mandar um filho pra morrer na cruz. Deixa ser tudo metafísico, deve ser um grande engano! a espécie humana é que é totalmente ignorante e ainda para não sair! nunca entendi, a sério nem nunca entendi a sério de não entender! chorava também com a história das penas e



Nilda Rinal, escritora, escreve aos domingos nesta página

das demônios de Gênesis. Eu dizia pra minha: porque dos por-mundos os demônios embora? e a história das cabras? Jesus disse: afamaram de mim, o fogo eterno, mas, irmão, porque Ele não saiu as cabras, custando das cabras? e o fogo eterno deve ser horrível. Ele não pode ter falado isso! a fúria humana se com meu choro porque eu ficava até com febre de tanta pena dos bichos. Mas, irmão, de encontrar alguém que também se sentia com todas essas coisas. A conta da fúria que foi amaldiçoada por Jesus e se tornou na pena porque não tinha tra-

ção! Russell diz: "esta é uma espécie muito curiosa pois aquela não era a criação dos fígos, e realmente não se podia chamar a sereno". E tudo isso do fogo eterno é de uma crueldade sem nome! Como é que um deus, inquieto, onisciente e portador de todos os segredos que adviriam dessa idéia de criar a espécie humana, pôde criá-la? E aquilo tudo, "aquele" quando se pergunta "de onde vem o mal" — A resposta é sempre uma grande legada metafísica. Gente! Por favor, é melhor tentar entender de novo! E, Jesus, fez essas coisas que ficam nos repertórios para nos salvar. E aquele deus do sempre apertando de incipiente no meio das nuvens e do fogo, a voz tonitruante, não crenças sempre substituídas com Ele

antes da gente, velhosos, barbudos com a barba na cabeça os enfim com alguns pais na mão! Eu sinto de tudo de Jesus, se deus lá em casa vezesquendo, quando eu era moço e linda e por isso deus também.

É que tal pensar um pouco? Eis aqui um bom trecho de Bertrand Russell.

"Acha-se, ócio, que, se vos fossem concedidas omnipotência e onisciência, além de milhões de anos para que podessem aperfeiçoar o vosso mundo, não teríeis podido produzir nada melhor do que a Ku-Klux-Klan ou os fascistas? Ademais, se aceitais as leis ordinárias da ciência, temis de supor que não só a vida humana como a vida em geral seria piora se ex-

tinguísse em seu devido curso: isso constitui uma fase da decadência do sistema solar. Em certa fase de decadência, terremotos a respeito de condições de temperatura, etc., adequadas ao protoplasma, e haverá vida, durante breve tempo, na vida do sistema solar. Poderia ser na fase a respeito de coisa a que a terra tenha algo morto, frio e inanimado.

Dizem-me que tal opinião é depressiva e, de vez, há pessoas que não conseguem que, se acreditassem nisso, não poderiam continuar vivendo. Não acreditais nisso, pois que não passa de uma tolice. Na verdade, ninguém se preocupa muito com o que irá acontecer daqui a milhões de anos."

Bon missa.

HILDA HILST

Pausa para a beleza

Danse da selvageria, do pá-nico, da desorientação só esta resta a poesia. Araripe Coutinho, carioca, radicado em Aracaju/Sergipe, 25 anos, tão jovem, mas poeta maior dilata de significados o meu dia. Leiam-no.

Águas
Que as águas
se devolvam
o ódio e a prece
a caracça do tempo
sob os olhos

Que as águas
se devolvam
o fel e o resto

este espaço vazio
estes tudos

Que as águas
se devolvam

es apenas
mudo.

De Anjos e deuses

De unjos e deuses
foram fríos meus cascos
e assim me desdobrei
vasto e sonolento

e os cacos dos teus déculs
candeleiros no jardim
onde begônias adormecem só
De salões e rastros
o destino e a vaga
o poeta conhece o asco
o assombro o torpor
e viaja por um trem de sombras
anêmonas vertigens
e não se cansa da coreografia
O casco se mutila
e nem é mais preciso
vishos cereja poesia.
O poeta apenas passa.

Traz o teu deserto
Traz o teu deserto para dentro de mim
E assim possuímos terras. Vastos
Campos sem flores nem destinos
Caminhos nem passado nem janelas
Que nos renovem o pecado de amar
As mesmas costelas largas e
sublimadas.

Traz o indesejável
Aquilo que já não ohas
(nem consolas)
Traz um chamado
De vísceras de abandono
Um deserto de infância
De infinitos. E enquanto
Eu engulo o teu deserto
Leva meu grito.

Hilda Hilst escreve às segundas-feiras nesta página



Araripe Coutinho, 25 anos, poeta carioca radicado em Aracaju

HILDA HILST POESIA SEMPRE

(Andante tranquilo)

Ainda é cedo, Ricardo, para o tempo que dizes
Da velhice. Não que sejas menino. Não o és.

Mas na noite flutuas pela casa dissipado em meiguice
Que a mulher vê no homem o menino que é.

Sei do teu riso extremo insinuando

A ferocidade da tua meninice. E pensas porque te amo

Que esqueci a arena ensolarada de outros dias

O rio coalhado de anzóis, a matança das aves

No sol do meio-dia.

Vê, Ricardo, se me foi dado cantar tua brandura,

E porque aquele que tu foste um dia, sendo feroz

Ainou. Talvez por isso é que eu te amo agora.

II

(Poco più animato)

Que te alegres de mim, Ricardo. Que a clareza do verso
Não te saia à fatuidade e tola singeleza. Posso, para te celebrar,
Ser teceê de um dia. E se o verso nasceu enquanto a mão tecia
É porque a cadência do tear trouxe de volta ao peito
Meu mundo amável de reminiscência.

Tive uma rua clara e à vontade gentil de descobrir o mar.

E se o ombro apenas começava um movimento rítmico de asa

Eu era navegante e navegava. Que te alegres de mim.

Entardeci possuída de infância.

III

Sendo tu amor, irmão, contigo te pareces.

Em ti me desседento e contigo me aplaco.

Esta larga vertente se parece à água

Do teu amor em mim, onde um dia feneço

Porque também fenece a flor apaziguada

Essa que não nasceu para ter alimento

Antes para morrer do amor desmemoriada.

E se tudo me dá, num sopro em anoiço.

Eu sempre serei terra. E tomando a semente

Tomo para mim uma tarefa inteira.

A de guardar um tempo, o todo que recebe

E livrá-lo depois de um jogo permanente.

Outros te guardam. Não eu que só pretendo

Libertar na alegria o coração e a mente.

IV

Lê Camilo para mim pausadamente.

Ressuscitei memórias na manha de ventos

E abrasei-me de um sol sem arvoredos.

Vi mulheres e aves e a mim mesma revi

Ave-mulher, passeio adolescente

De umas manhãs iguais e mais amigas.

À tarde viajei nas artérias do tempo

E para não arder pensei palavras novas

E repeti meu verso mais ameno.

Foi tão longo o teu dia. Tão escura

A visão de mim mesma. Lê. Sereno.



19/6/94

「HILDA HILST」

IN DOG WE TRUST ou Mundo-cão do truste

inha vontade é a de colocar cada vez mais poesia neste meu espaço, para encher de beleza e de justa ferocidade o coração do outro, do outro que é você, leitor. Porque tudo o que me vem às mãos através dos jornais, tudo o que me vem aos olhos através da televisão, tudo o que me vem aos ouvidos — através do rádio é tão pré-apocalíptico, tão pútrido, tão devastador, que fico me perguntando: porque ainda insistimos em colocar palavras na página em branco?

Alguns amigos venezuelanos telefonam: você anda tão amargado trinta... Pois bem, vejamos as notícias recentes: no Rio (e dizem que ainda continua lindo...) esquadrões de extermínio são contratados (por quem?) para matar sistematicamente prostitutas, dozeis mentais, mendigos e supostos ladrões meninos e adolescentes. Ouvi esta notícia na CBN, e madrugada. A miséria grassa adúlada, a crueldade também, os homens políticos continuam com suas meretrices, um dizendo ingenuamente que com uma só "penada" vai dar terra a todos, outro comendo buchada de bode mas ucratando "tripe à la made" e um dia desses disse que se saiu bem com a "dívida externa", quando qualquer um bem informado sabe que nunca nos saímos bem com a nossa dívida externa, porque (devo ritar novamente os especialistas) "O FMI foi criado para institucionalizar o predomínio financeiro de Wall Street sobre o planeta inteiro, quando em fim da Segunda Guerra o dólar inaugurou sua hegemonia (como moeda internacional. Nunca foi infiel um ano)".

A esperança para os países da América Latina é e será sempre uma grande ilusão, porque no "mundo dos grandes negócios" só poltras e vilões é que se saem bem, e a América Latina é e será sempre um "grande negócio" para todos os do "Primeiro Mundo". Enquanto não forem feitas reformas políticas e econômicas essenciais e principalmente, leitor, um ardente coração, um dilatar-se da alma do Homem, tudo ficará como está. Podem me chamar de louca, de fantasista, de ging-giang, de utopista, de ingênua, chamem do que quiserem, até de... Não sei se você sabem, mas "Puta" foi uma grande deusa da mitologia grega. Vem do verbo "putar" que quer dizer pôlar, pôr em ordem, pensar. Era a deusa que presidia à podadura. Só depois é que a palavra degenerou na propriamente dita, e em "deputado", "putativo", etc. Se eu, de alguma forma com os meus textos, ando criando vozes ilusões, é para fazer nascer em ti, leitor, o ato de pensar. Não vou deitar, não. Sou apenas poeta. Mas o poeta é aquele que é quase profeta.

Olhando o meu passado
Há um Inco sobre o muro
Baluçando os pés.
Mostra-me o peito estufado de pês
E tem entre as costas um lixo de papéis.

— Procura Deus, senhores? Procura Deus?

É sintético de zelim, baluçante.
Deba-se num saio e desnuda o traseiro.

É há indivíduos e povos iludidos que ainda acreditam que o traseiro do louco possa ser o retrato do divino. "Vou lá", iludidos de cegos e de muiçucas. Bom domingo, fufus.



□ HILDA HILST □

Que O mantenham vivo.(I)

"Pensar Deus, amar Deus, é apenas uma certa maneira de pensar o mundo"
Simone Weil

As aves eram brancas e corriam na brecura das lajes.

As aves eram tantas e sabiam do seu

Engulir e vorazes consumiam

Os corpos que eram aves menos ágeis.

E as garras assombradas dividiam

As espessuras ínfimas da carne.

Na plumagem umas gotas de sangue

Dos corpos devorados se estendia.

Mas da vida e do sangue não sabiam

As aves que eram tantas sobre as lajes.

O ritual sincopado das gargantas

Tinha o ruído oco de umas águas

Ditadas bem de leve em algum cântico.
Todo o espaço se enchia desse canto
E atraía umas aves, outras tantas.

A face do meu Deus iluminou-se,
E sendo Um só, é múltiplo Seu rosto.
É uno em seus opostos, água e fogo

Têm a mesma matriz nosso rosto.
Alegrou-Se meu Deus!
Dessa morte que é vida, Se contenta.



□ HILDA HILST □

Ôô Ligadona em Deus (sorry)



II

Se te ganhasse, meu Deus, minh'alma se esvaziaria?
Se a mim me aconteceu com os homens, por que não com Deus?
De início as lavas do desejo, e rosnados no peito.
E aos poucos lassidão, um desgosto de beijos, um esfriar-se
Um pedir que se fosse, farta de carícias.
Se te ganhasse, que coisas ainda desejaria minh'alma
Se ficasses? Que luz seria em mim mais luminosa?
Que negrume mais negro?
Não haveria mais nem sedução, nem ânsias.
E partirias. Eu vazia de ti porque tão cheia.
Tu, em abundância do sentir humano, de novo dormirias.

CORREIO POPULAR

CEDOC

PASTA:

HILST, HILDA

CORREIO POPULAR

20 NOV 1994

□ HILDA HILST □

Tá com pressa?

Um dia repensei um certo relógio sem ponteiros. Havia ali uma frase: "É mais tarde do que supões".

E escrevi estes poemas:

I

Corroendo
As grandes escadas
Da minha alma.
Água. Como te chamas?
Tempo.

Vívda antes
Revestida de laca
Minha alma tosca
Se desfazendo.
Como te chamas?
Tempo.

Águas corroendo
Caras, coração
Todas as cordas do sentimento.
Como te chamas?
Tempo.

Irreconhecível
Me procuro lenta
Nos teus escuros.
Como te chamas, breu?
Tempo, criatura.

II

Passará
Tem passado
Passa com a sua fina faca.

Tem nome de ninguém.
Não faz ruído. Não fala.
Mas passa com a sua fina faca.

Fecha feridas. É unguento.
Mas pode abrir a tua mágoa
Com sua fina faca.

Estanca ventura e voz.
Silêncio e desventura.
Imóvel
Garrote
Algoz

No corpo da tua água passará
Tem passado
Passa com a sua fina faca.

□□□

P.S. não fica assim, benzinho, a vida é assim mesmo. Boa-noite.

CORREIO POPULAR

CEDOC

PASTA:

HILST, HILDA

CORREIO POPULAR

27 NOV 1994

□ HILDA HILST □ *Domingo à tarde*

O homem ficou olhando a mulher, as crianças. Olhou o quintal, o cachorro. Ficou com pena de tudo. De si mesmo, também. E se eu largasse tudo agora, saísse de mansinho, madrugada, sacola, escova de dente pra que? Uma hora cai tudo mesmo, pra que? pra que? Eu ia saindo, ia andando e em algum lugar encontraria alguma coisa. O que? Um brilho, um sapo, a pena de um grande pássaro, um diamante. Ahhhhhh! um diamante seria ótimo, ficaria rico, um diamante de vinte quilates... bem, aí sim largaria a mulher de qualquer jeito, de qualquer jeito não, dava muita grana para ela, e teria muitas mulheres... dez, vinte, muitas, e daí... daí ia ficar tudo chato outra vez, algumas anunciariam gravidez só para me assustar e me tomar algum bem, problemas, mas haveria tantos novos prazeres... comer fundos de alcachofras por exemplo, faisões, aqueles lindos (coitadinhos!), fiofós de canário, trufas, ostras, tordos, me empanturrar de tudo o que ainda não comi. Tudo bem. Empaturrei. Comprar umas cuecas de seda, uma suecas também, não cuecas suecas, suecas mulheres, isso isso, enormes lindonas clarinhas... Ah, jogar golf com gente bem humorada e briãca, *bloody merry* manhazinha, aquele lindo uísque à tardzinha, depois de novo xerécas cuecas suecas, depois a-

agora aliás), todo mundo me puxando o saco, uns cultos pernósticos pobretões aparecendo, uns coitados de uns músicos pintores poetas, toda essa caterva me pedindo patrocínio... e eu lá fazendo o fino...

Heitorrrrrr!
que foi, benzinho?
credo, cê tá meio bobo, olhando o vazio!
é mesmo é?
tava pensando no que?
nada não, Lazinha
tô achando você esquisito...
é mesmo é?
não tá doente não? deixa ver, tá com febre não?
essa roupa é nova, Lazinha?
gostou, bem?
cê não pára de comprar, né, Lazinha?
a gente precisa se distrair um pouco!

Olhou para a mulher. Um dia foi gostosa. Foi sempre meio diminuída, mas sim, era muito gostosa. Agora tristonha, um pouco curvada, varicosa, meu Deus, coitadinha da Lazinha! Ficou desse jeito coitada!

E começou a chorar.
que foi, Heitor? que foi? tá doente sim!
nada não, meu bem, é que você tá tão bonita... e o vestido é lindo sim, Lazinha... você também.

P.S. Bom dia. Nada de ilusões, negão. Não

□ HILDA HILST □

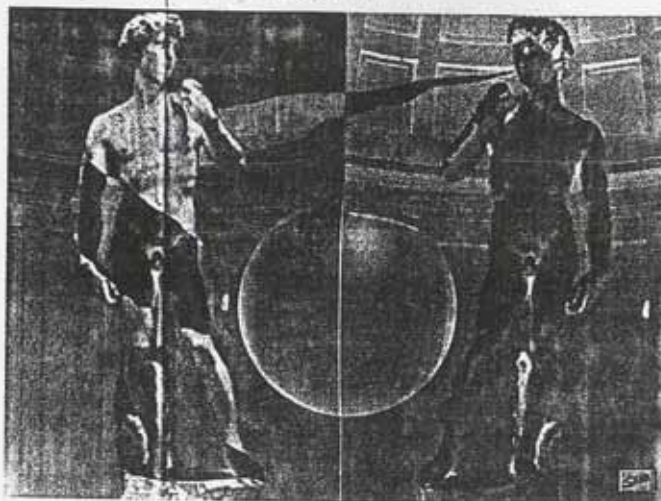
*Ode descontínua e remota para flauta e oboé.
De Ariana para Dionísio*

I

É bom que seja assim, Dionísio, que não venhas.
Vas e vens apenas
das coisas do lá fora
E sorinha supor
Que se estivessem dentro
Essa voz importante e esse vento
Das ramagens de fora
Eu jamais ouvira. Ateno
Meu ouvido escutaria
O sumo do teu canto. Que não venhas, Dionísio.
Porque é melhor sonhar tua rudeza
E sofrer reconquista a cada noite
Pensando: amanhã sim, virá.
E o tempo de amanhã será riqueza:
A cada noite, eu Ariana, preparando
Aroma e corpo. E o verso a cada noite
Se fazendo de tu: sábia ausência.

II

Porque tu sabes que é de poesia
Minha vida secreta. Tu sabes, Dionísio,
Que a teu lado te amando
Antes de ser mulher sou inteira poeta.
É que o teu corpo existe porque o meu
Sempre existiu cantando. Meu corpo, Dionísio,
É que move o grande corpo teu
Ainda que tu me vejas extrema e replicante
Quando unashete e me dizes adeus



CORREIO POPULAR
CEDOC

PASTA: *Hilst, Hilda*

CORREIO POPULAR

18 DEZ 1994

□ HILDA HILST □

Ode descontínua e remota para flauta e oboé De Ariana para Dionísio

III

A minha Casa é guardiã do meu corpo
E protetora de todas minhas ardências.
E transmuta em palavra
Paixão e veemência
E minha boca se faz fonte de prata
Ainda que eu grite à Casa que só existo
Para sorver a água da tua boca.
A minha Casa, Dionísio, te lamenta
E manda que eu te pergunte assim de frente:
A uma mulher que canta ensolarada
E que é sonora, múltipla, argonauta
Por que recusas amor e permanência?

V

Quando Beatriz e Caiana te perguntarem, Dionísio,
Se me amas, podes dizer que não. Pouco me importa
Ser nada à tua volta, sombra, coisa esgarçada
No entendimento de tua mãe e irmã. A mim me importa
O que dizes deitado, ao meu ouvido
E o que tu dizes nem pode ser cantado
Porque é palavra de luta e despodor.
E no meu verso se faria injúria
E no meu quarto se faz verbo de amor.

IV

Porque te amo
Deverias ao menos te deter
Um instante
Como as pessoas fazem
Quando vêm a petúnia
Ou a chuva de granizo.
Porque te amo
Deveria a teus olhos parecer
Uma outra Ariana
Não essa que te louva
A cada verso
Mas outra
Reverso de sua própria placidez.
Escudo e crueldade a cada gesto.
Porque te amo, Dionísio,
É que me faço assim tão simultânea
Madura, adolescente
E por isso talvez
Te aborreças de mim.

CORREIO POPULAR

CEDOC

PASTA:

Hilist, Hilda

CORREIO POPULAR

12 JUL 1995

Poesia sempre

I

Ama-me. É tempo
ainda.
Interroga-me.
E eu te direi que o nosso
tempo é agora.
Esplêndida avidez,
vasta ventura
Porque é mais vasto
o sonho que elabora

Há tanto tempo sua
própria tessitura.

Ama-me. Embora
eu te pareça
Demasiado intensa. E
de aspereza



Hilda Hilist,
escritora, escreve
aos domingos
nesta página

E transitória se tu
me repensas.

II

Se refazer o tempo,
a mim,
me fosse dado
Faria do meu rosto de
pará bola
Rede de mel, ofício
de magia

E naquela encantada
livraria.
Onde os raros amigos me
sorriam
Onde a meus olhos eras

torre e trigo

Meu todo corajoso de Poesia
Te tomava. Aventurança, amigo,
Tão extremada e larga

E amavio contente o amor
teria sido.

III

Nós dois passamos. E os amigos
E toda minha seiva, meu suplício
De jamais te ver, teu desamor
também

Há de passar. Sou apenas poeta

E tu, lícido, fazedor da palavra,

Inconsentido, nítido

Nós dois passamos porque
assim é sempre.
E singular e raro este tempo
inventivo
Circundando a palavra. Trevo
escuro

Desmemoriado, coincido e
ardente
No meu tempo de vida tão maduro

IV

Foi Julho sim. E nunca mais esqueço.
O ouro em mim, a palavra
Irisada na minha boca

A urgência de me dizer
em amor
Tatuada de memória e confiança.
Setembro em enorme silêncio
Distancia meu rosto. Te pergunto:
De Julho em mim ainda
te lembras?

Disseram-me os amigos
que Saturno
Se refaz este ano. E é tigre
E é verdugo. E que os amantes

Pensativos, glaciais
Ficarão surdos ao canto comovido.
E em sendo assim, amor,
De que me adianta a mim, te dizer
mais?

CORREIO POPULAR

CEDOC

PASTA:

Hilst, Hilda

CORREIO POPULAR

20 JUL 1995

HILDA HILST

À Mirella Pinotti In Memoriam

Mirella, minha amiga-menina
Pequena pastora das manhãs de riso.
Guardo-te cheia de luz
Dourada de doçura
Nas minhas manhãs de dentro
Essas escuras, essas Nunca Mais
Pequena pastora.

E o sol de hoje do lá fora
E os verdes de um sem-fim de horas
E tua fronte de seda e maravilha
Agora machucada e tão finita.

Guardo-te nova e livre de um tempo que vira:
Um de sombras e lutas, ferroso e de granito
Tempo de homens, pastora.
Um tempo-grito, um só tempo de feras.

Por isso, de tua viagem, nunca mais vou chorar.
Livre da Terra, entre os braços
De alguns deuses-meninos
Minha amiga-menina no sempre há de ficar.
Como era o sorriso na tua boca.
E como é dos amantes

A quimera louca, essa quimera do NUNCA SEPARAR.

ANEXO III

Originais, manuscritos e datiloscritos, das crônicas de Hilda Hilst

[reprodução de documentos coletados no *Fundo Hilda Hilst*, mantido pelo Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE-IEL-Unicamp]

Decola ou Degola ^{XXII}
 do *Talento* ^{de} *Plantier*

daqui a dois dias é o dia 14 de julho. eu fui qualquer um na revolução francesa, posso ter sido até aquele velho leão que sobreviveu ao terror, mas era o tuado escarnecido e cuspido só porque era o "rei dos animais", "oriatura da realeza". Ficou só pele e osso e chisio de barna e ~~de~~ feridas, mas ficou vivo. Como não ter sido esse leão, tenho muito a ver com bicho, mas aí eu não teria essa mancha vermelha na minha nuca, mancha de nascença, e às vezes penso que deve ter sido a marca daquilo, a "machine" do doutor Guillotin, "invenção que conjugasse horror repressivo e eficácia indolor" segundo recomendação de Marat. Outra coisa: por algum motivo minha mãe sabia a data em que fui concebida: dia 14 de julho. e mais: sempre tive verdadeiro pânico de ler sobre a revolução francesa. Sempre acabava lendo ~~de~~ ^{de} ~~para~~, e ficava gelada e tremia nas lãs. ~~Me~~ ^{Eu} certamente não fui a rainha, nem Robespierre nem Danton nem Camille Desmoulins porque há ~~eu~~ ^{eu} tenho um livro notável, ~~supostamente~~ "Eu sou Camille Desmoulins", escrito por Hermínio C. Miranda e o jornalista Luciano dos Anjos. Este último submeteu-se a várias sessões de regressão de memória realizadas por Hermínio e o resultado foi espantoso: a vida inteira de Camille Desmoulins nos seus mínimos detalhes. Eu tenho certeza da vida depois da morte, não me perguntem porque, ~~apria~~ ^{apria} ~~proprio~~ ^{proprio} e ~~indefinida~~ ^{indefinida}, mas sei que ela existe. E também não me importo com aquele sorriso alvar, meio abetado dos netidos a doutores ("livrai-me, Senhor, dos abetados e dos atoleirados") mas a física do futuro daqui a alguns anos será toda virada do avesso e dimensões desconhecidas e invisíveis (e nem por isso menos reais) para nós, não de se fazer nítidas e matematicamente rigorosas e belas. Se voce desconfiar, leitor, que foi o leão, ~~aquele~~ ^{aquele} lá de cima, ou um valete do rei ou um ex-ministro ou um João-ninguém e tiver ~~o~~ ^o pânico-fascínio semelhante ao meu, procure encontrar o livro "Eu sou Camille Desmoulins: a revolução francesa revelada por um dos seus líderes / Hermínio Correa de Miranda e Luciano dos Anjos - ~~Arte & Cultura~~ ^{Arte & Cultura}, 1983. Já pensei que aventura essa de viver infinitas vidas e que a Vida é sim uma delirante ideia criativa e por isso ninguém pode nunca definitivamente morrer? O Poeta é sempre um profeta. ~~Então~~ ^{Então} Há muito ou me disse: Em direção a muitas vidas
 Muitas mortes
 Meu cantinho de agora.

Caixa Postal
 100.285
 24.001 - Niterói
 Rio de Janeiro

PS -

"A única propriedade é a existência, e é preciso comer a qq [qualquer] custo."
 Hebert

Original, datiloscrito com correções manuscritas, da crônica *Decola ou degola*. Trata-se de texto inédito em livro. Chama-nos atenção o *post scriptum* onde se pode ler a citação de Hebert: "A minha propriedade é a existência, e é preciso comer a qq [qualquer] custo".

Bate-papo com o Chefe.

Flora
Hist

Norbert Wiener (informe-se), aos oito anos de idade, já era considerado um gênio, e lia às escondidas os ensaios que os psicólogos escreviam a seu respeito. Aos 16 era doutor em Ciências, e aos 20 redigiu sozinho uma enciclopédia de 35 volumes. ~~Nasceu~~ Nasceu no século vinte e morreu em meados de 1970. Pois bem. Tenho certeza que ele, criança, nunca teve a audiência que esse menino bobo tem, esse tal de Jordi, cantando gugú dadá babá, e tirando meléca do nariz e grudando a meléca na mesa. Que é isso, gente? Que é isso? É um boi peidando? É um fiofó parindo um fedelho lindo? É um peru romando? E quem ^{pode} se eu, também, não posso ter um dia uma audiência régia? Vamo vê a véia escrevé? Vamo vê a véia pitá? Vamo vê a véia bebê? Vamo vê a véia morrá de tanto se espantá? E eu com uma espingarda de prata atirando nos que me roubam palavras, eu velhissima claudicando e dando bengaladas, eu armada até os dentes, amarga amarga, eu maga, dialogando com o Louco lá de cima: tá puxando um ronco, Meu? to sim, por que? não tá ouvindo nada, não? uns urros uns uivos uns berros uns gemidos é aqui da Terra, o Cara Escuro, é gente sofrendo é ainda a Bonnia, é? tã mais é preocupado com os textos de Boscovich que tã por lá. é do Brasil, dotô, que eu tô falando, lembra? aquele do céu de anil? esse! esse! aquele das bundas, da bola, da ladroeira, da coca, do Collor? o Collor já caiu caiu, é? aquele bonitão? beleza é bobagem, né Alteza? nem sempre, filha, nem sempre Vinicius tá por aí? passou por mim, agora ^{já} por lá por lá onde? no mundo da Poesia, das verdades eternas, e isso não é comigo é não? E aí o Cara Escuro começou a rugir, fez alguns gestos crispados no nada, de pardo ficou rosa, depois escarlate, e ouvi algumas frases emboladas, outras empoladas, ouvi principalmente soltas palavras: "cortex" "asneira" "hipotálamo" "mitocôndrias" "livre arbitrio o baralho" "esquizofisiologia" "babá gugú dadá"... e então fiquei besta vendo o Rubicundo cair babando na sua cênta. As últimas palavras foram: Brasil, é? E jura de novo!

Original, datiloscrito e manuscrito, da crônica *Bate-papo com o chefe*. Texto inédito em livro. Assinado, sem data.

to da crônica *Banqueiros, Editores & Pinicos*, publicada no *Correio Popular* em 08/mar/1993.

Quelle aufgef. 79c
Neu ab. 210 S. 27. 1/2

Reg. Bataille
 25 de Julho/93
 Deixou de ser mico?
 Expedindo ajuda?
 disse
 o seu próprio
 corpo e diante
 de sua perplexa
 não-jinha:

e se eu ficar lédica ^{pastosa}, permissiva e sonora
 casta e contudente e não dizer mais nada congruente,
 se eu ficar enrolando pelas ruas, ^{espiroando}, se eu
 levantar ^{levemente} enquanto tu flutuas sobre o meu tex-
 to, se eu disser que nos cinco anos aquela prodigiosa
 Simone Weil ^(informe-se) sentindo frio depois do
 do próprio corpo
 banco disse ^{à sua perplexa anezinha}: "tu tremes, car-
 caça?" o que tu sentirias? o que é o insolito, o impos-
 derável, o horrível? o que é ser feito de carne, hen,
 gente? o que quer dizer coisa, pensar ^{acontecer}?
 como é o teu tempo? o que é tempo? e antes e depois?
 é obscuro dizer ^{o salário mínimo}, e salário mínimo, também? e frut-
 a? e boca? e fome? ^{e fora da cena} é obscuro
 dizer ^{o velho disforme} e velho disforme, varugoso e ainda ser?
 e ser uma jovem mula acariciante é ser o quê? e se
 dividir ^{o país em 21 países} e contratasse um
 milhão de japoneses tudo aqui não ia ^{em escanteio} crescer?
 Ainda mais ^{em terremotos}... ^{que vale}
 está o que é isso de sonhar escombros como parece
 ser o sonho de todos os ministros, e chupar o dedo
 do pé das banqueiras como se acontecer ^{de} múltiplos
 políticos, o que é isso, hen, de não ser? o que é isso
 que tá acontecendo que mandam a gente esquecer tudo? o
 que ^{peço} escreveu de bonito? será o benedito? ^{de} oh,
 benedito, eu gosto ^{do teu benedito} e o que será
 é isso triste de ter de morrer... É matar então, que
 descabido não ter cabimento, o que é? vem de cabide
 e lamento? ^{o fructo do} e o Homem ficou melhor porque ^{le} ortodoxamente começou
 meio e fim de sua própria história? e ^{o termo} terno,
 gravata, ^{dollar}, deixou de ser ^{o termo} e o atomo,
 a Bomba, a ^{Dómipt} e Infinito...
 o que é ^{Infinito} que é estar vivo? você sabe que o
 morto ferveilha?

Descum e ao, gluu
 ponto forte, a hille.
 É o que y oce, ponto
 forte?

Primeira versão da crônica *Deixou de ser mico?*, com várias modificações. Podemos ver o título rasurado *Expedindo ajuda?*, e ao lado o título definitivo. Um aspecto curioso nas correções é a enumeração nas palavras para em seguida reorganizá-las. Chamamos atenção ainda para a inscrição do nome "Bataille", grande influência filosófica da autora, no canto esquerdo superior da folha.

Deixou de ser Mico?

Hilda Hilst

E se eu ficar lúdica, pastosa, permissiva e sonora, casta e contundente e não dizer mais nada congruente, se eu ficar esmolando pelas ruas, lúcida espirocando, se eu levitar enquanto sobre o meu texto tu flutuas, se eu disser que aos cinco anos de idade aquela prodigiosa Simone Weill (informem-se) sentindo frio depois do banho disse ao seu próprio corpo e diante de sua perplexa mãezinha: "Tu tremes, carcaça?", o que tu sentirias? O que é o insólito, o imponderável, o horrível? O que é ser feito de carne, hen gente? O que quer dizer coisa, pensar, acontecer? Como é o teu tempo? O que é o Tempo? E antes e depois? É obsceno dizer pústula? E salário mínimo, também? E fruta? E maçã, com aquele rãgo no meio? E boca? E fome? E fora de cena é obsceno ficar? E ser velho e disforme e verrugoso ainda é ser? E ser uma jovem mula acariciante, mulher loira ou crioula, é ser o quê? E se dividissem o país em vinte e tres países e contratassem um milhão de japoneses, tudo aqui não ia ser do cacete e ~~ser~~ crescer? O que é isso de sonhar escombros como parece ser o sonho de todos os ministros, e chupar o dedão do pé dos banqueiros todos como se acontecer a múltiplos políticos, o que é isso, hen, de em sendo assim não ser? O que é isso que tá acontecendo que mandam a gente esquecer tudo o que ele escreveu de bonito? Será o Fernando ou o Benedito? Ah, Benedito, eu gosto tanto do teu x Renascer. Ah, Fernando, eu gostava tanto de te ler... É o que será isso triste de ter que morrer? E matar então, que descaído?! E não ter cabimento o que é? Vem de cabido e lamento? O que é? É o choro do armário o tempo todo em pé? E o Homem ficou melhor porque lau ortodoxamente, começo meio e fim de sua própria História? E terno gravata dólar, só por isso deixou de ser Mico? Deixou? E o átomo a Bomba a Bósnia o Infinito... Descreva o ôco, um ponto torto, a bilha. O que é estar vivo? E VOCÊ SABE QUE O MORTO PERVILHA?

Hilda Hilst

Versão definitiva datilografada e assinada da crônica *Deixou de ser mico?*, publicada no *Correio Popular* em 26/jul/1993

ANEXO IV

Cartas dos leitores publicadas no *Correio Popular* na seção Correio de Leitor

[reprodução de documentos coletados no *Fundo Hilda Hilst*, mantido pelo Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE-IEL-Unicamp]

Venho comunicar que estou decepcionada com a coluna do *Caderno C* publicada nesta segunda-feira escrita por Hilda Hilst. Sou assinante deste jornal há quase dois anos, antes eu assinava a *Folha de S. Paulo*; deixei a *Folha* para assinar o *Correio Popular* porque em minha casa todos gostavam mais do *Correio*. Na minha casa as crianças com idade de 11 anos acima pegam o jornal para ler e vão encontrar uma coluna com estas coisas escritas por Hilda Hilst, você não acha que é uma baixaria? Para mim, um jornal é um meio de comunicação e cultura e de bons exemplos, imagine um jovem lendo estas coisas. Por isso que os jovens vivem pichando todas as cidades; depois de um jornal publicar estas asneiras, eles devem sentir o direito de escrever em qualquer lugar não acha? Se vocês acham que isto é uma brincadeirinha, eu não gostei, acho que tem algo mais útil para preencher uma coluna de jornal do que estes palavrões. Gostaria de ter a resposta desta carta no mesmo espaço desta coluna (...)

Bárbara Pereira de Abreu

Nota do Editor — Sobre o assunto, há diferentes pontos de vista. Como escritora, Hilda Hilst tem liberdade de expressão, que o jornal não cerceia.

Nós, os outros leitores, não tão indignados assim, queremos deixar aqui registrado o nosso protesto quanto ao preconceito e ao falso puritanismo “daqueles” leitores. As crônicas da escritora, ao contrário de indecentes ou imorais como querem rotulá-las, são gostosamente bem-humoradas e sarcásticas, na medida certa, para nos questionar justamente sobre os nossos velhos conceitos moralistas aprendidos e ensinados de geração a geração, sem graça e sem sabor... meu Deus! Até quando? Parabéns a Hilda Hilst por quebrar, embora com resistências, os velhos padrões das crônicas açucaradas e bem-comportadas. Que possamos, ao menos às segundas-feiras, ser presenteados com um espaço de bom humor e irreverência.

Olga Maria V. Oliveira
Campinas

Cartas publicadas na seção Correio do Leitor, do *Correio Popular*, em janeiro de 1993.



Carta publicada na seção Correio do Leitor, do *Correio Popular*, em 08 de janeiro de 1993.

Hilda Hilst

Lendo o *Caderno C*, mais uma "coisinha" eu começo a entender: muito se tem falado sobre a ineficácia das propagandas das campanhas que têm por objetivo a informação do problema da Aids. Aqueles que lutam para esclarecer o maior número possível de pessoas sempre se manifestam insatisfeitos por terem que lutar contra certas "barreiras". E eu não entendia isso. Agora, com o *Caderno C*, estou entendendo: pessoas pudicas, excessivamente pudoradas, preferem ouvir falar sobre Papai Noel, coelhinho da Páscoa, cegonha... e eu sempre acreditei que essas "três maiores mentiras do mundo" deixavam de existir a partir da adolescência. Sobre Aids, o educador necessita de cautela para não ferir os princípios morais da sociedade puritana (que eu julgava ser uma coisa de 20 anos atrás). Assim, lá vão eles (os educadores), em sua árdua tarefa de "esclarecimento": "É possível a contaminação através de..." E "dá-lhe jo-go de cintura": "Pega-se Aids através de sexo oral se..." Por que é proibido falar a palavra certa? Sexo oral, por exemplo, para mim, é o tal de "sexo por telefone". Falar a palavra certa é mais esclarecedor. Mesmo porque "sexo oral" não é definição. As definições, os termos populares são chulos? Ferem as pessoas moralistas? ...Mas, há no

Aurélios: cunilingua, felação... O *Caderno C* tem razão. Temos que lutar pela informação, pois, tendo ciência dos fatos, podemos nos esforçar para, pelo menos, diminuir a Aids, a fome, a violência... Existe pornografia no *Caderno C*? No dicionário do Aurélio? E no programa do Jô Soares? E no vestibular (da Unicamp)? O que é bate-coxa? E o verbete seguinte, no Aurélio? E quanto aos termos borra-botas, berdamerda, cunilingua?... Então o dicionário do Aurélio é pornográfico? Merece, também, a mesma censura dos leitores indignados com a escritora e articulista Hilda Hilst no *Caderno C*? Claro que não! No dia 29 de junho de 1992, o Jô Soares questionava uma proposta absurda de "envelopar" as edições do jornal *Notícias Populares* da capital paulista. Jornal pornográfico, segundo os moralistas. E para combater os moralistas, o grande Jô foi felicíssimo com estas frases: "(...) e acho que essa preocupação que se tem tanto com a criança devia ser dirigida para as que tão morrendo de fome no País inteiro! Inclusive em São Paulo! ...morrendo de fome numa cidade que tem esse potencial de dinheiro! Então dizer que a criança olha... (as manchetes); e fica excitada... e não sei o quê... olha: eu prefiro uma criança excitada, de barriga cheia, de pinto duro, do que uma criança

passando fome, sem ver manchetes nenhuma".

Outro exemplo: no ano passado, ou melhor, na prova de primeira fase do vestibular da Unicamp/92 (dez/91), foi incluída uma tradução da música do famoso grupo de rock americano, o Guns N' Roses, como parte da coletânea de textos do tema de redação: Policiais e pretos, é isso aí/ saiam do meu caminho (...)/ imigrantes e bichas/ não fazem nenhum sentido para mim (...)/ radicais e racistas/ não apontem o dedo para mim/ sou um garoto branco, vindo de uma cidade pequena/ apenas tentando acertar as pontas.

Ora, ora, ora! Se os atuais papais e mães ficarem censurando a leitura de seus filhos, num futuro muito próximo, num exame vestibular, certamente ficarão atônitos, abobalhados e desinformados! Papais, mães e filhinhos, puritanos.

Eu, que fui adolescente na década de 70, jamais imaginei, naquela época, que na década de 90 eu escreveria ao *Correio Popular* para protestar contra o preconceito e a censura! Aliás, uma carta assim, na década de 70, já era "meio careta"! Ou, não?

Pedro Lúcio Ribeiro
Campinas

As cartas para esta seção devem conter o máximo de dez linhas datilografadas, de 70 toques cada. Serão publicadas as que tiverem assinatura, nome completo, endereço e telefone para confirmação prévia.

Carta publicada na seção Correio do Leitor, do *Correio Popular*, em 14 de janeiro de 1993.

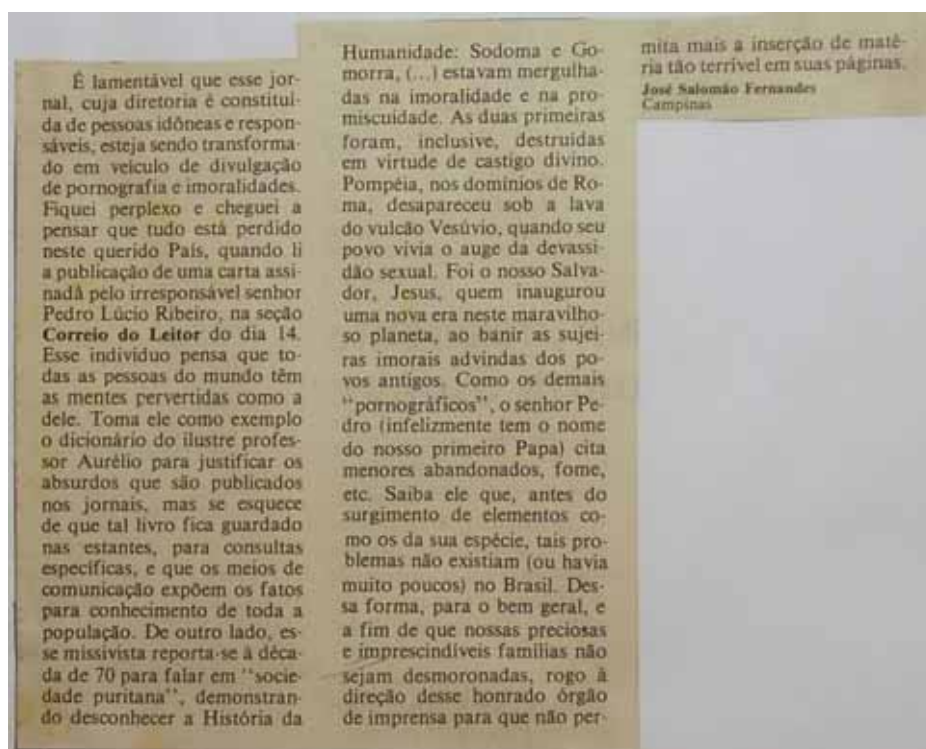
Os defensores da pornografia de Hilda Hilst no jornal confundem as estações, liberdade com licenciosidade. E partem para a agressão aos que lhes são contrários, chamando-os de moralistas e puritanos, como se isto fosse demérito, opróbrio. Para tais pessoas, o respeito ao próximo e à sociedade é coisa de pudico, excessivamente pudorado, imbecil. Para esclarecer jovens e adolescentes, tanto quanto adultos, não é preciso usar de linguagem chula e nem será com os escritos de Hilda Hilst, com seu palavreado rasteiro, de prostíbulo, que se irá resolver o problema da Aids. O correto está exatamente na linguagem simples e nos folhetos distribuídos pelo pessoal devidamente credenciado e preparado para essa divulgação, científica e sucintamente. O dicionário do Aurélio traz o verbo defecar. Nem por isso o defensor da Hilda Hilst terá o direito e a coragem de vivenciar o verbo no salão da Rodoviária e ainda por cima dispensando o papel higiênico em favor do dedo. O referido dicionário, tanto quanto o *Caldas Aulete* e outros, existe exatamente para conter o maior número de palavras e verbetes para con-

sulta de quem precisa. Todavia, quando a palavra é de baixo nível, registra-a como chula. Por outro lado, que autoridade tom o Jô Soares para falar em moral? Para se combater a miséria e a desgraça dos meninos de rua é preciso coragem, vontade e inteligência; jamais, com programas humorísticos. É um trabalho que exige perseverança e conhecimento da origem do mal e as possibilidades de solução. Ninguém, em sã consciência, gosta de ver criança faminta e abandonada e não será com artigos em linguagem chifrim, pura pornografia, que se vai resolver o problema. Em que a pornografia ajuda na solução da Aids, da fome e da violência? A menos que todos os grandes pensadores estejam errados, o homem tende a evoluir, aprimorar-se, deixando de ser uma besta para se tornar um civilizado; e isto incluindo a maneira de se expressar. O leitor, em especial o assinante do jornal, em sua grande maioria, procura o jornal pelo que apresenta de informações e não para ter uma masturbação mental com o palavreado de Hilda Hilst, no caso, mais uma compensação de alguma deficiência física e mental. Respeitar os outros e querer respei-

to não é ser "careta", é ser normal. De minha parte, graças a Deus, estudei no velho *Culto à Ciência*, com o saudoso Chico Sampaio, com textos desde os quinhentistas de Portugal até nossos Machado de Assis, José de Alencar, etc., não vendo, em função disto, necessidade de descer à sarjeta no linguajar, por falta de recursos. E como conheci de perto as normas do *Correio Popular*, que também aprendi a amar, revolto-me com a pornografia que nada acrescenta à formação de nossa juventude e muito menos à leitura dos mais velhos. Se ter uma boa formação moral e educação, respeitando os outros e a sociedade, é ser "careta", quero ser chamado de "careta". Melhor do que ser chamado de outra coisa. Não discuto o gosto dos outros, pois gosto não se discute. Henrique VIII, da Inglaterra, excitava-se sexualmente com o cheiro de ovo podre e com gases intestinais.

José Luis P. Watke
Campinas

Carta publicada na seção Correio do Leitor, do *Correio Popular*, em 19 de janeiro de 1993.



Carta publicada na seção Correio do Leitor, do *Correio Popular*, em 21 de janeiro de 1993.



Carta publicada na seção Correio do Leitor, do *Correio Popular*, em 23 de janeiro de 1993.

APÊNDICE

Entrevista

Entrevista com o escritor José Luiz Mora Fuentes.

Amigo de longa data de Hilda Hilst, o jornalista e escritor Mora Fuentes é hoje o herdeiro dos direitos autorais da obra hilstiana e luta para manter o *Instituto Hilda Hilst. Casa do Sol Viva*, localizado numa chácara nos arredores de Campinas onde Hilda viveu boa parte de sua vida.*



Chácara de Hilda Hilst nas redondezas da cidade de Campinas em São Paulo, onde hoje funciona o *Instituto Hilda Hilst. Casa do Sol Viva*.



Hilda rodeada por seus cães no jardim da Casa do Sol. Ao fundo, a suntuosa figueira.

Eduardo Bione - Como o Sr. conheceu a Hilda Hilst e como foi seu convívio com ela na Casa do Sol?

José Luiz - Conheci a Hilda no começo de 1968. Minha irmã ia para a Alemanha através de uma bolsa de estudos e não podia levar sua cachorrinha de estimação. Depois de muito procurar, inutilmente, por alguém que aceitasse a cachorrinha, comentou o fato com o dono de uma antiga e tradicional loja de agropecuária de Campinas, a Irmãos Meirelles. Ele disse conhecer uma poeta que adorava os animais, em especial os cachorros, e deu o telefone da Casa do Sol para a minha irmã. Ela ligou e combinou com a Hilda de trazer a cachorrinha. Um mês depois, quando ela foi visitar Hilda para saber se a adaptação tinha dado certo, ela me

* Esta entrevista me foi concedida gentilmente por Mora Fuentes durante o período em que estive realizando parte da pesquisa na cidade de Campinas-SP. As imagens aqui reproduzidas fazem parte do *Caderno de Literatura Brasileira* do Instituto Moreira Salles e do acervo particular de Hilda.

convidou para ir junto. Foi assim, numa noite abençoada e cheia de estrelas, que eu entrei pela primeira vez na Casa do Sol e conheci Hilda Hilst.

E.B. - Fale-nos um pouco da amiga Hilda no dia-a-dia.

J.L. - Ela era uma pessoa muitíssimo bem humorada, delicadíssima, gentil, interessada por tudo e que prestava enorme atenção no outro. Ela realmente ouvia o outro.

E.B. - A Casa do Sol, durante algum tempo, foi uma espécie de refúgio para alguns escritores que estavam começando a carreira. Como era a relação da Hilda com os iniciantes? Você poderia citar alguns dos nomes que passaram por lá?

J.L. - Escritores só teve o Caio, que morou uns meses. E nos anos '90 o poeta e crítico literário Edson da Costa Duarte. Na realidade, pouca gente morou de fato na Casa do Sol. A maioria ia nos visitar, passava alguns dias. Os que realmente moraram na Casa do Sol: o escultor Dante Casarini, a artista plástica Olga Bilenky, o Edson Costa Duarte e eu. Não havia essa relação de "iniciantes". Era uma convivência de igualdade. Bom, muitas pessoas passaram por lá. Como te disse, a maioria era "hóspede". Ficavam poucos dias.



Amigos reunidos na Casa do Sol na década de '70. Em pé, da esquerda para a direita, o segundo é o escritor Caio Fernando Abreu, a quarta Hilda Hilst, o quinto Mora Fuentes. Sentada, a segunda, a escritora Lygia Fagundes Telles.



Amigos que costumavam freqüentar a Casa do Sol: Nélida Piñon (à esquerda), Wilson Martins e a grande amiga Lygia Fagundes Telles.



Hilda, no jardim da Casa do Sol, ladeada pelas atrizes Fernanda Montenegro e Jaqueline Laurence.

E.B. - Numa entrevista, Hilda conta que, ao ler trechos de um livro que o Sr. estava escrevendo, aconselhou-lhe a abandonar a influência da obra dela e encontrar sua própria dicção. O Sr. como escritor teve dificuldades para lidar com a influência provocada pela obra hilstiana?

J.L. - Conheci Hilda quando eu tinha 17 anos. Claro que fiquei deslumbrado com sua linguagem – na época ela estava escrevendo os textos de *Fluxo-Floema* (aliás, o título foi sugestão minha!) [risos]. Eu já escrevia, mas entendi que tinha que começar do zero! Lutei conscientemente para sair dessa influência. Meu primeiro livro, *O Cordeiro da casa* ainda é muito influenciado por Hilda Hilst. O segundo, *Fábula de um rumo*, sinto que não. Aí já é uma influência que considero normal. Hilda também se influenciou barbaicamente com Samuel Beckett, isso pode ser percebido na sua novela *O Oco*. Mas depois essa influência foi “digerida”, incorporada à linguagem de Hilda. E acho que comigo aconteceu o mesmo. A novela *Sol no quarto principal* já não tem mais essa influência excessiva. Mas nossa convivência era próxima demais! Fomos inclusive apaixonados – era impossível não se apaixonar por Hilda! Namoramos até 1972, uma paixão intensamente maravilhosa. Vivíamos o mesmo Universo, na mesma casa. Acredite: as influências eram mútuas. Chegávamos a ter sonhos iguais. Líamos os mesmos livros, amávamos os mesmos autores... Essas coisas.

E.B. - Como foi para o amigo Mora Fuentes se transformar em personagem das narrativas hilstianas? Esse era um procedimento comum usado pela Hilda para construir seus personagens?

J.L. - Hoje em dia choro loucamente quando vejo ela me citar em alguns dos seus textos. A saudade é sem fim. Lembro do dia, da hora, da cor desses dias. Mas na época parecia até normal! Fui muito mal acostumado, você vê! Como a maioria dos

escritores, Hilda se alimentava do seu “ao redor” para escrever. E eu era a pessoa mais próxima a ela. Como te disse, éramos realmente muito unidos. Mesmo quando nossa paixão terminou. Para ser sincero, foi a partir desse fim que iniciamos a mais profunda amizade. Coisa da alma mesmo. Por isso quase enlouqueci quando ela morreu.



Hilda Hilst, Mora Fuentes e Gisela Magalhães.
Imagem da década de '70.

E.B. - Ao falar de seu processo criativo poético, Hilda Hilst defendia veementemente a importância da inspiração. O Sr. deve ter presenciado vários momentos de inspiração da Hilda. Para escrever as narrativas, Hilda usava o mesmo procedimento?

J.L. - Não. Hilda era muitíssimo disciplinada para escrever ficção. Entrava no seu escritório depois do café da manhã e só saía após escrever o mínimo de palavras que ela se propunha por dia – geralmente um mínimo de 600 palavras. Esse era o mínimo, mas normalmente conseguia 1 página e meia a duas.

E.B. - Em depoimento, Hilda afirmava sentir febre e dor de cabeça ao escrever e que convivia, ora amigavelmente, ora litigiosamente, com seus personagens durante todo o processo de elaboração de seus livros. A escrita era realmente um ato de exasperação para sua amiga?

J.L. - Era difícil. Mas muito prazeroso. Ela adorava escrever. Mas, como estava sempre rodeando limites, não era fácil escrever. A febre que sentia era de pura exaltação.



Hilda Hilst em seu escritório na Casa do Sol. Imagem da década de '90.

E.B. - A prosa de ficção hilstiana é povoada por homens, alguns “machões”, e apenas uma mulher protagonizando um de seus livros, a Hillé da *Obscena Senhora D.* Este fato fez com que a crítica, certa vez, nomeasse a obra hilstiana de “misógina”. Qual a opinião do Sr. a respeito disso?

J.L. - *Matamoras* também expõem uma mulher poderosa, no livro *Tu não te moves de ti*. Hilda não era “contra a mulher”. Sua misoginia era dirigida ao comportamento que a sociedade dos anos ‘50 e começo dos ‘60 exigia da mulher, transformando-a numa alienada. Essa mulher “exigida” pela sociedade, quase uma caricatura, é que era alvo das críticas de Hilda.

E.B. - O tema da homossexualidade na obra hilstiana sempre foi tratado de uma forma debochada pelo olhar dos machões que protagonizam as narrativas, porém, mais explicitamente em dois textos – *Lucas*, *Naim* e *Rútilo Nada* – essa temática recebe um tratamento mais sério, até poético. Apesar da mudança de foco, ambos os textos findam de forma trágica. Em depoimento, Hilda conta ter escrito *Rútilo Nada* sob o impacto da doença de um grande amigo, José Otaviano - a quem o livro é dedicado - e que só teria conseguido concluir a narrativa após a morte do amigo. O Sr. acompanhou esse processo? Acha que a morte desse amigo de alguma forma influenciou a conclusão do *Rútilo Nada*, pelo fato de o desfecho ser o mesmo apesar dos dezesseis anos de intervalo entre o primeiro e o segundo texto?

J.L. - Esse nosso amigo morreu de AIDS. Teve uma atitude muito corajosa e digna. Quando chegou o momento em que os remédios não funcionavam mais, chamou os amigos mais íntimos, despediu-se e recusou tomar a medicação. Pediu para ser sedado. E foi assim que ele se foi. Sentimos muito sua perda, era uma pessoa rara, muito bonita mesmo. Sem dúvida, esse destino do Otaviano contribuiu para a

trágica poesia de Rútilo Nada – que, aliás, contém uns dos começos que eu acho dos mais lindos na LITERATURA: *Os sentimentos vastos não têm nome. Perdas, deslumbramentos, catástrofes do espírito, pesadelos da carne, os sentimentos vastos não têm boca, fundo de soturnez, mudo desvario, escuros enigmas habitados de vida mas sem sons, assim eu neste instante diante do teu corpo morto.* Mas a tragicidade das histórias “homo” de Hilda se devem principalmente à dificuldade e preconceitos que essas relações ainda encontram na nossa sociedade. Quase uma “revisitação” de *Romeu e Julieta*. A rota final do preconceito invade a tragédia.

E.B. - Mudando um pouco de assunto... Em que ocasião Hilda Hilst resolveu escrever crônicas? A escrita de crônicas era uma prática comum ou teve início apenas com o convite do *Correio Popular*?

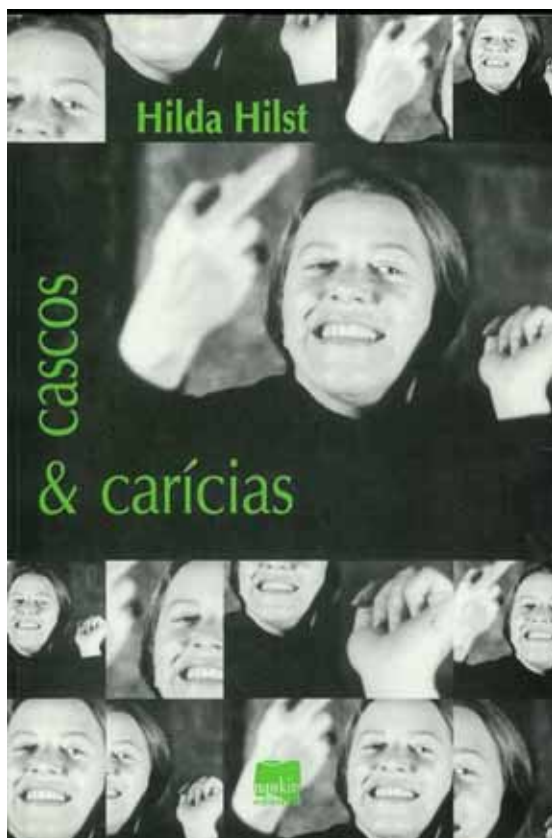
J.L. - Foi mesmo a falta de grana – pura necessidade financeira – que levou Hilda a aceitar o convite do *Correio Popular*. Mas, por mais de um ano, adorou escrevê-las. Divertia-se muito. Ríamos loucamente com suas crônicas. Nós nos reuníamos para ajudá-la nos temas. Foi um período delicioso. Depois, quando começou a se transformar em tortura semanal, Hilda foi se desinteressando. Inclusive porque estava iniciando o processo literário que culminou em *Estar sendo. Ter sido*. Não dava pra “mergulhar” fazendo crônicas. Então saiu do jornal.

E.B. - Como foi para ela lidar com esse gênero considerado “menor”?

J.L. - Ela não achava esse gênero “menor”. Apenas outra forma de literatura.

E.B. - Em crônica publicada no dia 04 de outubro de 1993, *O arquiteto dessas armadilhas*, Hilda afirma não gostar da obrigação imposta pelo gênero de ser sempre “pra cima, vivaz, alegrinha”. Porém, analisando o conjunto das crônicas, observamos a permanência, na quase totalidade dos textos, das temáticas densas que sempre freqüentaram sua obra, tais como, morte, Deus, loucura, corrupção, hipocrisia, etc. Como era para a Hilda conciliar dois universos tão distintos? A Hilda enfrentou algum tipo de resistência por parte do *Correio Popular* para publicar esses textos? O Sr. tem conhecimento de como foi a recepção desses textos pelos leitores do referido diário?

J.L. - Por parte do *Correio* nunca houve interferência, mas o público campineiro reagiu veementemente. As Cartas de leitores explodiam na redação. Era mais ou menos meio a meio: uns odiavam Hilda, considerando-a a reencarnação do mal; outros amavam de paixão, entendiam completamente o “desmascaramento” proposto por Hilda nas crônicas.



Capa da 1ª edição das crônicas reunidas, *Cascos & Carícias*. Na foto, uma Hilda provocadora.

E.B. - A cronologia da obra hilstiana informa o período de produção das crônicas como sendo a partir da contribuição para o *Correio Popular*, período que vai de 1992 a 1995. Porém, há uma crônica do ano 1964, intitulada *1964: agüenta coração!*. Trata-se de um caso isolado ou a crônica sempre fez parte da produção da escritora, vindo ao conhecimento do público apenas a partir do convite do jornal campinense?

J.L. - *Agüenta Coração* não é uma crônica e não foi escrita em 1964 – época em que Hilda escrevia só poesia. *Agüenta Coração* foi um conto encomendado pela editora Relume-Dumará, em finais de 1996. Tanto que já fala do Lula. O livro, uma coletânea, foi relançado agora pela Ediouro: *22 contistas em campo* – seleção de Flávio Moreira da Costa.

E.B. - Em algumas crônicas, Hilda Hilst diz não estar inspirada e no lugar das crônicas publica trechos de sua obra poética e ficcional. Esse procedimento era realmente falta de inspiração ou tentativa de divulgar a obra usando o poder midiático do jornal?

J.L. - Era realmente saco cheio de escrever as crônicas.

E.B. - Para o Sr., fora as ocasiões em que trechos da obra anterior foram publicados, qual o valor dessas crônicas dentro do conjunto da obra de Hilda Hilst? O Sr. reconhece uma tessitura literária nessas crônicas?

J.L. - Sem dúvida, sim! As crônicas, assim como os textos eróticos de Hilda, contribuíram profundamente para que ela ampliasse sua linguagem, conseguisse um despojamento e coragem invejáveis na linguagem. Podia realmente “falar” sobre tudo. Sem essas experiências ela não teria conseguido o maravilhoso *Estar sendo. Ter sido*.

E.B. - Em 1998, as crônicas de Hilda foram reunidas e publicadas em *Cascos & Carícias*, livro que o Sr. resenhou para a revista *Cult*. Como foi feita a seleção dos textos, qual o critério usado por Hilda para escolher as crônicas que sairiam no livro? Houve um projeto estrutural para a coletânea, assim como os outros livros?

J.L. - Não. Ela deixou que o editor Fábio Weintraub fizesse essa escolha. Ele deixou muitas de lado, num critério pessoal. Essas serão incluídas agora na reedição da Globo.

E.B. - Em famoso ensaio, o Prof. Antonio Candido afirma que “a crônica não é um ‘gênero maior’. Não se imagina uma Literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor.”. Para o Sr., como escritor, a crônica é realmente a “prima pobre” da Alta Literatura? Seria o caso de se diminuir a produção cronística de um Machado de Assis, um João do Rio, um Drummond, uma Clarice Lispector, uma Hilda Hilst?

J.L. - Acho que o Antônio Cândido foi totalmente infeliz – pra não dizer coisa pior – nessa tosca opinião. Como em todas as coisas, a profundidade da crônica vai depender puramente do talento e criatividade do cronista! É outra forma de registro, apenas isso. Essa história me lembra um pouco aquela disputa “purista” dos anos 60/início dos 70, entre a Música Popular e o Rock! Uma era Maravilhosa, o outro era um simples arremedo! Bom... Acho que o Rock – inclusive o nacional – soube muito bem mostrar ao que vinha.